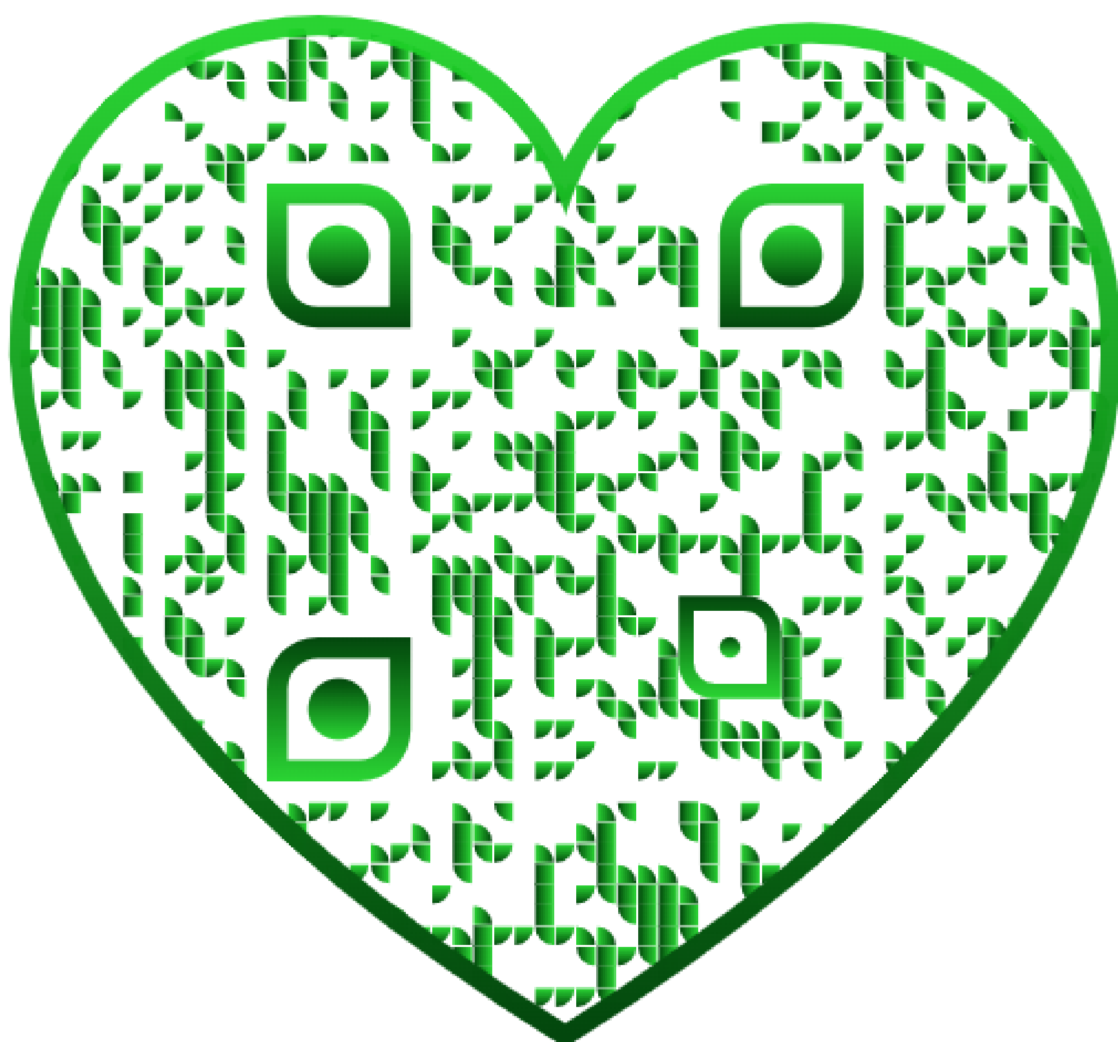
Ática Universidade

CURSO DE REDAÇÃO

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

editora ática



Antônio Suárez Abreu

CURSO DE REDAÇÃO

Professor associado da USP e
professor titular de língua portuguesa da Unesp

ÁTICA UNIVERSIDADE

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

editora ática

© Antônio Suárez Abreu

Editor-chefe	Carlos S. Mendes Rosa
Editor assistente	Frank de Oliveira
Revisor	Maurício Katayama
Estagiária	Monise Martinez

ARTE

Editor	Vinicius Rossignol Felipe
Diagramadora	Leslie Morais
Estagiária	Júlia Tomie Yoshino
Projeto gráfico da capa	Estúdio Graal
Projeto gráfico de miolo	Homem de Melo & Troia Design

12ª EDIÇÃO, 5ª IMPRESSÃO
Diretor editorial adjunto: Fernando Paixão • Coordenadora editorial: Maria Dolores Prades • Editores assistentes: Malu Rangel, Wally Constantino Guanaes Barbero • Revisão: Ivany Picasso Batista (coord.), Alessandra Miranda de Sá, Sandra Regina de Souza • Editora de arte: Suzana Laub • Editor de arte assistente: Antonio Paulos • Editoração eletrônica: Studio 3 Desenvolvimento Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A154c
12.ed.

Abreu, Antônio Suárez
Curso de redação / Antônio Suárez Abreu. - 12.ed. - São Paulo : Ática, 2004.
168p.

Contém exercícios
Apêndices
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-09138-6

1. Língua portuguesa - Composição e exercícios. I. Título. II. Série.

10-1154. CDD: 469.8
CDU: 811.134.3'27

ISBN 978 85 08 09138-6

2010
12ª edição
6ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 0800-115152 – Fax: (11) 3990-1776
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional – atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

Prefácio 6

Prefácio à 3ª edição 7

Prefácio à 12ª edição 7

Primeira parte

[1]

Discurso, texto e enunciação 9

[2]

Textualidade e coesão

Mecanismos de coesão textual 13

Exercícios 24/29

[3]

Articulação sintática do texto

Uso dos operadores argumentativos 30

Exercícios 38

[4]

Coerência textual

Macroestrutura dos textos argumentativo e narrativo 41

Exercícios 45/52

[5]

Gêneros, tipos textuais e domínios discursivos 54

[6]

Macroestrutura do texto e uso dos tempos verbais 56

Exercícios 60

[7]

Polifonia e intertextualidade 62

Exercícios 67

[8]

Impessoalização do texto 68

Exercícios 72

[9]
Parágrafo
Tópico de parágrafo e desenvolvimento 73
Exercícios 77

Segunda parte

[10]
Composição do texto 79
[10.1]
Texto argumentativo ou narrativo?
A questão da relevância ilocucional 79
[10.2]
Processos de esfriamento do texto
Importância do repertório 84
Exercícios 89
[10.3]
A metáfora como processo de esfriamento
Classificação de Jensen 89
Exercícios 94
[10.4]
Colocando em prática o aprendido 95
[11]
Formatação do texto 97

Apêndice

[1]
Correção gramatical do texto 100
[1.1]
Acentuação gráfica 100
[1.1.1]
Palavras tônicas e palavras átonas 100
Exercícios 101
[1.1.2]
Regras de acentuação gráfica 102
Exercício 105

[1.2]
Emprego do acento da crase 106
Exercício 110
[1.3]
Indicação para o emprego de algumas letras 110
[1.3.1]
Noções de sintaxe 114
[1.4]
Pontuação. Emprego da vírgula 115
Exercício 117
[1.5]
Concordância 118
[1.5.1]
Concordância nominal 118
Exercício 122
[1.5.2]
Concordância verbal. Primeira parte 123
Exercícios 127
[1.5.3]
Concordância verbal. Segunda parte 128
Exercício 130
[1.6]
Regência verbal 131
Exercício 135
[1.7]
Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos 136
Exercício 138
[1.8]
Emprego dos particípios duplos 139
Exercício 140
[1.9]
Guia de dificuldades da língua portuguesa 140
[1.10]
Resolução dos exercícios 159
Referências bibliográficas 168

Prefácio

Este livro tem por objetivo servir de guia prático e eficaz a todos aqueles que têm necessidade de redigir em sua vida diária, sejam profissionais ligados diretamente à área da escrita, como professores, pesquisadores, jornalistas, advogados, e até mesmo profissionais de áreas mais técnicas, como engenheiros, analistas de sistema e outros que também se defrontam com a tarefa muitas vezes árdua de produzir um texto. É um livro básico, ainda, tanto para estudantes universitários de qualquer área, como para aqueles que vão prestar prova de redação em exames vestibulares.

Por todos esses motivos é que deixei de privilegiar nele o universo do discurso literário (que não se acha completamente ausente) para trabalhar com outros aspectos de discurso. Trata-se de um livro que é fruto de vários cursos que tive a oportunidade de ministrar a professores da rede estadual, por intermédio do convênio Universidade de São Paulo/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), de serviços prestados na elaboração de provas de vestibular, e assessorias de redação prestadas a grandes empresas no estado de São Paulo.

A inspiração teórica se encontra vinculada às modernas correntes da linguística textual e da pragmática. A primeira parte é dedicada a um trabalho mais específico da *gramática do texto*, procurando mostrar ao leitor como se processam suas articulações sintática e semântica. A segunda parte trata da composição do texto, de como é possível trabalhá-lo de maneira a torná-lo claro e estimulante para seus leitores.

Há ainda um apêndice, em que abordo, sucintamente, as questões gramaticais mais comuns, procurando fazer isto de maneira didática, a partir de descrições mais simples do que aquelas encontradas usualmente nas gramáticas do português.

Minha fonte, nessa parte, são trabalhos meus e de vários colegas, na área de linguística aplicada, e também a experiência docente acumulada na Universidade de São Paulo e na Universidade Estadual Paulista (Unesp).

O Autor

Prefácio à 3ª edição

Esta edição traz modificações feitas a partir de sugestões de colegas, de alunos e de minha própria experiência. Acredito que as mudanças tornaram o livro mais moderno, mais fácil e agradável de ser lido.

Gostaria de agradecer, em especial, à Marisa Lajolo, as importantes contribuições que me permitiram modificar a redação do primeiro capítulo.

São Paulo, dezembro de 1990.

O Autor

Prefácio à 12ª edição

A atual edição encontra-se revitalizada e atualizada. Acrescentei informações importantes aos capítulos da coesão textual e da coerência. Introduzi um pequeno capítulo a respeito dos gêneros textuais e refiz completamente a redação do capítulo que tratava da formatação do texto. Atualizei, também, alguns exemplos e corrigi pequenas falhas. Tenho certeza de que os leitores serão grandemente beneficiados por essas mudanças.

São Paulo, maio de 2003.

O Autor

Primeira parte

[1]

Discurso, texto e enunciação

Imaginemos duas pessoas conversando: Luís e Helena. Luís diz a Helena o seguinte:

– Helena, você sabe o endereço do Maurício? Eu preciso mandar uma carta a ele ainda hoje.

Vamos chamar Luís de *enunciador* e Helena de *enunciatário*. Aquilo que o enunciador Luís disse ao enunciatário Helena e que está transcrito acima é um *texto*. Para entender, entretanto, esse texto, não basta a Helena basear-se apenas nele, no seu conteúdo semântico específico. Se ela fizesse isso, poderia dar uma resposta simples, um *sei* apenas, o que deixaria Luís furioso, uma vez que ele não está fazendo um teste de conhecimentos com ela, mas sim pedindo uma informação para enviar correspondência. Essa intenção do enunciador Luís é chamada de *enunciação* ou *ato ilocucional*. A enunciação poderia estar presente no texto, caso Luís se expressasse dizendo:

– Helena, eu quero que você me forneça, caso saiba, o endereço do Maurício, pois preciso mandar uma carta a ele ainda hoje.

Muitas vezes, entretanto, como no primeiro exemplo, a enunciação não está presente no texto. De que maneira, então, Helena é capaz de captá-la, apesar disso? Simplesmente pelo fato de ela ter o conhecimento prévio de que perguntas podem ser utilizadas como maneira indireta de fazer pedidos. De fato, quando alguém se aproxima de nós e nos pergunta se temos horas ou se temos um cigarro, não está apenas querendo saber se estamos com relógio ou se temos de fato um cigarro, mas obter de nós a informação sobre que horas são ou ganhar um cigarro.

Como vemos, ouvir ou ler um texto é muito mais do que entender o que está dito ou escrito. É conseguir também, a partir do nosso conhecimento do mundo, que chamarei aqui de *repertório*, perceber as intenções (enunciação) que o enunciador teve quando elaborou ou *codificou* seu texto. Dizemos que, quando o ouvinte ou leitor foi capaz de realizar esse percurso: ouvir ou ler o texto, associando-o à intenção/enunciação do emissor, ele conseguiu *decodificá-lo*.

Dar ordens, fazer promessas, pedir desculpas são outros exemplos de enunciação (intenção do emissor). Mas vamos a outros exemplos.

Imaginemos que alguém se dirige a uma faxineira, apontando um cinzeiro cheio de pontas de cigarro, e diz: **O cinzeiro está cheio**. É óbvio que o objetivo desse alguém (sua enunciação) foi dar ordem à faxineira de esvaziar e limpar o cinzeiro.

Outra situação, bastante comum, é a de duas pessoas desconhecidas se encontrarem num ponto de ônibus ou dentro do elevador e iniciarem uma conversa sobre o tempo, em moldes semelhantes ao que se segue:

– Parece que esfriou um pouco, né?

– É. Esfriou sim. Mas na semana passada estava mais frio. Hoje, pelo menos, está fazendo sol.

É claro que as duas pessoas em questão não estão absolutamente interessadas no que estão dizendo. Estão simplesmente praticando um ritual de contato, que é, por assim dizer, a enunciação desse diálogo.

Uma outra experiência bastante comum, de uma enunciação ou ato ilocucional praticado indiretamente, é a do rapaz que, diante de uma moça bonita, lhe pergunta: **Você tem alguma coisa para fazer hoje à noite?** É claro que sua intenção não é ser informado sobre o que ela pretende ou não fazer depois do jantar, mas tão simplesmente realizar um convite, provavelmente de natureza afetiva.

Como podemos ver, a criação de um texto envolve uma intenção, e seu entendimento envolve não apenas o conteúdo semântico – aquilo que o texto diz – mas a interpretação da intenção de quem o produziu. Muitas vezes, perdidos na fala de nosso emissor, perguntamos: **Mas o que é que você quer dizer com isso?** Trata-se de uma pergunta sobre a enunciação.

Disso tudo, podemos dizer que o texto é um produto da enunciação, estático, definitivo e, muitas vezes, com algumas marcas da enunciação que nos ajudarão na tarefa de decodificá-lo.

O discurso, entretanto, é dinâmico: principia quando o emissor realiza o processo de textualização e só termina quando o destinatário cumpre sua tarefa de interpretação. Nesse sentido, podemos dizer, também, que o discurso é histórico. Ele é feito, em princípio, para uma ocasião e público determinados.

Na conversação e nos noticiários de televisão, temos exemplos de textualização e interpretação simultâneas. Muitas vezes, todavia, a textualização acontece em um tempo bem anterior ao da interpretação, como ocorre com o texto escrito, muito embora o intervalo entre ambos os processos tenha uma duração bastante variável.

Na elaboração do texto jornalístico, por exemplo, o intervalo entre textualização e interpretação é breve, mas já não acontece o mesmo com um romance ou um artigo científico, que podem ficar muito tempo à espera da leitura que os transforme em discurso.

Uma vez, sob um maravilhoso céu noturno, em companhia de um colega, físico, aprendi que, olhando para as estrelas, estamos avistando o passado, uma vez que aquilo que vemos é apenas a luz emitida por elas há milhões e milhões de anos. Elas poderiam nem mesmo existir mais, porém, ainda assim, estaríamos vendo-as pela luz emitida em tempos remotos.

Essa comparação serve ao discurso. Podemos dizer que o discurso da *Odisseia* de Homero teve início quando Homero produziu o texto da *Odisseia,* mas só se completou em cada um dos momentos em que seus leitores cumpriram sua parte de ler a *Odisseia*. Assim, por exemplo, se eu nunca a tivesse lido e fosse fazê-lo agora, estaria entrando em contato com um discurso materializado em texto que se teria iniciado muitos séculos antes de Cristo, mas que só se completaria agora, com a minha leitura atual. Mas pode acontecer também que eu já tivesse lido a *Odisseia* e me dispusesse a lê-la de novo. Nesse momento, seria construído um novo discurso, diferente daquele construído quando da minha primeira leitura, pelo simples motivo de que eu mudei minha visão de mundo, meus

conhecimentos; meu *repertório*, enfim, era um quando tomei contato com o texto pela primeira vez. Agora, é outro. Nesse sentido é que podemos dizer que um texto, uma vez pronto, é algo estático, e que o discurso, ao contrário, é sempre dinâmico e pode ser repetido infinitamente, sempre de formas diferentes, dependendo dos repertórios de seus leitores.

[2]

Textualidade e coesão
Mecanismos de coesão textual

Um texto não é uma unidade construída por uma soma de sentenças, mas pelo encadeamento semântico delas, criando, assim, uma trama semântica a que damos o nome de textualidade. O encadeamento semântico que produz a textualidade chama-se coesão. Podemos definir a coesão, mais especificamente, dizendo que se trata de uma maneira de recuperar, em uma sentença *B*, um termo presente em uma sentença *A*.

Se perguntarmos por exemplo a um falante do português se duas sentenças como **Pegue três maçãs**, **Coloque-as sobre a mesa** constituem um texto, sua resposta será afirmativa. Se lhe perguntarmos o motivo, dirá ele que ambas tratam da mesma coisa. Se lhe perguntarmos, ainda, se existe algo na segunda sentença que a possa ligar à primeira, ele nos apontará o pronome **as**. De fato, o pronome **as** recupera semanticamente, na segunda sentença, o termo **três maçãs**. Eis aí um exemplo de coesão textual, de textualidade.

A maior parte das pessoas constrói razoavelmente a textualidade na língua oral, mas, quando se trata de escrever um texto, em geral se limitam a usar as palavras **mesmo** e **referido**, produzindo sequências do tipo:

(1) Pegue três maçãs. Coloque as mesmas sobre a mesa.

(2) João Paulo II esteve, ontem, em Varsóvia. Na referida cidade, o mesmo disse que a Igreja continua a favor do celibato.

É muito fácil, porém, evitar este desagradável procedimento, fazendo uso dos amplos recursos de que a língua dispõe para construir a textualidade. Trata-se dos *mecanismos de coesão*.

Para entender esses mecanismos, vejamos outras versões possíveis da sequência (2):

(2a) João Paulo II esteve, ontem, em Varsóvia. Lá, ele disse que a Igreja continua a favor do celibato.

Nessa versão, o termo **Varsóvia** está recuperado pelo advérbio **lá** e o termo **João Paulo II**, pelo pronome **ele**. Esse processo de coesão se chama *coesão por referência*. As palavras responsáveis por esse tipo de coesão são, como acabamos de ver, os pronomes, que podem ser pessoais (**ele**, **ela**, **nós**, **o**, **a**, **lhe** etc.), possessivos (**meu**, **teu**, **seu** etc.), demonstrativos (**este**, **esse**, **aquele** etc.), os advérbios de lugar e também os artigos definidos. Eu posso, por exemplo, repetir um substantivo já contido em uma sentença *A* anterior, mas devo marcá-lo, na sentença *B*, pelo artigo definido.

Vejamos os exemplos a seguir:

(3) Pedi uma cerveja. A cerveja, entretanto, não veio gelada.

(4) Pedi uma cerveja. Uma cerveja, entretanto, não veio gelada.

A sequência (3) é bem-formada. Tem textualidade, coesão. O mesmo não acontece com a (4), onde a pura repetição do termo da sentença anterior, sem o uso do artigo definido, faz com que haja uma ruptura no plano semântico.

Uma outra alternativa para fazer a coesão da sequência (2) seria:

(2b) João Paulo II esteve, ontem, em Varsóvia. Lá, disse que a Igreja continua a favor do celibato.

Em (2b), **João Paulo II** se acha retomado na segunda sentença por ausência, ou seja, o leitor, ao ler a segunda frase, depara com o verbo **disse** e, para interpretar seu sujeito, tem de voltar à sentença anterior e descobrir que *quem disse* foi João Paulo II. Este processo de coesão tem o nome de *elipse*.

Uma outra possibilidade seria utilizar palavras ou expressões sinônimas dos termos que deverão ser retomados em sentenças subsequentes. No caso em questão, podemos usar a palavra **papa**, para retomar **João Paulo II**, e a expressão **capital da Polônia**, para retomar **Varsóvia**, o que produziria uma sequência como:

(2c) João Paulo II esteve, ontem, em Varsóvia. Na capital da Polônia, o papa disse que a Igreja continua a favor do celibato.

As palavras mais usadas neste processo de coesão são os chamados sinônimos superordenados ou hiperônimos, ou seja, palavras que correspondem ao gênero do termo a ser retomado, em coesão. Como exemplos de sinônimos superordenados podemos ter séries como:

mesa................................ móvel
faca................................. talher
termômetro.................... instrumento
computador.................... equipamento
enceradeira .... eletrodoméstico

Empregando tais sinônimos, para obter a coesão textual, podemos trocar sequências de gosto duvidoso como:

(5) Acabamos de receber trinta termômetros clínicos. Os mesmos deverão ser encaminhados ao departamento de pediatria.

por sequências como:

(5a) Acabamos de receber trinta termômetros clínicos. Esses instrumentos deverão ser encaminhados ao departamento de pediatria.

Esse tipo de coesão permite também àquele que escreve manifestar sua atitude apreciativa, ou depreciativa, em relação aos termos-objetos da coesão. Dessa maneira, este mecanismo, que se chama *coesão lexical*, pode representar uma marca da enunciação, tal como a definimos no capítulo anterior. Vejamos como isso acontece.

Em uma apreciação positiva, poderíamos dar a (2) uma versão como a seguinte:

(2d) João Paulo II esteve, ontem, em Varsóvia. Lá, Sua Santidade disse que a Igreja continua a favor do celibato.

Numa apreciação negativa, poderíamos ter uma versão como:

(2e) João Paulo II esteve, ontem, em Varsóvia. Lá, o mais recente aliado do capitalismo ocidental, disse que a Igreja continua a favor do celibato.

Um outro fato a ser observado é que, nestas duas últimas versões, "misturamos" os mecanismos de coesão, pois utilizamos o advérbio **lá** (coesão por referência) e expressões como **Sua Santidade** ou **o mais recente aliado do capitalismo ocidental** (coesão lexical). Este procedimento de variar os mecanismos de coesão é perfeitamente normal, embora se diga que a preferência por determinados processos de coesão poderia ser tomada como uma marca de estilo pessoal.

Uma outra maneira de expressar a coesão lexical é utilizar a metonímia (parte pelo todo). Examinemos, a esse propósito, a seguinte sequência:

(6) O presidente Bush deverá reunir-se ainda nesta semana com o *premier* russo Vladimir Putin. Fontes bem-informadas acreditam, entretanto, que não será ainda desta vez que Moscou cederá às pressões da Casa Branca sobre a guerra do Iraque.

Nesse texto, estamos retomando **o presidente Bush**, que representa o governo americano, por *uma parte* desse governo, o palácio do governo, **a Casa Branca**. Ao mesmo tempo, retomamos o governo russo, representado no texto pelo termo **o *premier* russo Vladimir Putin**, também por *uma parte* do governo russo, a capital do país: **Moscou**.

Não é difícil nos lembrarmos de outros exemplos encontrados diariamente nos jornais e revistas, em expressões como **Planalto ainda não se decidiu por um novo plano econômico** ou **Brasília é contra acordo entre partidos**.

Finalmente, um outro processo de coesão também bastante útil, o da *substituição*, consiste em abreviar sentenças inteiras, servindo-se de predicados prontos como **fazer isso** em sequências como:

(7) O presidente pretende anunciar as novas medidas que mudarão o imposto de renda, mas não deverá fazer isso nesta semana.

Em vez de uma sequência como **mas não deverá anunciá-las nesta semana**, usamos, em (7), o processo de substituição.

Coesão lexical e clareza do texto

Um efeito colateral positivo da coesão lexical, que o leitor já deve ter percebido, é a maior clareza do texto. Comparemos as duas versões, a seguir, de um mesmo trecho:

Versão (1):

> *O governo de muitos países tem decidido liberar a maconha para uso doméstico. A Inglaterra agora faz vistas grossas ao* ***seu*** *consumo.* ***Ela*** *deixará, a partir de agora, de efetuar prisões por* ***seu*** *porte para consumo próprio.* ***Ela*** *segue a tendência europeia de maior tolerância com os usuários de drogas leves.*

Versão (2):

> *O governo de muitos países tem decidido liberar a maconha para uso doméstico. A Inglaterra agora faz vistas grossas ao consumo* ***da erva****.* ***As autoridades inglesas*** *deixarão, a partir de agora, de efetuar prisões pelo porte* ***desse entorpecente*** *para consumo próprio.* ***O país*** *segue a tendência europeia de maior tolerância com os usuários de drogas leves.*

Na primeira versão, a coesão textual é realizada por pronomes como **seu** e **ela**, o que não conduz a um texto claro. Na segunda, a coesão é construída pela coesão lexical, com sinônimos e hiperônimos. O resultado é um texto bem mais claro.

Coesão lexical como fonte adicional de informação

A coesão lexical pode criar, paralelamente à linha do texto, um outro canal extra de informação. Trata-se de um procedimento bastante comum no jornalismo, como podemos observar no seguinte texto publicado pela revista *Veja*:

Desde que ***os terroristas da Al Qaeda*** *atacaram o World Trade Center e o Pentágono, no ano passado, há uma certeza:* ***a organização islâmica*** *prepara novos atentados. A dúvida é quando e onde. Nos últimos dez meses, a derrota no Afeganistão e a vigilância internacional tornaram mais difícil a comunicação entre as células* ***do grupo terrorista liderado pelo saudita Osama bin Laden****.*[1]

Na linha do texto, temos a informação de que o grupo terrorista que atacou os Estados Unidos em 2001 prepara novos atentados, não se sabe onde, mas que tem, no momento, a comunicação entre seus membros dificultada pela derrota no Afeganistão e pela vigilância internacional. Como uma espécie de contraponto à linha do texto, os processos de coesão lexical criam um outro canal informativo. Na primeira ocorrência, ficamos sabendo que se trata da organização terrorista Al Qaeda. A primeira retomada por coesão lexical acrescenta que se trata de um grupo islâmico e a segunda, que é liderado por Osama bin Laden e que ele tem origem saudita. Vejamos um outro exemplo veiculado pelo jornal *Folha de S.Paulo*, por ocasião da morte do escritor Jorge Amado:

Pelo menos 9.000 pessoas acompanharam o velório e a saída do cortejo fúnebre do ***escritor baiano Jorge Amado****, morto anteontem, aos 88 anos, por insuficiência cardíaca, de acordo com a Polícia Militar.* ***O escritor brasileiro mais conhecido no mundo*** *foi velado no Palácio da Aclamação, centro de Salvador.*[2]

Na linha do texto, temos a informação de que 9 mil pessoas acompanharam o velório do escritor baiano Jorge Amado, no Palácio da Aclamação, e a saída de seu cortejo fúnebre. No canal construído pela coesão lexical, ficamos sabendo que é o escritor brasileiro mais conhecido no mundo. Mesmo que o leitor da matéria não tivesse nenhum conhecimento sobre Jorge Amado, ao final desse curto trecho já teria construído, em seu repertório, um espaço mental, dentro do qual acrescentaria aos seus conhecimentos que Jorge Amado é o escritor brasileiro mais conhecido no exterior.

Em muitos casos, o processo de coesão lexical se adapta aos diferentes momentos da linha do texto. Um exemplo interessante é fornecido pelos trechos a seguir, extraídos do capítulo 8 do livro *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho. No primeiro trecho, o lobisomem aparece como uma realidade temível a ser enfrentada pelo coronel Ponciano de Azeredo Furtado:

---

1 Revista *Veja*, São Paulo, 17 jul. 2002, p. 50.

2 *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 8 ago. 2002.

– Quem vem lá? De resposta tive novo assobio. Num repente, relembrei estar em noite de ***lobisomem*** *– era sexta-feira. [...] Já um estirão era andado quando, numa roça de mandioca, adveio aquele* ***figurão de cachorro, uma peça de vinte palmos de pelo e raiva****. Na frente* ***de ostentação tão provida de ódio****, a mulinha de Ponciano debandou sem minha licença por terra de dormideira e cipó, onde imperava toda raça de espinho, caruru-de-sapo e roseta-de-frade.*[3]

A retomada do lobisomem por **figurão de cachorro**, **uma peça de vinte palmos de pelo e raiva** e, depois, por **ostentação tão provida de ódio** torna mais dramático o perigo representado pela aparição.

Mais à frente, há um momento em que o coronel Ponciano se refugia no alto de uma figueira e o lobisomem principia a encenar uma espécie de esconde-esconde. O caráter brincalhão desse procedimento se reflete no processo de construção do texto por coesão lexical, que retoma o lobisomem como **galhofista**:

Já nessa altura eu tinha pegado a segurança de uma figueira e lá de cima, no galho mais firme, aguardava a deliberação do lobisomem. Garrucha engatilhada, só pedia que o assombrado desse franquia de tiro. Sabidão, cheio de voltas e negaças, deu ele de executar macaquice que nunca cuidei que um lobisomem pudesse fazer. Aquele par de brasas espiava aqui e lá na esperança de que eu pensasse ser uma súcia deles e não uma pessoa sozinha. O que o ***galhofista*** *queria é que eu, coronel de ânimo desenfreado, fosse para o barro denegrir a farda, deslustrar a patente.*[4]

Finalmente, depois de vencido por Ponciano, o lobisomem é retomado, por coesão lexical, como uma coisa frágil (**penitente cansado** e **condenado**):

– Tenha pena de mim, coronel Ponciano de Azeredo Furtado. Sou um lobisomem amedrontado, corrido de cachorro, mordido de cobra. Na lua que vem, tiro meu tempo de penitência e já estou de emprego apalavrado com o povo do governo.

Em presença de petição tão dorida, de ***penitente cansado****, fiquei sem saber que partido tomar: do torniquete ou do lobisomem. Mas de pronto, meu coração molenga resolveu derrogar a sentença firmada. Concedi passaporte ao* ***condenado****:*

– Estais livre![5]

---

3 Carvalho, *O coronel e o lobisomem*, p. 178.
4 Idem, ibidem, p. 179.
5 Idem, ibidem, p. 181-182.

Esse processo de correlação entre o conteúdo da linha do texto e o uso da coesão lexical aparece tanto em textos narrativos, como no exemplo anterior, quanto em textos de natureza argumentativa, como no exemplo a seguir:

> *O Brasil vai deixar de ter população rural em 2030, se continuarem sendo usados os critérios atuais para definir o grau de urbanização do país.* ***Esse absurdo, teórico e prático,*** *foi apontado ontem pelo pesquisador da USP, José Eli da Veiga, em palestra realizada na 54ª Reunião anual da SBPC.*[6]

A retomada do uso dos **critérios atuais para definir o grau de urbanização do país**, pela expressão: **esse absurdo teórico e prático**, tem o efeito de influir argumentativamente no julgamento do leitor.

Coesão textual indireta

Às vezes, a coesão textual é feita de maneira indireta, apelando para o conhecimento que o leitor tem do mundo. Vejamos a seguinte sequência:

Ontem fui a uma **festa de casamento**. O **bolo** estava delicioso.

A palavra **bolo** é responsável pela coesão entre as duas frases, mas não retoma nenhum termo da anterior. Está, porém, "contido" dentro de **festa de casamento**, uma vez que o leitor desse pequeno texto é capaz de associar a ele várias ideias como bolo, champanhe, vestido de noiva, convidados, presentes etc. O conjunto dessas ideias compõe aquilo que chamamos *frame* da **festa de casamento**. A coesão textual é feita, então, lexicalmente, não com um termo da frase anterior, mas com uma ideia contida no *frame* desse termo. Outros exemplos:

Liguei o **carro** e saí. Duas quadras depois, notei que um **pneu** da frente estava vazio.

Minha mãe ficou dez dias internada em um **hospital**. Ela chegou a ficar amiga de várias **enfermeiras**.

No primeiro texto, a coesão lexical indireta é feita com o *frame* de **carro**, que sugere ideias como pneus, bateria, suspensão, câmbio etc. No segundo, com o *frame* de hospital, que sugere ideias como: *médicos*, *enfermeiras*, *salas de cirurgia*, *medicamentos*, *exames médicos* etc.

---

[6] *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10 jul. 2002.

Coesão textual e concordância transfrástica

Uma preocupação que deve ser levada em conta, ao construir a coesão textual, é promover a concordância entre o termo da sentença *A* e o termo que o retoma, na sentença *B*. Sequências como:

(8) Os jogadores chegaram há dois dias. Ele deverá treinar ainda amanhã.

(8a) Os jogadores chegaram há dois dias. Esse atleta deverá treinar ainda amanhã.

(8b) Os jogadores chegaram há dois dias. Deverá treinar ainda amanhã.

são malformadas justamente por falta desse tipo de concordância. Na terceira sequência, em que a coesão textual se faz por elipse, o verbo deveria concordar com **os jogadores**.

Em uma pesquisa que tive a oportunidade de coordenar, percebi que, entre os erros cometidos por vestibulandos e universitários calouros, a falta dessa concordância que chamo de transfrástica ocupa um lugar de destaque, produzindo sequências malformadas como:

(9) **As reservas de bauxita** foram encontradas em levantamento aéreo e **possui** alto teor de pureza, avaliada em 25 milhões de toneladas.[7]

(10) **O povo brasileiro** teria melhores condições de vida, **teriam** uma vida mais digna.[8]

Há casos, entretanto, em que o elemento que promove a coesão, na sentença *B*, pode retomar apenas parte da referência contida no termo da sentença *A*. É o que acontece, por exemplo, em sequências como:

(11) Comprei **dois velocípedes** para as crianças. **O** do Roberto é o mais bonito.

(12) Organizar **duas viagens** – **a** do presidente francês ao Brasil, no começo do ano, e depois **a** do presidente brasileiro à França – são as duas primeiras tarefas que esperam o novo embaixador francês no Brasil.

Um outro tipo de falha, muito comum em redações escolares, relativa à falta de concordância transfrástica, é representada por sequências como:

7 Abreu, *Produção do texto científico por universitários: uma proposta de aplicação da gramática textual.*
8 Idem, ibidem.

(13) **Muita gente** pensa que o Brasil ainda é um país subdesenvolvido, mas **eles** estão completamente enganados.

O interessante, nesse caso, é que, se apenas providenciarmos a correta concordância transfrástica, teremos ainda uma sequência malformada:

(13a) **Muita gente** pensa que o Brasil ainda é um país subdesenvolvido, mas **ela** está completamente enganada.

Isso se dá porque a expressão **muita gente** é indefinida e os pronomes pessoais são definidos. A solução normalmente encontrada é aplicar a coesão por elipse, uma vez que, nesse caso, se subentende que o que ficou apagado é a mesma expressão indefinida:

(13b) **Muita gente** pensa que o Brasil ainda é um país subdesenvolvido, mas está completamente **enganada**.

Uma outra maneira de fazer a coesão, nesta situação, é repetir o pronome indefinido ou a expressão indefinida (ou parte dela), modificando esses termos por um demonstrativo, como em:

(13c) **Muita gente** pensa que o Brasil ainda é um país subdesenvolvido, mas **essa gente** está completamente enganada.

Compare as frases a seguir:

(14) **Alguém** telefonou à sua procura, mas **esse alguém** não deixou nome.
(14a) **Alguém** telefonou à sua procura, mas **essa pessoa** não deixou nome.

A utilização da coesão lexical também pode produzir textos aceitáveis. A presença do indefinido ou da expressão indefinida na segunda sentença garante a gramaticalidade da sequência, juntamente com o pronome demonstrativo, que garante a coesão.

Ainda com relação à concordância transfrástica, um comportamento comum de pessoas que não têm prática em redigir é fazer uso abusivo do pronome **qual**, no lugar de **que**, em sequências como:

(15) Os candidatos de São Paulo **os quais** não possuem comprovante de inscrição deverão trazer a cédula de identidade.

(16) O computador emitirá uma etiqueta de preço **a qual** deverá ser colada no produto.

O pronome **qual** comumente aparece no lugar de **que** pelo fato de que **qual** traz consigo o número e o gênero do termo que está substituindo, o que torna mais fácil a concordância do verbo na oração subordinada. Com efeito, pude comprovar em pesquisa que é bastante comum, entre iniciantes, sequências como:

(15a) Os candidatos de São Paulo que não **possui** comprovante de inscrição deverão trazer a cédula de identidade.

É preferível, entretanto, que frases como (15) e (16) sejam evitadas, uma vez que não se enquadram nos padrões gerais da língua portuguesa, e sejam substituídas por versões como:

(15b) Os candidatos de São Paulo que não possuem comprovante de inscrição deverão trazer a cédula de identidade.

(16a) O computador emitirá uma etiqueta de preço que deverá ser colada no produto.

respeitada, é claro, a concordância correta do verbo.

Uma observação final a respeito da coesão textual é que, algumas vezes, a repetição pura e simples de um termo de uma sentença *A* em uma sentença *B*, sem a utilização dos mecanismos de coesão, é o resultado de um ato ilocucional que a retórica chama de *anáfora*:

(17) **A justiça divina** julgará os culpados desse crime. **A justiça divina** os encontrará, um a um, onde quer que se escondam. **A justiça divina** os castigará exemplarmente.

EXERCÍCIOS

Para cada um dos exercícios, você terá um "texto básico" no qual não está ainda realizada a coesão. Essa tarefa caberá a você, na medida em que for capaz de substituir os termos repetidos pelos elementos constantes dos mecanismos de coesão explicitados neste capítulo. Você deverá, em primeiro lugar, fazer um levantamento de sinônimos ou expressões adequadas e substituir os termos que se repetem. Assim, no exercício 1, é importante saber que **baleias** podem ser chamadas de **cetáceos**, **grandes animais marinhos**; que **China**, no exercício 3, pode ser chamada de **grande país amarelo**, **gigante amarelo** etc. Esse levantamento permitirá maior agilidade no uso da coesão lexical.

A seguir, apresentamos um modelo. Suponhamos que o texto básico ou não texto (é não texto porque ainda não apresenta coesão) fosse o seguinte:

As revendedoras de automóveis não estão mais equipando os automóveis para vender os automóveis mais caro. O cliente vai à revendedora de automóveis com pouco dinheiro e, se tiver que pagar mais caro o automóvel, desiste de comprar o automóvel, e as revendedoras de automóveis têm prejuízo.

Sabemos que **automóveis** podem também ser chamados de **veículos**, **carros**, e até mesmo de **mercadoria** ou **produto**, quando expostos em uma revendedora. Uma **revendedora de automóveis** pode também ser chamada de **concessionária**, **agência** etc. Uma possível versão coesiva do não texto acima, utilizando os vários mecanismos de coesão, poderia ser, por exemplo:

As revendedoras de automóveis não estão mais equipando os carros para vendê-los mais caro. O cliente vai lá com pouco dinheiro e, se tiver que pagar mais caro o produto, desiste, e as agências têm prejuízo.

Uma outra versão, somente com o mecanismo de elipse, nos forneceria:

As revendedoras de automóveis não estão mais equipando para vender mais caro. O cliente vai com pouco dinheiro e, se tiver que pagar mais, desiste, e as revendedoras têm prejuízo.

[**1.** Construa uma nova versão do texto a seguir, utilizando, em relação à palavra **baleia**, os mecanismos de coesão que julgar adequados.

Todos os anos dezenas de **baleias** encalham nas praias do mundo e até há pouco nenhum oceanógrafo ou biólogo era capaz de explicar por que as **baleias** encalham. Segundo uma hipótese corrente, as **baleias** se suicidariam ao pressentir a morte, em razão de uma doença grave ou da própria idade, ou seja, as **baleias** praticariam uma espécie de eutanásia instintiva. Segundo outra, as **baleias** se desorientariam por influência de tempestades magnéticas ou de correntes marinhas.

Agora, dois pesquisadores do Departamento de História Natural do Museu Britânico, com sede em Londres, encontraram uma resposta científica para o suicídio das **baleias**. De

acordo com Katharine Parry e Michael Moore, as **baleias** são desorientadas de suas rotas em alto-mar para as águas rasas do litoral por ação de um minúsculo verme de apenas 2,5 centímetros de comprimento. Ele se aloja no ouvido das **baleias**, impedindo que as **baleias** se orientem pelo eco da voz.

[**2.** Construa uma nova versão do texto a seguir, utilizando, em relação à palavra **Vera**, os mecanismos de coesão que julgar adequados.

Desde cedo o rádio noticiava: um objeto voador não identificado estava provocando pânico entre os moradores de Valéria. A primeira reação de **Vera** foi sair da cama e correr para o porto. Fazia seis meses que **Vera** andava trabalhando em Parintins. **Vera** levantava cedo todos os dias e passava a manhã inteira conversando com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. **Vera** estava em Parintins, tentando convencer os trabalhadores a mudar a técnica do plantio da várzea.

[**3.** Faça o mesmo exercício em relação à palavra **China** no texto a seguir.

A **China** é mesmo um país fascinante, onde tudo é dimensionado em termos gigantescos. A **China** é uma civilização milenar. A **China** abriga, na terceira maior extensão territorial planetária (com 9 960 547 km^2), cerca de 1 bilhão e 100 mil habitantes, ou seja, um quarto de toda a humanidade. Mencionar tudo o que a **China**, um tanto misteriosa, tem de grande ocuparia um espaço também exagerado.

[**4.** Idem, igual ao anterior.

Durante mais de um ano, o **artista plástico baiano Emanoel Araújo** empreendeu um mergulho profundo, em busca da produção artística dos negros no Brasil. O resultado pode ser visto na exposição *A Mão Afro-brasileira*. A paciente pesquisa do **artista plástico baiano Emanoel Araújo** exigiu fôlego redobrado. Para chegar às raízes negras da arte brasileira, o **artista plástico baiano Emanoel Araújo** desceu ao século XVIII, na produção do barroco e do rococó. Para avaliar o momento atual de produção dos artistas negros, o **artista plástico baiano Emanoel Araújo** convocou 68 artistas negros a enviar obras para a exposição.

[**5.** Idem, igual ao anterior.

Muita gente votou nas últimas eleições. **Muita gente** pensava que as coisas iriam mudar radicalmente, mas **muita gente** estava enganada. O Brasil parece que levará ainda um tempo muito grande para amadurecer. O que o Brasil precisa, entretanto, para chegar a ficar maduro, é manter arejada e viva a democracia.

Coesão lexical com o emprego de substantivos abstratos

Os substantivos abstratos são também importantes para a construção da coesão lexical do texto. Você deve lembrar-se de tê-los estudado, em algum dia da sua vida escolar. São os que nomeiam ações, qualidades e estados fora dos seres a que pertencem. Substantivos como *compra*, *venda*, *alegria* e *felicidade*. O que você não deve ter aprendido é a utilidade desses substantivos, a razão de sua existência na língua portuguesa. É sobre isso que vamos conversar.

O primeiro fato a ser observado é que esses substantivos estão quase sempre ligados a verbos ou adjetivos:

comprar (verbo) ⇒ compra
vender (verbo) ⇒ venda
alegre (adjetivo) ⇒ alegria
feliz (adjetivo) ⇒ felicidade

Uma característica comum a respeito dos verbos e adjetivos sobre a qual eu gostaria de chamar sua atenção é que, para que uma frase com eles tenha funcionalidade comunicativa, há necessidade da presença de certos elementos que chamaremos de *argumentos*. Imagine que alguém apareça à sua frente e diga alguma coisa como "– Comprou" ou "– Alegre". Sua primeira reação será de indagação. Você terá necessidade de fazer perguntas como: – Quem comprou? – O que é que foi comprado? – Quem está alegre? Se essa pessoa disser, por exemplo, coisas como:

O Rodrigo comprou uma lanchonete.
Maria Luísa está alegre.

tudo estará resolvido. Podemos concluir, portanto, que um verbo como *comprar* exige dois argumentos: um *agente* (no caso, **Rodrigo**) e um *objeto afetado* (no caso, **uma lanchonete**); e o adjetivo **alegre**, um *experienciador* (no caso, **Maria Luísa**). Vamos agora acrescentar a cada uma das frases anteriores uma outra frase:

O Rodrigo comprou uma lanchonete. Essa **compra** causou surpresa a muita gente.

Maria Luísa está alegre. Essa **alegria** está ligada ao início das férias.

O substantivo abstrato **compra**, no primeiro exemplo, recupera não apenas o verbo **comprou**, da primeira frase, mas todos os argumentos envolvidos com ele, ou seja, a primeira frase inteira! O mesmo acontece com o substantivo abstrato **alegria**, na segunda frase, que recupera também toda a frase anterior.

Conclusão: uma das utilidades dos substantivos abstratos é recuperar, em uma frase *B*, não apenas um termo de uma frase *A*, mas toda a frase *A*, inteirinha, promovendo a coesão do texto!

Vejamos outros exemplos:

(18) O ex-presidente Itamar Franco **namorou** a modelo Lílian Ramos, no carnaval de 1994. Esse **namoro** causou escândalo na imprensa internacional.

(19) Os grandes campeões da Fórmula 1 **compareceram** ao enterro de Ayrton Senna. A Rede Globo documentou esse **comparecimento**.

No primeiro exemplo, o substantivo abstrato *namoro* recupera a frase anterior, em sua totalidade. No segundo, o substantivo **comparecimento** faz o mesmo com relação à sua frase anterior. Outra alternativa possível é servir-se de um substantivo abstrato sinônimo ou hiperônimo. Em vez de **namoro**, podemos escrever *comportamento*; em vez de **comparecimento**, podemos utilizar *presença*. Com essas escolhas, as sequências anteriores ficariam assim:

(18a) O ex-presidente Itamar Franco **namorou** a modelo Lílian Ramos, no carnaval de 1994. Esse **comportamento** causou escândalo na imprensa internacional.

(19a) Os grandes campeões da Fórmula 1 **compareceram** ao enterro de Ayrton Senna. A Rede Globo documentou essa **presença**.

À semelhança do que vimos ser possível com os substantivos concretos, também podemos tirar proveito da coesão lexical com os substantivos abstratos para fazer julgamentos, criando orientações argumentativas, como observamos nas seguintes versões dos mesmos exemplos anteriores:

(18b) O ex-presidente Itamar Franco **namorou** a modelo Lílian Ramos, no carnaval de 1994. Essa **palhaçada** causou escândalo na imprensa internacional.

(19b) Os grandes campeões da Fórmula 1 **compareceram** ao enterro de Ayrton Senna. A Rede Globo documentou esse **carinho** póstumo.

Vejamos o uso dos substantivos abstratos na coesão textual num trecho de uma reportagem publicada no primeiro semestre de 1995, no jornal *O Correio Popular*, de Campinas:

> *O campineiro ignora a legislação e continua usando o telefone celular ao volante. A* ***imprudência*** *é facilmente notada nas ruas elegantes do Cambuí e em avenidas movimentadas do Centro, como a Francisco Glicério. Nestas áreas de tráfego intenso, a* ***irresponsabilidade*** *dos motoristas significa um risco cada vez maior de acidentes. O Conselho Nacional de Trânsito (Contran) proibiu o celular no trânsito através da Resolução n. 4, instituída no dia 16 de maio de 1994. [....] A responsabilidade pela punição à direção perigosa, dizem, é da Polícia Militar. Os oficiais da 2ª Companhia de Trânsito da PM, no entanto, se afirmam ocupados o suficiente para fiscalizar e punir infrações mais graves.* ***Comportamento*** *compreendido até pelo delegado Alexandre José Prado, da 7ª Circunscrição Regional de Trânsito (Ciretran): "O* ***uso*** *do celular ao volante nem é considerado crime pela legislação, mas apenas uma penalidade administrativa", explica.*[9]

Nesse texto, logo em seu início, o substantivo abstrato **imprudência** (derivado do adjetivo *imprudente*) retoma toda a frase anterior (o campineiro ignorar a legislação e continuar utilizando o telefone celular ao volante) e ainda acrescenta um julgamento. A mesma coisa acontece com o substantivo **irresponsabilidade** (derivado do adjetivo *irresponsável*) que retoma a mesma frase inicial do texto. O substantivo **comportamento** (derivado do verbo *comportar-se*) retoma também toda a longa frase anterior a ele. Finalmente, o substantivo **uso** retoma de novo o assunto da frase inicial do texto, desta vez de forma neutra.

Podemos inferir, do que acabamos de ver, que o substantivo abstrato derivado de verbos costuma fazer a coesão textual de forma neutra, e o substantivo abstrato derivado de adjetivos tem, normalmente, conotação de julgamento.

---

9 *Correio Popular*, Campinas, 15 maio 1995.

EXERCÍCIOS

A partir da escolha de um verbo de cada uma das frases abaixo, escreva uma continuação, utilizando, como recurso de coesão, um substantivo abstrato derivado ou sinônimo desse verbo, que possa abranger e resumir o conteúdo delas.

MODELO

Luiz Gonzaga Tenório, presidente da Federação Nacional dos Urbanitários, afirmou: "não seremos cordiais e polidos".

Essa afirmação causou surpresa nos meios governamentais.

[**1.** Vicentinho afirmou ontem que se empenharia em encaminhar um "grande movimento nacional das categorias que estão em luta".

[**2.** Pela primeira vez na história recente, os argentinos votam amanhã com os olhos postos no futuro.

[**3.** Em poucos anos, o país cresceu demograficamente, principalmente do lado dos mais pobres.

[**4.** A epidemia de febre hemorrágica africana, causada pelo vírus ebola, espalhou-se pelo Zaire e poderia atingir outros países.

[**5.** Os comerciantes paulistas trabalham com a perspectiva de reduzir os prazos dos cheques pré-datados a partir da próxima semana.

[3]

Articulação sintática do texto Uso dos operadores argumentativos

Vimos, no Capítulo 2, a coesão textual como um processo de articulação semântica entre as sentenças de um texto. Neste Capítulo 3, tratarei da articulação sintática, dos mecanismos que ligam, sintaticamente, as sentenças umas às outras. Vejamos, primeiro, a articulação sintática de oposição.

Articulação sintática de oposição

Esse tipo de articulação se faz por meio de dois processos: a coordenação adversativa e a subordinação concessiva.

A coordenação adversativa implica o uso dos articuladores **mas**, **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto**, **no entanto**. Tomemos como ponto de partida um texto simples.

(20) A polícia conseguiu prender todos os ladrões, **mas** as joias ainda não foram recuperadas.

No lugar do **mas**, é possível utilizar todos os outros articuladores: **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto**, **no entanto**. O texto anterior poderia ter uma versão como:

(20a) A polícia conseguiu prender todos os ladrões, **entretanto** as joias ainda não foram recuperadas.

O que é interessante é que esses outros articuladores são móveis, dentro da oração em que estão, ao contrário do **mas**, que tem uma posição fixa, no início dela. Uma sequência como:

(20b) A polícia conseguiu prender todos os ladrões, as joias **mas** ainda não foram recuperadas.

é flagrantemente malformada. Outras sequências, valendo-se de um articulador como **entretanto**, em qualquer posição, serão perfeitamente bem-formadas:

(20c) A polícia conseguiu prender todos os ladrões, as joias, **entretanto**, ainda não foram recuperadas.

(20d) A polícia conseguiu prender todos os ladrões, as joias ainda não foram, **entretanto**, recuperadas.

(20e) A polícia conseguiu prender todos os ladrões, as joias ainda não foram recuperadas, **entretanto**.

Esse fato se deve a que, no português antigo, esses outros articuladores eram apenas advérbios que só apareciam, inicialmente, junto ao articulador **mas**, com o propósito de acrescentar a ele uma força ilocucional adicional. No português antigo, dizia-se:

(20f) A polícia conseguiu prender todos os ladrões, **mas**, **porém**, as joias ainda não foram recuperadas.

Decorrido algum tempo, em função da contiguidade sintática, essas palavras, como **porém**, **contudo**, **entretanto** etc., que tinham apenas função de advérbios, passaram a adquirir também o significado de oposição. Dessa maneira, passaram a poder, sozinhas, desempenhar o papel de conectores. Mas, como eram advérbios, e os advérbios podem, geralmente, ocupar qualquer lugar em uma sentença (podemos dizer **Hoje houve festa no clube** ou **Houve, hoje, festa**

no clube, por exemplo), tais articuladores, apesar da mudança de *status*, continuaram a ter a liberdade sintática de advérbios. Mesmo hoje em dia, é perfeitamente possível utilizar esses elementos acrescentados ao articulador **mas**:

(20g) A polícia conseguiu prender todos os ladrões, **mas** as joias, **entretanto**, ainda não foram recuperadas.

Nesse caso, a palavra **mas** funciona sintaticamente como articulador sintático de oposição, e a palavra **entretanto**, apenas como um reforço ilocucional.

O segundo processo de realização da articulação sintática de oposição acontece, como dissemos, por meio da subordinação concessiva, utilizando articuladores como **embora**, **muito embora**, **ainda que**, **conquanto**, **posto que**, que são conjunções ou locuções conjuntivas concessivas, e também **apesar de**, **a despeito de**, **não obstante**, que são locuções prepositivas.

Vejamos uma versão do texto anterior, utilizando a subordinação concessiva.

(20h) **Embora** a polícia tenha conseguido prender todos os ladrões, as joias ainda não foram recuperadas.

A primeira coisa a ser notada é que as conjunções concessivas exigem o modo subjuntivo nas orações que introduzem. As locuções prepositivas reduzem as orações que introduzem à forma infinitiva:

(20i) **Apesar de** a polícia ter conseguido prender todos os ladrões, as joias ainda não foram recuperadas.

Neste momento, já posso esclarecer uma possível curiosidade do leitor, que deve ter achado um pouco estranho ter eu falado em articuladores sintáticos e não em conjunções. Escolhi *articuladores sintáticos* como um termo mais genérico que abrangesse também as locuções prepositivas, uma vez que elas, como acabamos de ver, se prestam também ao serviço de ligar orações.

Resta agora uma pergunta a ser respondida. Se existem duas possibilidades de articulação de oposição, uma por coordenação e outra por subordinação, o que motiva a escolha de uma e não de outra? Simplesmente, o fator ilocucional.

Quando fazemos uso da coordenação adversativa, a oração adversativa, obviamente, faz um encaminhamento argumentativo contrário ao da oração an-

terior, frustrando, assim, a expectativa do destinatário. Imaginemos que o funcionário de uma empresa tenha solicitado suas férias ao Departamento de Pessoal e, passando por lá, ouça do funcionário encarregado a seguinte sentença:

(21) Fizemos o possível para conseguir as suas férias...

Até esse momento, ele não sabe se conseguiu ou não as férias. A conclusão tanto pode ser no sentido de encaminhamento favorável por meio de uma sequência como:

... portanto, você poderá entrar em férias a partir do dia 13.

ou de encaminhamento desfavorável, frustrando sua expectativa, por meio de uma sequência como:

... mas você não poderá ter suas férias ainda neste ano, por motivo de força maior.

Vejamos agora o efeito do emprego da subordinação concessiva. Imaginemos aquele mesmo funcionário, passando pelo Departamento de Pessoal e ouvindo a seguinte sentença:

(21a) Embora tenhamos feito o possível para conseguir as suas férias...

Imediatamente, mesmo sem ter ainda ouvido a sequência da mensagem, ele já estará sabendo que essa sequência fará um encaminhamento contrário àquilo que está posto na sentença introduzida por **embora**. A continuação:

... você não poderá ter suas férias ainda neste ano, por motivo de força maior.

confirmará, apenas, aquilo que já foi "telegrafado" pela oração concessiva.

Podemos dizer que a articulação sintática de oposição usando a subordinação concessiva tem um efeito de modalização, uma vez que prepara, com antecipação, o destinatário para uma conclusão contrária ao inicialmente esperado.

Articulação sintática de causa

Os principais articuladores sintáticos de causa são:

• conjunções e locuções conjuntivas: **porque**, **pois**, **como**, **por isso que**, **já que**, **visto que**, **uma vez que**;

• preposições e locuções prepositivas: **por**, **por causa de**, **em vista de**, **em virtude de**, **devido a**, **em consequência de**, **por motivo de**, **por razões de**.

Tomemos como ponto de partida o seguinte texto:

(22) Não fui até Roma **porque** estava com pressa de regressar ao Brasil.

Poderemos perceber que, utilizando as conjunções e locuções conjuntivas, o verbo se mantém em seu tempo finito. Utilizando, entretanto, as locuções prepositivas, o verbo da oração assume a forma do infinito:

(22a) Não fui até Roma, **em virtude de** estar com pressa de regressar ao Brasil.

Na articulação sintática de causa, a oração causal pode preceder a oração principal:

(22b) **Porque** estava com pressa de regressar ao Brasil, não fui até Roma.

(22c) **Em virtude de** estar com pressa de regressar ao Brasil, não fui até Roma.

É interessante notar que a conjunção **como** só tem valor causal quando é feita essa inversão. Enquanto a sequência:

(22d) **Como** estava com pressa de regressar ao Brasil, não fui até Roma.

é perfeitamente bem-formada, uma outra, construída com o **como**, mas sem a inversão, não o será:

(22e) Não fui até Roma, **como** estava com pressa de regressar ao Brasil.

O contrário acontece com a conjunção **pois**. Ela só pode ser empregada quando não há inversão:

(22f) Não fui até Roma, **pois** estava com pressa de regressar ao Brasil.

Invertendo, com essa conjunção, teremos uma sequência malformada:

(22g) **Pois** estava com pressa de regressar ao Brasil, não fui até Roma.

Articulação sintática de condição

O principal articulador sintático de condição é o **se**. É o único que leva o verbo ao futuro do subjuntivo, quando a oração principal está no futuro do presente ou no presente do indicativo com valor de futuro:

(23) **Se** você **viajar** hoje à noite, poderá descansar mais amanhã.

(23a) **Se** você **viajar** hoje à noite, pode descansar mais amanhã.

Os outros articuladores são: **caso**, **contanto que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que**.

Esses outros articuladores, na mesma condição, levam o verbo da oração que introduzem ao presente do subjuntivo:

(23b) **Caso** você **viaje** hoje à noite, poderá descansar mais amanhã.

A menos que e **a não ser que** incorporam a marca de negação de uma oração condicional. Esses articuladores somente se aplicam em orações condicionais negativas, portanto têm a propriedade de cancelar o advérbio **não**. Uma sequência como:

(24) **Se** você **não** prestar atenção, vai errar.

com a condicional negativa iniciada pelo articulador **se**, manifesta a negação por intermédio do advérbio **não**. Se utilizarmos **a menos que**, por exemplo, teremos:

(24a) **A menos que** você preste atenção, vai errar.

onde o **não** fica sendo desnecessário.

Articulação sintática de fim

A maneira mais comum de manifestar finalidade é pela preposição **para**, em sequências como:

(25) Os salários precisam subir **para** que haja uma recuperação do mercado consumidor.

(25a) Os salários precisam subir **para** haver uma recuperação do mercado consumidor.

Entre os outros articuladores de finalidade, destacam-se: **a fim de**, **com o propósito de**, **com a intenção de**, **com o fito de**, **com o intuito de**, **com o objetivo de**.

Normalmente esses outros articuladores se utilizam em situação em que, na oração principal, haja uma construção agentiva. Assim, uma sequência textual como:

Ricardo promoveu Carlos, **com o objetivo de** angariar mais votos.

é perfeitamente aceitável. Já uma sequência como:

(25b) Os salários precisam subir **com o objetivo de** haver uma recuperação do mercado consumidor.

fica, a meu ver, menos aceitável.

Articulação sintática de conclusão

Os principais articuladores de conclusão são **logo**, **portanto**, **então**, **assim**, **por isso**, **por conseguinte**, **pois** (posposto ao verbo), **de modo que, em vista disso**.

Sidney vendeu sua moto prateada, **logo**, só poderá viajar de carro.

Algumas destas conjunções, como **logo**, **de modo que**, só se empregam antes do verbo. A conjunção **pois** só se emprega depois do verbo. As outras podem ser colocadas antes ou depois do verbo.

Com efeito, sequências textuais como as seguintes serão bem-formadas:

(26) Agnaldo comprou um capacete, **de modo que** usará sua moto com maior segurança.

(26a) Agnaldo comprou um capacete; usará, **por isso**, sua moto com maior segurança.

(26b) Agnaldo comprou um capacete; usará, **pois**, sua moto com maior segurança.

Sequências, entretanto, que inverterem a ordem dos articuladores ou serão malformadas ou terão outros sentidos:

(26c) Agnaldo comprou um capacete; usará **de modo que** sua moto com maior segurança.

(26d) Agnaldo comprou um capacete, **pois** usará sua moto com maior segurança.

Em muitos dos casos anteriores, é possível estabelecer uma articulação sintática sem usar especificamente os articuladores, bastando para tanto deixar o verbo da oração subordinada no gerúndio. Exemplos:

Articulação sintática de causa

Estando com pressa de regressar ao Brasil, não fui até Roma.

Articulação sintática de condição

Viajando hoje, você poderá descansar amanhã.

Articulação sintática de fim

Ricardo promoveu Carlos, objetivando angariar mais votos.

EXERCÍCIOS

[**1.** Redija novas versões do texto a seguir, usando os articuladores sintáticos de oposição (coordenação adversativa) em várias posições dentro da sentença em que aparecem.

A esquadra paraguaia largou de Humaitá à meia-noite, mas os navios de Barroso já estavam a caminho, preparados para o combate.

[**2.** Utilizando o texto básico do exercício anterior, redija novas versões dele, desta vez com os articuladores de oposição por subordinação concessiva.

[**3.** Redija novas versões do texto a seguir, utilizando os articuladores sintáticos de fim:

O imperador não lhe prestou inteiro crédito à narração e ordenou-lhe que expedisse para São Cristóvão dois batalhões de primeira linha, a fim de reforçar-lhe a guarda dos paços.

[**4.** Redija novas versões do texto a seguir, utilizando os articuladores sintáticos de causa:

Não consegui tirar meu passaporte nesta semana, porque a Polícia Federal estava sem os formulários e sem os impressos.

[**5.** Redija novas versões do texto a seguir, utilizando os articuladores sintáticos de conclusão:

Aquele que sobe por favor deixa sempre rastro de humilhação, logo, devemos ter sempre coragem e confiança em nosso próprio esforço.

Observação: Para a resolução dos próximos exercícios, você deverá operar também com os mecanismos de coesão tratados no Capítulo 2. Vamos a um exemplo inicial que servirá de modelo.

MODELO

Relacione as três ideias do grupo de sentenças a seguir em um só parágrafo, articulando as sentenças da maneira que julgar mais adequada (articulação de causa, de oposição, de fim etc.). Faça isso três vezes, dando relevância, alternadamente, a cada uma das ideias.

(1) Muitas empresas multinacionais estão decepcionadas com alguns aspectos da nova Constituição.

(2) Muitas empresas multinacionais continuarão a investir no Brasil.

(3) Muitas empresas multinacionais acreditam no futuro do Brasil.

Podemos resolver esse exercício da seguinte forma, iniciando sempre o período por uma das sentenças anteriores:

a) dando relevância à primeira sentença

Muitas empresas multinacionais estão decepcionadas com alguns aspectos da nova Constituição, mas continuarão a investir no Brasil, uma vez que acreditam no futuro do país.

b) dando relevância à segunda sentença

Muitas empresas multinacionais continuarão a investir no Brasil, já que acreditam no futuro do país, embora estejam decepcionadas com alguns aspectos da nova Constituição.

c) dando relevância à terceira sentença

Muitas empresas multinacionais acreditam no futuro do país, uma vez que continuarão a investir aqui, apesar de estarem decepcionadas com alguns aspectos da nova Constituição.

[6. Relacione as três ideias de cada grupo de sentenças a seguir em um só período. Faça isso três vezes para cada grupo, dando relevância, alternadamente, a cada uma das ideias.

1) O Rio de Janeiro é o paraíso das confecções.
Nem todas as confecções do Rio de Janeiro são importantes.
Algumas confecções do Rio de Janeiro são clandestinas.

2) Os países latinos compraram 192 milhões de dólares em armamento.
O Chile e o Brasil cobrem a metade dos 192 milhões de dólares.
Não há evidência de qualquer sinal de uma corrida armamentista.

3) A porta fabricada pela Matsushita é à prova de arrombamento.
A porta fabricada pela Matsushita não tem chave.
A porta fabricada pela Matsushita funciona por computador.

[7. Faça o mesmo exercício, agora apenas uma vez, obedecendo às indicações entre colchetes.

1) O fogo é, paradoxalmente, um importante regenerador de matas naturais. [ideia principal]

O fogo destrói a matéria orgânica necessária à formação do humo do solo. [oposição à primeira]

O fogo destrói o excesso de material combustível acumulado no chão. [causa da primeira]

2) As mulheres assumiram a cumplicidade no papel da dominação masculina. [ideia principal]

As pessoas atribuem às mulheres a responsabilidade fundamental do romantismo. [causa da primeira]

O problema da dominação masculina vem explodindo, ultimamente. [oposição à primeira]

[4]

Coerência textual
Macroestrutura dos textos argumentativo e narrativo

Coerência textual

Um texto é coerente quando é possível interpretá-lo. Estudar a coerência de um texto é, pois, estudar as condições de sua interpretabilidade. Existem condições de interpretabilidade ligadas diretamente ao texto, como o conhecimento e o uso adequado dos recursos léxicos e gramaticais da língua. Se alguém ouvisse ou lesse coisas como:

Quem tem uma foto importada de 1000 cc, que custa US$ 20.000, não vai expô-la ao trânsito de uma cidade como São Paulo.

(27) Holyfield venceu a luta, apesar de ser o mais forte dos lutadores.

não hesitaria em classificá-las como incoerentes. No primeiro caso, houve o uso inadequado de uma palavra do léxico. Basta trocar a palavra **foto** pela palavra **moto** que o texto fica coerente. No segundo caso, houve uma falha gramatical. A conjunção **apesar de** não está adequada para unir as duas ideias expostas no texto. Se a substituirmos pela conjunção **pois** tudo volta a ficar bem, em uma outra versão como:

(27a) Holyfield venceu a luta, pois era o mais forte dos lutadores.

Mas a coerência de um texto depende também de outros fatores, como os elementos contextualizadores que são data, local, assinatura, elementos gráficos etc. que "ancoram" um texto em uma situação comunicativa determinada. Imagine o seguinte texto contextualizado de duas maneiras diferentes:

Hoje, eu, o rei, convido todos a comparecer em massa, para assistir ao massacre de Israel.

a) assinado: Imperador Tito, Jerusalém, ano 70
b) assinado: Pelé, Rio de Janeiro, 1995

No caso [a], teríamos o relato de um fato relacionado à história do povo judeu. No [b], um prognóstico sobre um jogo de futebol, envolvendo duas seleções.

Mas a coerência de um texto depende também do nosso *conhecimento de mundo*. Alguém que não conheça a história de Roma, da ocupação da Judeia pelos romanos e a sua destruição pelo imperador Tito, terá mais dificuldades para entender a primeira contextualização.

Se alguém nos disser que, quando assistia a um casamento, a luz se apagou justamente no momento em que a noiva ia saindo da igreja, todos nós saberemos, sem que esteja dito no texto, que a noiva caminhava pelo corredor central da igreja, vindo do altar, em direção à porta principal, e que estava acompanhada do noivo que, nesse momento, já era seu marido. Tudo isso porque, como ocidentais e brasileiros, temos, em nosso repertório, o esquema sobre como se processa um casamento em uma igreja católica. Se disséssemos a mesma coisa a um indiano, por exemplo, ele teria dificuldades em perceber a coerência do texto, por falta de repertório.

A propósito, você consegue imaginar o tipo de cultura ou conhecimento de mundo que tornaria coerente o texto a seguir, citado por Richard Gordon, em seu livro *A assustadora história da medicina*?

> *Verrugas – procure um homem que nunca viu o próprio pai e peça para tocar no seu casaco. Como profilaxia, nunca deixe seus filhos tocarem na água onde foram cozidos ovos.*[1]

---

1 Gordon, *A assustadora história da medicina*, p. 157.

As metarregras de coerência

Pesquisando sobre a coerência dos textos, um estudioso francês chamado Michel Charolles conseguiu descobrir quatro princípios fundamentais responsáveis pela coerência textual. Chamou-os de *metarregras da coerência*. São as seguintes:

Metarregra da repetição – um texto coerente deve ter elementos repetidos;

Metarregra de progressão – um texto coerente deve apresentar renovação do suporte semântico;

Metarregra da não contradição – em um texto coerente, o que se diz depois não pode contradizer o que se disse antes ou o que ficou pressuposto;

Metarregra de relação – em um texto coerente, seu conteúdo deve estar adequado a um estado de coisas no mundo real ou em mundos possíveis.

Vejamos cada uma delas. A primeira, a *metarregra da repetição*, nada mais é do que aquilo que chamamos de coesão textual. O fato de, em uma frase, recuperarmos termos de frases anteriores, por meio de pronomes, elipses, elementos lexicais ou substitutivos constitui um processo de repetição ou recorrência. *A coesão textual é, portanto, a primeira condição (necessária, mas não suficiente) para que um texto seja coerente.*

A *metarregra de progressão* nos diz que um texto deve sempre apresentar informações novas à medida que vai sendo escrito. Vejamos o texto a seguir:

Essa criança não come nada. Fica apenas brincando com os talheres, ou seja: pega a colher, o garfo e não olha para o prato de comida. Ela não se alimenta. Brinca apenas. Diverte-se com uma colher e um garfo e o prato fica na mesa. O ato de brincar substitui o ato de alimentar-se.

Esse texto, embora apresente elementos recorrentes (coesão), não apresenta progressão. É um texto circular, sem informatividade alguma. Portanto, incoerente.

A *metarregra da não contradição* nos diz que cada pedaço do texto deve "fazer sentido" com o que se disse antes. Vejamos o texto a seguir:

Para as tropas aliadas, o dia 4 de junho foi um dia terrível. Os homens da 4ª Divisão de Infantaria ficaram o dia inteiro no mar. Os navios-transporte e as embarcações de desembarque faziam círculos ao largo da ilha de Wight. As ondas arrebentavam sobre os lados, caía uma chuva forte. Os homens estavam prontos para o combate, mas sem destino nenhum. Depois dessa exaustiva caminhada, todos estavam cansados. Nesse dia 3 de junho, ninguém queria jogar dados ou pôquer, ou ler um livro ou ouvir outra instrução. O desânimo tomava conta de todos.[2]

A informação de que os soldados estavam exaustos depois de uma caminhada contradiz o que está pressuposto na parte inicial do texto. Afinal, eles estavam embarcados em navios-transporte e embarcações de desembarque e pressupõe-se que, nessas condições, soldados não façam caminhadas. A informação de que no dia 3 de junho ninguém queria jogar dados ou pôquer etc. contradiz o que está explicitado no início: o dia era 4 de junho. O texto em questão tem coesão, progressão, mas é contraditório e, por isso, incoerente.

Finalmente, a *metarregra de relação* estabelece que o conteúdo do texto deve estar adequado a um estado de coisas no mundo real ou em mundos possíveis. Vejamos o seguinte texto:

O município de São José do Rio Preto abrange uma região imensa que é composta por vários Estados limítrofes que ocupam uma área respeitável [...] Conta ainda com uma superpopulação, com uma maioria de pessoas cultas e uma juventude com grandes recursos educacionais, cursando as várias escolas e faculdades.

Isto posto, nossa cidade sente falta urgente de uma Capela Crematória. Para os leigos é preciso esclarecer que, para um corpo ser exumado através do forno crematório, há necessidade que ele registre esta vontade em duas testemunhas. Somente o interessado poderá usar esta forma de suprir seu desejo, caso contrário, a exumação seria da forma natural, ou seja: o sepultamento.[3]

Esse texto contraria de várias maneiras a metarregra de relação, pois seu conteúdo não está de acordo com o mundo real. Afinal, São José do Rio Preto não se limita com vários Estados, não tem superpopulação, um corpo (uma pessoa

---

2 Ambrose, *O dia D – 6 de julho de 1944: A batalha culminante da Segunda Grande Guerra*, p. 221. (Adaptado)
3 *Diário da Região*, S. J. do Rio Preto, 15 abr. 1998 (trecho de uma carta escrita por um leitor).

morta) não pode mais registrar vontade alguma e, se pudesse, não seria **em duas testemunhas**, mas *diante de* **duas testemunhas**. Há também o emprego inadequado do léxico. Afinal, **exumar** não é o mesmo que *cremar* ou *sepultar*.

EXERCÍCIOS

Identifique, em cada um dos textos a seguir, a metarregra de coerência que foi infringida.[4]

[1. "É realmente apropriado que nos reunamos aqui hoje, para homenagear Abraham Lincoln, o homem que nasceu numa cabana de troncos que ele construiu com suas próprias mãos." (Político, em um discurso, homenageando Lincoln.)

[2. "Eles vivem da mão para a boca, como as aves do céu." (Sir Boyle, descrevendo a pobreza dos agricultores irlandeses.)

[3. "Damos cem por cento na primeira parte do jogo e, se isso não for suficiente, na segunda parte damos o resto." (Yogi Berra, jogador norte-americano de beisebol, famoso por suas declarações esdrúxulas.)

[4. "Mantle rebate com as duas mãos porque é anfíbio." (Idem.)

[5. "Alguma força sinistra entrou, aplicou uma outra fonte de energia e apagou as informações contidas na fita." (Alexander Haig, oferecendo ao juiz John Sirica uma teoria sobre um "buraco" de 18,5 minutos nas fitas de Nixon, durante o caso Watergate.)

[6. "Nós não temos censura. O que temos é uma limitação do que os jornais podem publicar." (Louis Net, ex-vice-ministro da Informação da África do Sul.)

[7. "Substituição de bateria: substitua a bateria velha por uma bateria nova." (Instrução em manual de aparelho elétrico.)

[8. "a) considerando etc. etc., este Conselho resolve: que uma nova cadeia seja construída; b) que a nova cadeia seja construída com os materiais da velha cadeia; c) que a velha cadeia seja usada até que a nova esteja pronta." (Resolução da Junta dos Conselheiros, Canto, Mississipi, 1800.)

---

4 Esses textos foram retirados de Petras, *O melhor do besteirol*.

[**9.** "Por que deveriam os irlandeses ficar de braços cruzados e mãos nos bolsos enquanto a Inglaterra pede ajuda?" (Sir Thomas Myles, falando em um comício em Dublin, em 1902, sobre a guerra dos Boeres.)

[**10.** "Por que os judeus e árabes não podem se reunir e discutir a questão como bons cristãos?" (Arthur Balfour, estadista britânico, primeiro-ministro e ministro do Exterior.)

[**11.** "Quando um grande número de pessoas não consegue encontrar trabalho, o resultado é o desemprego." (Calvin Coolidge, presidente americano em 1931.)

[**12.** "Encontrando um milhão de dólares na rua, eu procuraria o cara que o perdeu e, se ele fosse pobre, devolveria." (Yogi Berra.)

[**13.** "Este é um grande dia para a França!" (Presidente Nixon, ao comparecer ao enterro de Charles De Gaulle.)

[**14.** "Acho que os senhores pensam que, em nossa diretoria, metade dos diretores trabalha e a outra metade nada faz. Na verdade, cavalheiros, acontece justamente o contrário." (Diretor de empresa, defendendo membros do seu *staff*.)

[**15.** "Um homem não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, a menos que ele seja uma ave." (Sir Boy Roche, deputado representante de Tralee no Parlamento Britânico.)

[**16.** Precisamos de leis que protejam a todos. Homens e mulheres, normais e bichas, qualquer que seja sua perversão sexua ... ahn, preferência. (Bella Abzug, político de Nova York, em um comício em defesa da Emenda dos Direitos Iguais.)

[**17.** Eu não estava mentindo. Disse, sim, coisas que mais tarde se viu que eram inverídicas." (Presidente Nixon, em depoimento durante as investigações do caso Watergate.)

[**18.** "Cuidado! Tocar nesses fios provoca morte instantânea. Quem for flagrado fazendo isso será processado." (Tabuleta numa estação ferroviária.)

[**19.** "Referimo-nos àquele ano sangrento, 1793. Naqueles tempos conturbados, coube aos empregados domésticos franceses dar um exemplo sem igual de dedicação. Houve mesmo muitos que, em vez de trair seus amos, deixaram-se guilhotinar em lugar deles e que, quando voltaram dias mais felizes, silenciosa e respeitosamente, reassumiram seus empregos." (*Le Figaro*, Paris, fevereiro de 1890, em um artigo sobre a vida doméstica durante a Revolução Francesa.)

[**20.** "Aproximadamente 80% da poluição do ar são causados por hidrocarbonetos liberados pela vegetação, de modo que não vamos exagerar e criar, e exigir o cumprimento de padrões rigorosos de emissão por fontes artificiais." (Presidente Ronald Reagan.)

[**21.** "A Pepsi traz seus ancestrais de volta da cova." (Tradução, para o chinês, do *slogan* "A Pepsi faz a gente viver".)

[**22.** "Quando dois trens se aproximarem em um cruzamento, ambos devem parar por completo e nenhum dos dois reiniciar viagem até que o outro tenha passado." (De uma lei do Kansas.)

Respostas: 1 relação, 2 relação, 3 não contradição, 4 relação, 5 relação, 6 não contradição, 7 progressão, 8 relação, 9 relação, 10 não contradição, 11 progressão, 12 relação, 13 relação, 14 progressão, 15 relação, 16 não contradição, 17 não contradição, 18 relação, 19 relação, 20 relação, 21 relação, 22 relação.

Macroestrutura do texto argumentativo

Tema e problema

Um texto argumentativo implica sempre, inicialmente, um tema e um problema. Sobre um tema como o futebol, por exemplo, podemos colocar uma porção de problemas como: o calendário dos campeonatos regionais, a escolha de jogadores para a Seleção Brasileira ou a violência em campo. Ao escrever um texto argumentativo sobre esse tema, o autor não pode misturar vários problemas. Escolhe um deles, geralmente, e o desenvolve. É interessante observar que é sempre mais fácil, no momento em que se planeja uma redação argumentativa, explicitar o problema por meio de uma pergunta. Diante de um tema geral como o futebol, podemos colocar o problema da violência sob a forma da seguinte pergunta: **De que maneira poderia ser contida a violência dos jogadores, nas partidas de futebol**?

Hipóteses, tese e argumentação

As partes restantes da macroestrutura do texto argumentativo são: hipóteses, tese e argumentação.

As hipóteses são as possíveis respostas que podemos dar como solução de um dado problema. Diante do problema anterior exposto, poderíamos colocar, a título de exemplo, algumas hipóteses como:

Hipótese 1

A violência poderia ser contida, se os árbitros fossem mais rigorosos na condução das partidas.

Hipótese 2

A violência poderia ser contida, se os atos violentos praticados fossem caracterizados, juridicamente, como lesões corporais.

Hipótese 3

A violência poderia ser contida, se os próprios clubes, por meio de seus técnicos, procurassem conscientizar os jogadores a não serem violentos.

O passo seguinte, depois de se estabelecerem as hipóteses, é escolher a melhor delas, que passa a ser batizada, depois da escolha, com o nome de tese. É importante esclarecer que não existe hipótese correta ou incorreta. O que existe é uma melhor hipótese e outras hipóteses piores.

Escolhida a melhor hipótese (agora já chamada tese), devemos construir a *argumentação*. Geralmente, a argumentação se faz atacando as hipóteses rejeitadas e defendendo a escolhida, ou seja, a tese. Daí também a expressão *defesa de tese*.

Suponhamos que a hipótese escolhida como tese tenha sido a primeira, a de que a violência pode ser contida, com um maior rigor na arbitragem. Podemos citar as demais hipóteses para, em seguida, derrubá-las. Poderíamos dizer que levar um incidente de futebol para a esfera jurídica (hipótese 2) seria burocratizar ainda mais o futebol, com resultados duvidosos, uma vez que os diretores dos clubes tudo fariam para influenciar um julgamento etc. Poderíamos dizer, contra a terceira hipótese, que técnico nenhum, no momento em que vê em perigo seu cargo, hesita em ordenar a um zagueiro que pare a jogada do adversário, mesmo à custa de uma ação desleal. A favor da primeira hipótese, podería-

mos dizer que se trata, simplesmente, de fazer cumprir as leis do próprio futebol e que a expulsão sumária do jogador desleal, além de diminuir drasticamente o nível de violência, faria desse esporte uma festa realmente bonita em que predominaria a arte, a técnica, e não a truculência.

Como vemos, a construção prévia de um esquema, levando em conta as partes da macroestrutura da argumentação e a execução desse esquema, levará a um grau de coerência textual bastante grande.

Macroestrutura do texto narrativo

Uma narrativa pode se resumir a um simples relato em ordem cronológica. É o que acontece na redação de uma ata, de um relatório ou de uma experiência científica. Há um outro tipo de narrativa, a narrativa dramática, que se subordina à macroestrutura dos *plots* ou motivos. Neste livro, vou apenas explicar os aspectos essenciais da confecção dos *plots* na feitura de um argumento narrativo, uma vez que este trabalho não tem por objetivo específico a redação literária. Para aqueles que se interessem por ela, indico o excelente livro de Doc Comparato, intitulado *Roteiro,* que se acha relacionado na bibliografia final.

Mas voltemos aos *plots*. O *plot* é uma unidade dramática que se compõe de uma *situação,* uma *complicação* e uma *solução*.

Imaginemos uma *situação* (um rapaz e uma moça se enamoram), uma *complicação* (os pais do rapaz se opõem à relação dos dois), uma *solução* (os dois fogem e se casam às escondidas). Todos os dias, temos experiências da construção de *plots*, nas novelas de televisão, nos filmes de cinema ou na leitura de obras de ficção.

Comparato relaciona alguns tipos de *plot* mais comuns[5]:

1. *Plot* de amor – Um casal que se ama é separado por alguma razão, volta a se encontrar e tudo acaba bem.

2. *Plot* de sucesso – Histórias de um homem que ambiciona o sucesso, com final feliz ou infeliz, de acordo com o gosto do autor.

3. *Plot* Cinderela – É a metamorfose de um personagem de acordo com os padrões sociais vigentes. Exemplo: *Pigmaleão*.

4. *Plot* triângulo – É o caso típico do triângulo amoroso, como nos filmes *Jules e Jim, Go between* etc.

---

[5] Comparato, *Roteiro*, p. 89.

5. *Plot* da volta – Filho pródigo que volta à casa paterna, marido que volta da guerra, alguma volta como em *Coming Home*.

6. *Plot de* vingança – Um crime ou injustiça foi cometido e o herói faz justiça pelas próprias mãos, ou vai em busca da verdade.

7. *Plot* da conversão – Converter um bandido em herói, uma sociedade injusta em justa etc. Na verdade, uma tentativa de converter o público.

8. *Plot* do sacrifício – Um herói que se sacrifica por alguém ou por uma causa.

9. *Plot* da família – Mostra a relação entre famílias ou grupos que de alguma forma estão ligados. É a inter-relação em um mesmo núcleo dramático. Exemplo: o filme *O grupo* ou *Os rapazes da banda*.

Tenho certeza de que você, ao final da leitura dessa lista, já deve ter identificado alguns desses *plots* com os filmes ou novelas a que já assistiu ou vem assistindo. Os *plots*, entretanto, não se sucedem linearmente. Geralmente, o autor de uma narrativa faz uso de esquemas como o seguinte:

plot 1
situação 1 complicação 1
plot 2
situação 2 complicação 2
plot 3
situação 3 complicação 3 solução 2

O resultado desse tipo de composição, quando acabado, recebe o nome de *argumento*. Exemplifiquemos esta parte de argumento, inspirado em alguma coisa trivial já vista em novelas de televisão.

Imaginemos uma situação em que um rapaz rico oferece carona em seu luxuoso automóvel a uma jovem bela, mas pobre, que se encontrava em um ponto de ônibus. Ato contínuo, apaixonam-se. A mãe do rapaz, entretanto, se opõe tenazmente ao amor do casal, pois pretende fazê-lo casar-se com alguém de seu nível social e econômico. Temos, aí, a *complicação*.

Na semana seguinte, vai acontecer a festa de aniversário do rapaz, em sua mansão, num bairro nobre da cidade. O rapaz (vamos chamá-lo de Raul), apesar da oposição da mãe, convida a moça (de nome Vera) para a festa. Temos, agora, instalado o *plot* da festa de aniversário, dentro da complicação do *plot* de amor.

Durante a festa, Raul e Vera se divertem, enquanto Dona Eulália, a mãe do rapaz, embora contrariada com a presença da moça, desempenha seu papel social de anfitriã. Em determinada hora, vai até um lavabo da casa e, antes de lavar as mãos, retira de uma delas um anel valiosíssimo e se esquece, então, de recolocá-lo. Minutos após, tendo abandonado o local, nota a falta do anel, lembra-se das circunstâncias em que o tinha deixado, retorna até o lavabo e não mais o encontra. Temos agora a complicação do *plot* da festa. As suspeitas recaem sobre Vera, a única estranha na reunião. Dona Eulália reúne a família. Raul manifesta-se eloquentemente contra as suspeitas da mãe.

Nesse momento, toca o telefone. Alguém chama Vera, com urgência. A moça atende e fica sabendo que seu irmão acabara de sofrer um acidente de automóvel e se encontrava a caminho do hospital. Para não deixar o namorado preocupado, decide apenas comunicar-lhe que precisava deixar a festa por motivo de uma forte dor de cabeça. Temos agora presente um outro *plot*, o do telefonema relatando o acidente, já em fase de complicação.

O fato de Vera ter abandonado a festa, logo depois do desaparecimento do anel, aumenta as suspeitas em torno dela. Neste momento, podemos inserir mais um *plot*, deixando os três anteriores em aberto. Os antigos seriados de cinema e TV costumavam interromper, num ponto desses, o capítulo e colocar explicitamente perguntas como "Conseguirá Raul se casar com Vera? Quem roubou o anel de Dona Eulália? Conseguirá o irmão de Vera sobreviver ao acidente?". Hoje isso nos soa ridículo, mas era uma forma de publicidade que fazia uso da própria construção dos *plots* para convencer o espectador a assistir ao próximo capítulo.

Na sequência da história que estamos contando, poderíamos resolver em seguida o terceiro *plot*, dizendo que o irmão de Vera sofreu apenas escoriações e se achava livre de perigo. Ainda assim, seremos capazes de manter o interesse do leitor em nossa narrativa.

Como vemos, não é difícil imaginar situações, complicações e soluções. É disso que se compõe a macroestrutura da narrativa dramática. No Capítulo 10, voltarei ao assunto, quando for tratar da composição do texto.

Concluindo, um texto argumentativo coerente será aquele que se articular em tema, problema, hipóteses, tese e argumentação. Um texto narrativo (dramático) coerente será aquele que fizer uso adequado dos *plots* para compor sua estrutura.

Deixei de mencionar o texto descritivo. É que, na verdade, não há um texto descritivo que exista por si mesmo. Uma descrição estará necessariamente vinculada a uma narração ou a uma argumentação. É importante que se diga, entretanto, que uma descrição representa um momento em que aquele que escreve

tem de transpor alguma coisa que existe em uma dimensão espacial para uma dimensão temporal, e que um ambiente ou uma paisagem, que nos surgiria em sua totalidade em um tempo único, nos aparece, na descrição escrita, aos pedaços. Quando alguém nos diz, por exemplo, **Havia uma grande sala retangular**, geralmente imaginamos uma sala vazia. Se esse mesmo alguém nos diz **No centro dessa sala havia um piano negro, coberto de pó**, passamos a imaginar a sala com um único móvel, um piano negro. E, dessa maneira, vamos mobiliando a sala, aos poucos, temporalmente. Por esse motivo é que, modernamente, uma descrição deve ser breve e essencial, para situar o leitor no ambiente da narrativa ou do comentário.

EXERCÍCIOS

[1. Explicite pelo menos três problemas para os seguintes temas: sistemas de governo, eleições diretas, casamento, aborto, guerra nuclear, inflação, automedicação, sistemas de transporte.

[2. Explicite pelo menos duas hipóteses que possam servir de respostas aos seguintes problemas, formulados por meio de questões:

[1] Qual a idade ideal para alguém tirar carteira de habilitação para dirigir automóveis?

[2] Para que serve, realmente, o esporte?

[3] De que maneira o transplante de órgãos pode vir, no futuro, a salvar um número maior de vidas?

[4] Qual a principal consequência da violência na TV, no comportamento infantil?

[3. Argumente, defendendo a melhor hipótese colocada por você, para cada um dos problemas do exercício anterior.

[4. Imagine, para cada uma das situações a seguir, uma complicação e uma solução:

[1] Um pai de família nordestino vem para São Paulo tentar mudar de vida e desembarca, às 6 horas da manhã, num dia de muito frio, no terminal rodoviário do Tietê.

[2] Isabel, uma menina de 15 anos, esqueceu-se de sair a tempo da festa em que estava, para chegar a casa antes da meia-noite, horário combinado com a família.

[3] Valter pediu emprestada a moto de um amigo e, mesmo tendo pouca experiência em pilotar motos, decidiu fazer uma viagem à praia.

[4] Jorge se aposentou e decidiu, imediatamente, aplicar todas as suas economias na bolsa de valores.

[5] Vilma estava em férias, no Guarujá, e encontrou, em uma festinha, o namorado de sua melhor amiga. Estão dançando juntos.

[5. Imagine, para cada um dos *plots* criados por você no exercício anterior, algum outro *plot* que possa ser inserido, antes da solução do primeiro.

[6. Escolha dentre os argumentos (conjuntos de *plots*) do exercício anterior o que você tiver achado mais interessante. Redija um texto, desenvolvendo-o.

[5]

Gêneros, tipos textuais e domínios discursivos

Acabamos de estudar os textos argumentativo, narrativo e descritivo. Trata-se de *tipos textuais*, que são sequências definidas por suas macroestruturas e natureza linguística de sua composição. Há um outro tipo textual do qual não falamos: a *injunção*, que se caracteriza pelo caráter normativo, impositivo de mandar ou pedir. Uma oração religiosa, uma ordem do dia do exército, uma norma, as leis de um Código Civil ou Penal são exemplos de injunção.

Os *gêneros textuais* são "acontecimentos textuais" ligados à nossa vida cultural e social e são bem menos restritos do que os tipos textuais. Seu número é praticamente infinito. Exemplos de gênero são: romance, carta pessoal, carta comercial, aula expositiva, artigo científico, boletim de ocorrência, *outdoor*, editorial, conversação espontânea etc. Alguns gêneros podem desaparecer e outros podem sofrer modificações ao longo do tempo, como o romance e as cartas comerciais. Isso lhes dá um caráter de evolução histórica. Gêneros novos podem aparecer, em função de conquistas tecnológicas ou mudanças sociais, como o telefonema e o e-mail. Gêneros não são, portanto, entidades formais, mas entidades comunicativas, resultantes de processos de interação social.[1]

---

1 Marcuschi, "Gêneros Textuais: definição e funcionalidade". In DIONÍSIO e outros. *Gêneros Textuais & Ensino*, p. 25.

Sempre que praticamos qualquer ato de linguagem, estaremos dentro de um gênero textual, uma vez que eles ordenam e estabilizam, ainda que de maneira bastante plástica e maleável, nossas atividades comunicativas do dia a dia.

Dentro de um gênero, podem existir diferentes tipos textuais. Em uma crônica, por exemplo, alguém pode narrar um acontecimento e construir, depois, uma argumentação defendendo posições. Vejamos o seguinte exemplo do escritor Rubem Alves:

> *A Mariana é minha neta. Tem seis anos. Entrou para a escola e anuncia orgulhosamente que está no "Pré-A". Ela aguardou este momento com grande ansiedade. Agora ela se sente possuidora de uma nova dignidade. Está crescendo. Está entrando no mundo dos adultos.*
>
> *Novas responsabilidades: deveres de casa, pesquisas. Passados uns poucos dias do início das aulas ela voltou da escola com um novo dever: uma pesquisa sobre uma palavra que ela nunca usara, não sabia o que era. Ela deveria encontrar uma resposta para a seguinte pergunta: "O que é a política?".* [...]
>
> *Reacendeu-se em mim uma antiga convicção de que as escolas não gostam de crianças. Convicção que é partilhada por muita gente, inclusive o Calvin e o Charlie Brown. Parece que as escolas são máquinas de moer carne: numa extremidade entram as crianças com suas fantasias e seus brinquedos. Na outra saem rolos de carne moída, prontos para o consumo, "formados" em adultos produtivos.*[2]

Primeiro, o autor utiliza o tipo *narração* para relatar um acontecimento envolvendo sua neta. Logo após, muda o tipo textual para *argumentação*, ao criticar a pedagogia da escola de Mariana.

Finalmente, temos os chamados *domínios discursivos*, que são as diversas instâncias de uma cultura que abrangem uma série de discursos específicos. Podemos falar, assim, em *domínio discursivo jornalístico*, que abrange gêneros como reportagens, editoriais, crônicas, anúncios classificados etc.; em *domínio discursivo jurídico,* que abrange gêneros como petição, contestação, sentença, libelo etc.

---

2 ALVES, *Por uma educação romântica*, p. 145-146.

[6]

Macroestrutura do texto e uso dos tempos verbais

Existe uma interessante e útil correlação entre o texto narrativo, o texto argumentativo e o uso dos tempos verbais. Os tempos mais usados nos textos narrativos (mundo narrado) são os tempos do *passado: perfeito* ("cantei"), *imperfeito* ("cantava"), *mais-que-perfeito* ("cantara" ou "tinha cantado") e *futuro do pretérito* ("cantaria"). O texto argumentativo ("mundo comentado") faz uso mais frequente do *presente* ("canto") e do *futuro do presente* ("cantarei" ou "vou cantar").

Examinemos, em primeiro lugar, um texto narrativo:

> *Na segunda-feira passada a estudante Kátia de Souza Rodrigues, de 15 anos, saiu de casa à tarde para tentar conseguir seu primeiro emprego. No bairro paulista da Lapa, onde ela iria tentar conseguir trabalho, seus planos tiveram um violento ponto final. Atropelada por um Escort, cujo motorista ainda não foi identificado, Kátia entrou em coma e morreu menos de 24 horas depois. A morte da menina teria um significado de vida para seis outras pessoas. Jovem, sadia, sem nunca ter tido uma doença grave, o corpo de Kátia serviu como doador de seis órgãos para pacientes de transplantes, algo inédito no Brasil.*[1]

---

[1] Revista *Veja*, São Paulo, 1987.

Durante a leitura, podemos observar o uso dos tempos do passado: "**saiu** de casa" (perfeito), "**iria** tentar" (futuro do pretérito), "**tiveram** um violento ponto final" (perfeito), "**entrou** em coma" (perfeito), "A morte da menina **teria** um significado" (futuro do pretérito).

É importante fazer uma observação sobre o uso do futuro do pretérito. No mundo narrado, tal qual aparece no texto anterior, é um tempo que assinala um tempo futuro, mas também passado, em relação ao narrador. Nesse texto, temos dois fatos passados: Kátia morrer e Kátia ter significado de vida para seis pessoas. O futuro do pretérito "**teria** um significado" assinala o fato óbvio de que o transplante foi subsequente à morte, embora, no momento da nossa leitura, ambos os fatos já sejam passados. Um outro exemplo nos ajudará a esclarecer melhor esse fato. Tomemos como ponto de partida o seguinte texto:

O presidente dos Estados Unidos chegou a Los Angeles às 10 horas da manhã de ontem. Às 11 horas, faria um discurso pelo partido Republicano.

É claro que, para o leitor, o presidente ter chegado a Los Angeles e o presidente ter feito um discurso são ambos fatos passados. Mas, entre esses dois fatos passados, fazer um discurso é um fato subsequente a ter chegado, e isso pode ser assinalado, como foi, pelo uso do futuro do pretérito "**faria** um discurso".

Há um outro uso do futuro do pretérito, em sentenças como **O ministro estaria pensando em aumentar outra vez os combustíveis**, de que trataremos mais à frente.

Examinemos, agora, um texto argumentativo (mundo comentado):

> *São três os nutrientes calóricos, isto é, que fornecem energia para o corpo, ao liberarem calor na combustão, ou queima. Os carboidratos são os primeiros a serem queimados como fonte de energia pelo corpo, pois sua combustão é mais fácil. Cada grama de açúcar ou outro carboidrato tem quatro calorias. A gordura ou líquido, apesar de produzir mais energia, ou calor na queima, é a segunda fonte de energia do corpo humano.*[2]

Observamos, agora, que o presente é o tempo verbal dominante: "**São** três os nutrientes", "**fornecem** energia para o corpo", "Os carboidratos **são** os primeiros", "sua combustão **é** mais fácil", "**tem** quatro calorias".

---

2 Revista *Veja*, São Paulo, 1987.

Muitas vezes, utilizamos, entretanto, tempos do mundo comentado no mundo narrado, e tempos do mundo narrado no mundo comentado. Isso caracteriza aquilo que Weinrich[3] chama de *metáfora temporal*. Mas, por que motivo faríamos uso dessas metáforas? Simplesmente para manifestar, no texto, atitudes ilocucionais ou de enunciação. No Capítulo 1, fizemos menção de que, no texto, ficam marcas da enunciação. A metáfora temporal é uma dessas marcas. Mas marcas de quê?

Comecemos pelo texto narrativo. O uso dos tempos do mundo comentado no texto narrativo provoca uma atitude de maior engajamento ou comprometimento do autor, cujo efeito é aumentar a *tensão narrativa*. Examinemos, primeiro, o texto narrativo a seguir, construído com tempos do passado:

(28) No dia 9 de março de 1500, Pedro Álvares Cabral deixou o porto de Belém, em Lisboa, rumo às Índias. Quando se aproximou das costas da África, teve medo das calmarias. Desviou, então, sua frota de treze navios para longe da África. No dia 22 de abril do mesmo ano, descobriu uma nova terra, que foi chamada, mais tarde, de Brasil.

Vejamos, agora, uma segunda versão, com o recurso da metáfora temporal, empregando tempos do presente, no processo narrativo:

(28a) No dia 9 de março de 1500, Pedro Álvares Cabral deixou o porto de Belém, em Lisboa, rumo às Índias. Quando se aproxima das costas da África, tem medo das calmarias. Desvia, então, sua frota de treze navios para longe da África. No dia 22 de abril do mesmo ano, descobrirá uma nova terra, que será chamada, mais tarde, de Brasil.

Como podemos notar, não há diferenças de conteúdo proposicional entre as duas versões do texto. A diferença existente é puramente ilocucional, ou estilística, como diriam os manuais de gramática de português. Aliás, estes manuais dão a esse procedimento o nome de *presente histórico,* fazendo menção apenas ao uso do tempo presente nas narrativas, ignorando que também o futuro do presente pode ser utilizado, como acontece na segunda versão deste texto, quando dizemos que Cabral **descobrirá** uma nova terra que **será** chamada de Brasil.

Vamos examinar, agora, o que ocorre quando a metáfora temporal é realizada no sentido contrário, ou seja, quando empregamos tempos do mundo narra-

---

3 Weinrich, *Le Temps: le récit et le commentaire*.

do no mundo comentado. Veremos que o efeito é oposto. Enquanto o emprego dos tempos do presente, em uma narrativa, leva a um comprometimento maior do enunciador, o uso dos tempos do passado no comentário (texto argumentativo) reduz esse comprometimento, materializando aquilo que podemos chamar de *modalização,* uma atitude de polidez, em que deixamos margem a um possível diálogo, sem impor autoritariamente nosso ponto de vista.

Vejamos, primeiro, um fragmento de texto argumentativo, onde se utilizam os tempos do presente:

(29) O governo tem por obrigação tomar providências imediatas para diminuir os gastos públicos. Todos nós ficaremos satisfeitos se a diminuição desses gastos fizer diminuir também a inflação.

Modifiquemos, agora, os tempos verbais:

(29a) O governo teria por obrigação tomar providências imediatas para diminuir os gastos públicos. Todos nós ficaríamos satisfeitos se a diminuição desses gastos fizesse diminuir também a inflação.

Podemos notar que esta versão, embora mantenha o mesmo conteúdo proposicional da anterior, sofreu modificação em seu processo de enunciação. O uso do futuro do pretérito, tal como naquela sentença citada há pouco ("O ministro estaria pensando em aumentar novamente os combustíveis"), tornou o texto menos autoritário, mais polido.

Mesmo na linguagem oral, costumamos fazer uso de tempos do passado com o objetivo de sermos polidos em situações em que, normalmente, usaríamos o presente. É o que acontece, por exemplo, quando alguém entra em uma loja e diz à vendedora: "Eu queria uma blusa azul". É óbvio que o imperfeito, tempo passado, não tem, nesse momento, valor de passado. Seu valor, apenas ilocucional, é marcar a modalização. Fazer, polidamente, um pedido.

Outras maneiras de se marcar a modalização no texto

Além da utilização de tempos do mundo narrado no mundo comentado, há outras maneiras de se modalizar um texto, tornando-o menos autoritário, mais polido. Dentre as mais comuns estão:

1) o uso dos auxiliares modais: **dever**, **poder**, **querer**, **precisar** etc.

2) predicados cristalizados: **é certo**, **é preciso**, **é necessário**, **é provável** etc.

3) advérbios modalizadores: **provavelmente**, **certamente**, **necessariamente**, **possivelmente** etc.

4) verbos de atitude proposicional: **eu creio**, **eu sei**, **eu duvido**, **eu acho** etc.

Examinemos o texto abaixo, sem modalização:

(30) Tendo em vista as perspectivas que a diplomacia abre a quem queira abraçá-la, os percalços traduzem a queda vertical em que o Brasil mergulha sem que se saiba onde e quando vai parar, para reiniciar a ascensão que haverá de expressar uma recuperação indispensável.

Modalizemos, agora, esse texto com alguns dos recursos propostos:

(30a) Tendo em vista as perspectivas que a diplomacia abre a quem queira abraçá-la, os percalços traduzem, **provavelmente**, a queda vertical em que o Brasil **parece** mergulhar, sem que se saiba onde e quando vai parar para reiniciar a ascensão que **haveria** de expressar uma recuperação indispensável.

É óbvio que a modalização deve ser empregada com critério, de maneira que não descaracterize os textos com ela redigidos. Trata-se de um recurso extremamente útil na produção de textos de ajuste (cartas ou ofícios reclamando alguma coisa, respondendo a reclamações etc.).

EXERCÍCIOS

[**1.** Construa uma nova versão do texto abaixo, utilizando o presente como metáfora temporal.

"Era como o corpo de uma gaivota, mas voava muito melhor do que antigo jamais voara. Era maravilhoso, pensava ele, com metade do esforço conseguirei o dobro da velocidade, o dobro da eficiência dos meus melhores dias na Terra."[4]

---

[4] Bach, *A história de Fernão Capelo Gaivota*, p. 49.

[**2.** Idem. Igual ao anterior, utilizando o texto a seguir.

O Titanic era considerado um navio indestrutível, inafundável. Apesar disso, ainda em sua viagem inaugural, o enorme monumento à engenharia naval inglesa bateu em um *iceberg*. O navio somente tinha escaleres para o pessoal da primeira classe. E afundou rápido, numa das maiores tragédias marítimas da história.

[**3.** Construa uma nova versão do texto abaixo, utilizando tempos do passado, como metáfora temporal.

"Uma outra e mui negligenciada característica da riqueza é o problema criado pelo seu mais sensual uso e gozo. Os pobres e a gente de renda modesta acham que o principal deleite dos ricos está no consumo sensual – comida, bebidas alcoólicas e caríssimas, variadas e garantidas atividades de fornicação. Quando consegue algum dinheiro extra, o pobre, por instinto, logo se entrega a boas comidas, à bebedeira ou, com um pouco mais de imaginação, a uma mulher."[5]

[**4.** Construa uma outra versão do texto anterior, utilizando, desta vez, outros recursos de modalização.

[**5.** Construa uma nova versão do texto a seguir, utilizando tempos do passado, como metáfora temporal.

É interessante que as confederações esportivas tomem atitudes concretas para coibir a prática do *doping* dos atletas em competições. Os casos comprovados dessa prática serão julgados sumariamente, e o atleta em contravenção será expulso imediatamente da entidade.

[**6.** Construa uma outra versão do texto anterior, acrescentando, desta vez, outros recursos de modalização.

[**7.** Imagine a seguinte situação: você pediu ao diretor de uma Escola de Medicina que indicasse à sua empresa ou escola três profissionais ligados à área de cardiologia, para a realização de uma mesa-redonda sobre os problemas do coração, em uma cidade grande. O diretor indicou, em sua carta-resposta, um cardiologista, um médico obstetra e um dermatologista. Você deve escrever novamente a esse diretor, agradecendo o envio do cardiologista, mas pedindo a substituição dos profissionais não identificados com a natureza da mesa-redonda. Faça isso, empregando os processos de modalização expostos neste capítulo.

5 Galbraith, *A era da incerteza*, p. 60.

[7]

Polifonia e intertextualidade

Quando estamos produzindo um texto, nem sempre somos a única voz presente. Às vezes, colocamos, explicitamente, uma outra voz, por intermédio de processos de citação. É o que se chama de *polifonia*. Isso acontece, quando o autor de um texto, além de manifestar sua própria voz, introduz também a voz de outra pessoa. Eis um exemplo típico:

> *Conheci um professor de educação física que defendia a tese de que atletismo faz mal à saúde. E argumentava: "Você conhece algum atleta longevo? Quem vive muito são aquelas velhinhas sedentárias que tomam chá com bolo no fim da tarde..." Quando ele me disse isso pela primeira vez lembrei-me logo da minha mãe. Antigamente a medicina tinha ideias científicas diferentes.*[1]

Na redação de textos científicos, as citações são bastante comuns, como no seguinte trecho:

> *Os termos função e funcional são muito correntes na produção da Escola Linguística de Praga, mas verificar a interpretação que é dada a esses termos, segundo Danes (1987, p. 4) não é uma tarefa fácil.*[2]

---

1 Alves, *O amor que acende a luz*, p. 45.
2 Neves, *A gramática funcional*, p. 7.

Para introduzir a voz de uma outra pessoa, é comum o uso de verbos como *dizer*, *falar*, *afirmar*, como ocorre no texto anterior. Muitas vezes, o autor do texto lança mão ainda de outros verbos menos neutros, como *enfatizar*, *advertir*, *ponderar*, *confidenciar*.

É preciso ter cuidado com o emprego desses verbos introdutores de vozes, pois é bastante comum o autor de um texto utilizá-los (sobretudo os da segunda lista) de modo a manipular a voz que apresenta. Vejam-se as diferenças que podem existir nos textos abaixo, apenas trocando o verbo introdutor da voz:

(a) O presidente disse que a inflação vai diminuir.

(b) O presidente advertiu que a inflação vai diminuir.

(c) O presidente ponderou que a inflação vai diminuir.

(d) O presidente confidenciou que a inflação vai diminuir.

Na posição de leitor, é sempre interessante, para fugir de uma provável manipulação, trocar todos os verbos não neutros por verbos neutros como *dizer*.

Muitas vezes o próprio leitor é colocado como voz no texto, em sequências como:

(a) Imagine o leitor que...

(b) Imaginemos que temos à frente...

(c) É preciso conseguir, antes de tudo...

Em (a), o leitor é colocado explicitamente. Em (b), ele é colocado juntamente com o autor do texto. Em (c), ele é colocado como se fizesse parte de um conjunto abstrato de pessoas.

De fato, o uso de expressões como *é preciso*, *é urgente* sugere as perguntas: Preciso para quem? Urgente para quem? Esse *quem*, na verdade, é uma espécie de *vox populi* a que se somam, com cumplicidade, o autor e o leitor. O autor, por adesão explícita; o leitor, por indução do autor. Algumas outras vezes, o autor coloca, explícita ou implicitamente, uma outra voz no texto, cujo entendimento

depende de o leitor ter, em seu repertório, conhecimento de um outro texto. É o que se costuma chamar de *intertextualidade*. Suponhamos que alguém escreva o seguinte texto:

> Na questão da inflação anual e das taxas de juro, pouca gente pode dizer que se encontra em berço esplêndido, neste país.

Qualquer brasileiro perceberá que o texto em questão traz dentro de si um pedacinho de um outro texto: o do *Hino Nacional Brasileiro*.

A compreensão da intertextualidade, entretanto, sobretudo aquela colocada de forma implícita, está sempre condicionada ao repertório do leitor. Quando eu coloco um trecho de um outro texto, no meu próprio texto, estou tentando "pescar", na memória do meu leitor, o texto original, de onde foi extraído o tal trecho.

Eu me lembro, por exemplo, de ter lido, há muito tempo, uma crônica do Davi Nasser, na antiga revista *O Cruzeiro,* que começava assim:

> *Estava eu, em minha fazenda, posto em sossego, examinando uma vaca* [...].

É claro que a intertextualidade funcionou apenas para aqueles que tivessem lido o episódio de Inês de Castro, em *Os Lusíadas,* de Camões, cujo início, no texto original, tem a seguinte forma:

> *Estavas, linda Inês, posta em sossego,*
> *De teus anos colhendo doce fruito*
> *Naquele engano da alma ledo e cego,*
> *Que a fortuna não deixa durar muito,*
> *Nos saudosos campos de Mondego*
> *De teus fermosos olhos nunca enxuto,*
> *Aos montes ensinando e às ervinhas*
> *O nome que no peito escrito tinhas.*[3]

A intenção do autor da crônica deve ter sido a de fazer humor, certamente, uma vez que existe muito pouco de lírico em examinar uma vaca.

---

[3] Camões, *Os Lusíadas*, canto III, estrofe 120.

Analisemos agora um outro texto, um pouco mais longo, extraído do livro *Homem 70*, de Sérgio José Shirato, em que o autor emprega, com rara felicidade, o recurso da polifonia.

O caminho da personalização

O homem é um ser cuja vocação fundamental é ser pessoa: buscar sua unidade, sua liberdade, sua felicidade. Esta vocação é conquistada à custa de sofrimentos e de riscos, porque "quando a gente anda sempre para frente não pode mesmo ir longe"[4].

O homem é um ser que se personaliza através de uma constante evolução, de um contínuo caminhar, de uma contínua subida. O homem que aceita evoluir aceita correr uma série de riscos, exatamente porque o mundo dos outros nem sempre é paz, amor, receptividade. Quando tudo parece estar em ordem, pronto! reaparecem problemas e, consequentemente, o desânimo[5]*. O outro é alguém que encontro num processo igualmente difícil como o meu. As dificuldades com as quais me deparo em minha conversão para ser pessoa são as mesmas dificuldades que o outro encontra. Não estou diante de pessoas prontas; ao contrário, minha atitude é de fundamental importância para a personalização do outro. É na troca de experiências que mantemos, que encontramos a bagagem necessária para o longo caminho da personalização.*

Neste caminho, corremos riscos inúmeros. Mas correr riscos é condição necessária para quem quer crescer. Quem não sabe "ex-por-se", não chegará a ser pessoa, não evoluirá. Jamais atingirá a perfeição.

Esta evolução significa exatamente a passagem do egocentrismo para o amor. Eu vivia só até que resolvi sair de mim mesmo para descobrir o meu "outro-eu". Percebi a dificuldade de sair do meu planeta, porque ele era pequeno demais. Não havia aí lugar para duas pessoas. Mas percebi também que podia desembaraçar o meu pequeno mundo – jogar fora muita coisa velha que guardava durante o tempo de minha solidão. Constatei, então, que o meu planeta não era tão pequeno assim. Desatravancado, eu estava mais apto para amar de verdade. Compreendi que enquanto não me conhecesse um pouco mais, não poderia reconhecer como verdadeiro

---

4 SAINT-EXUPÉRY, *O pequeno príncipe*, p. 18.

5 "A comunicação é mais rara do que a felicidade, mais frágil do que a beleza. Um nada a pode suspender ou quebrar entre duas pessoas (...). MOUNIER, *O Personalismo*, p. 70.

o mundo do outro, do tu. Senti necessidade de crescer em minha autoconfiança, de ter certeza do que eu queria, de tomar consciência de que o movimento de personalização só tem pleno sentido quando atinge a pessoa do outro e sobretudo quando eu me torno capaz de ser fiel a uma rosa.

Descobri que "o essencial é invisível aos olhos. Só se vê bem com o coração"[6]. As aparências enganam. É preciso chegar ao íntimo de mim mesmo para poder chegar ao íntimo da pessoa amada. E quanto mais eu chego ao íntimo desta pessoa que eu quero atingir, tanto mais eu descubro as riquezas do meu próprio ser.

Logo no início do texto, no primeiro parágrafo, o autor coloca uma citação de *O pequeno príncipe,* de Saint-Exupéry. No segundo parágrafo, por intermédio de uma nota de rodapé, coloca a voz de Mounier, filósofo do Personalismo, para, logo em seguida, "aterrissar" ele próprio como voz presente em seu próprio texto, quando diz: "O outro é alguém que **encontro** num processo igualmente difícil como o **meu**". Finaliza o parágrafo, incorporando o próprio leitor como voz no texto: "É na troca de experiências que **mantemos**, que **encontramos** a bagagem necessária para o longo caminho da personalização".

No parágrafo seguinte, mantém o leitor como voz no texto, apenas na primeira frase. A partir da segunda, volta a ser o narrador em terceira pessoa que era no início do texto.

No quarto parágrafo, faz uma alusão implícita a *O pequeno príncipe,* de Saint-Exupéry. É o momento da intertextualidade. Somente o leitor que tenha lido, previamente, *O pequeno príncipe* saberá entender o que significa sair do seu planeta, e, principalmente, o que significa ser capaz de ser fiel a uma rosa.

No último parágrafo, Shirato faz outra citação direta de Saint-Exupéry, coloca outras vozes anônimas, por intermédio da expressão **é preciso**, e completa o texto, aterrissando outra vez, como voz do autor, materializada dentro do próprio texto.

O recurso da polifonia pode ter várias motivações. A principal delas, num texto científico, é fazer uso do argumento da autoridade, para a hipótese que estamos defendendo, ou explicitar a paternidade de outras hipóteses que estamos atacando. A situação se inverte, inteiramente, por exemplo, no caso da elaboração de uma ata, documento polifônico por natureza. Mais à frente, mostraremos outras funções que podem ser preenchidas pela polifonia.

6 SAINT-EXUPÉRY, op. cit., p. 74.

EXERCÍCIOS

[**1.** Escreva um pequeno texto, defendendo a liberdade de imprensa, introduzindo uma citação sobre liberdade.

[**2.** Escreva um pequeno texto em que você possa inserir a seguinte citação: "O escravo tem um amo só; o ambicioso tem tantos quantos são úteis à sua fortuna." [La Bruyere]

[**3.** Idem, igual ao anterior, inserindo a citação: "Amanhã será o primeiro dia do resto da minha vida." [Anônimo]

[**4.** Idem, igual ao anterior, inserindo a citação: "O amigo de um homem gosta dele, mas deixa-o ficar como ele é; a mulher de um homem ama-o e está sempre tentando torná-lo alguém diferente." [Chesterton]

[**5.** Idem, igual ao anterior, inserindo a citação: "Falai baixo, se falais de amor." [Shakespeare]

[**6.** Idem, igual ao anterior, inserindo a citação: "É certo, afinal de contas, que neste mundo nada nos torna necessários a não ser o amor." [Goethe]

[**7.** Idem, igual ao anterior, inserindo a citação: "Os anciãos gostam de dar bons conselhos para se consolarem de não mais estarem em condições de dar maus exemplos." [La Rochefoucauld]

[**8.** Idem, igual ao anterior, inserindo a citação: "A arte é uma mentira que revela a verdade." [Picasso]

[**9.** Idem, igual ao anterior, inserindo a citação: "Passamos uma época da vida colecionando emoções, e outra, colecionando saudades." [Paulo Bonfim]

[**10.** Idem, igual ao anterior, inserindo a citação: "A oposição será sempre popular; é o prato servido à multidão que não logra participar do banquete." [Joaquim Nabuco]

[8]

Impessoalização do texto

Muitas vezes, escrevendo um texto, torna-se necessário impessoalizá-lo, ou seja, omitir seus agentes. Ou porque seja redundante explicitá-los, ou por não haver conveniência em fazê-lo, dentro da filosofia daquela conhecida máxima que diz que se costuma contar o milagre mas não o santo que o produziu.

Digamos, por exemplo, que temos de relatar a alguém as reformas por que passou uma casa. Seria bastante estranho construir um texto assim:

(31) Pintores pintaram a casa por dentro e por fora. Encanadores reviram todo o encanamento. Azulejistas trocaram os azulejos avariados.

Existe nesse texto uma redundância flagrante, uma vez que qualquer pessoa sabe que pintores pintam, encanadores trabalham com encanamentos e assim por diante. Ou seja, não há a menor necessidade de explicitar agentes como pintores, encanadores e azulejistas. Devemos, pois, impessoalizar o nosso texto, descartando dele os agentes. Se, simplesmente, os omitíssemos, teríamos:

(31a) Pintaram a casa por dentro e por fora. Reviram todo o encanamento. Trocaram os azulejos avariados.

O leitor dirá que ficou um pouco melhor, mas não ficou bom. De fato, na língua oral, é comum omitir o sujeito agente, deixando o verbo na terceira pessoa do plural como em:

Bateram à porta.

Mas, no texto escrito, os procedimentos são outros. O mais comum seria dar ao texto a seguinte versão:

(31b) A casa foi pintada por dentro e por fora. Todo o encanamento foi revisto. Foram trocados os azulejos avariados.

Temos agora um texto bastante adequado. O recurso utilizado foi colocar as frases na voz passiva com auxiliar **ser**. Aliás, esta é uma das principais funções da voz passiva, em português: permitir o descarte do agente, pois uma frase ativa, transformada em passiva, pode facilmente ter seu agente omitido.

Uma outra função da passiva com o auxiliar **ser** é mudar a perspectiva de uma cena. Uma sentença como:

(32) Marcelo abriu a porta.

pode ser convertida à sua forma passiva:

(32a) A porta foi aberta por Marcelo.

A diferença, nesse caso, será simplesmente uma mudança de perspectiva. Em **Marcelo abriu a porta**, vemos a cena pela perspectiva de Marcelo. Em **A porta foi aberta por Marcelo**, vemos a mesma cena, desta vez pela perspectiva da porta. Neste nosso capítulo, porém, estaremos usando a voz passiva com **ser** apenas como uma estratégia de descarte do agente.

A passiva com **ser** não é o único recurso, entretanto, para omitir o agente. Uma outra opção é empregar a passiva pronominal com **se**. O texto em questão teria, dessa outra maneira, a seguinte versão:

(31c) Pintou-se a casa por dentro e por fora. Reviu-se o encanamento. Trocaram-se os azulejos avariados.

Normalmente, tanto na primeira versão com o verbo **ser**, como na segunda, com o pronome **se**, é comum o sujeito ficar posposto. É preciso prestar muita atenção, nestas situações, porque, mesmo posposto, o verbo concorda com ele. Sentenças como:

Foi trocado os azulejos avariados.

Trocou-se os azulejos avariados.

são malformadas.

Se observarmos atentamente o texto que estamos impessoalizando, neste capítulo, veremos que ele pertence àquilo que chamamos, no Capítulo 6, de mundo narrado, onde os tempos verbais estavam vinculados ao passado. Imaginemos, agora, que se trate do mesmo texto, desta vez, no mundo comentado, redigido com os tempos do presente. A versão não impessoalizada teria a forma:

(31d) Os pintores pintam a casa por dentro e por fora. Os encanadores reveem o encanamento. Os azulejistas trocam os azulejos avariados.

Impessoalizando, com a passiva pronominal com **se**, teremos:

(31e) Pinta-se a casa por dentro e por fora. Revê-se o encanamento. Trocam-se os azulejos avariados.

Utilizando a passiva com **ser**, teremos:

(31f) A casa é pintada por dentro e por fora. O encanamento é revisto. São trocados os azulejos avariados.

Parece que essa última versão não ficou tão boa. Geralmente, quando se trata de textos do mundo comentado a serem impessoalizados, fazemos uso, na versão com passiva utilizando **ser**, de verbos auxiliares como **dever**. A mesma versão, na passiva com **ser**, utilizando esse auxiliar, teria a forma:

(31g) A casa deve ser pintada por dentro e por fora. O encanamento revisto. Os azulejos avariados devem ser trocados.

Esta última versão ficou bem melhor. Isto se deve ao fato de que, quase sempre, os textos que impessoalizamos no presente (mundo comentado) têm por objetivo fornecer instruções, normas de procedimento. O agente impessoalizado fica, nesse caso, sendo, implicitamente, o próprio leitor do texto, que deverá executar suas instruções.

Uma outra maneira de se impessoalizarem textos dessa natureza é por meio do modo imperativo, ou do infinitivo do verbo. Com o uso do imperativo, teremos a seguinte versão do texto:

(31h) Pinte a casa por dentro e por fora. Reveja o encanamento. Troque os azulejos avariados.

Utilizando o infinitivo do verbo, teremos:

(31i) Pintar a casa por dentro e por fora. Rever o encanamento. Trocar os azulejos avariados.

É possível conjugar dois procedimentos: o uso da voz passiva com **ser** ou com **se**, com o imperativo, o que produziria mais duas versões:

a) versão com passiva com **ser** + *imperativo*

Seja pintada a casa por dentro e por fora. Seja revisto o encanamento. Sejam trocados os azulejos avariados.

b) versão com passiva com **se** + *imperativo*

Pinte-se a casa por dentro e por fora. Reveja-se o encanamento. Troquem-se os azulejos avariados.

Esses processos conjugados não são mais utilizados, modernamente. A versão conjugada com a passiva com **ser** lembra um estilo bíblico. A própria oração do Pai-Nosso diz: **Seja feita a vossa vontade assim na Terra como no Céu**. A segunda versão, conjugada com a passiva **se**, lembra o estilo jurídico. De fato, a frase que aparece comumente, ao final de uma decisão jurídica, é composta dentro desse tipo de conjugação: **Publique-se e cumpra-se**.

Como vemos, é muito importante dominar esses recursos de impessoalização do agente, pois, inúmeras vezes, você terá necessidade deles.

EXERCÍCIOS

[**1.** Construa duas versões do texto abaixo. Na primeira delas, descarte os agentes, utilizando a voz passiva com **ser**. Na segunda delas, faça o mesmo, usando a voz passiva com **se**.

A construtora concretou a laje. Logo depois, impermeabilizou-a. Em seguida, a construtora levantou as paredes e colocou os batentes das janelas.

[**2.** Construa duas versões do texto abaixo. Na primeira delas, descarte os agentes, utilizando a voz passiva com **ser** e o verbo auxiliar **dever**. Na segunda, faça o mesmo, usando a voz passiva com **se**.

A construtora concreta a laje. Logo depois, impermeabiliza-a. Em seguida, a construtora levanta as paredes e coloca os batentes das janelas.

[**3.** Construa mais duas versões do texto básico do exercício anterior, descartando o agente. Na primeira delas, utilize o modo imperativo. Na segunda, o verbo no infinitivo.

[**4.** Construa duas versões do texto abaixo. Na primeira delas, descarte os agentes, utilizando a voz passiva com o verbo **ser** e o verbo auxiliar **dever**. Na segunda delas, faça o mesmo, usando a voz passiva com **se**.

O cozinheiro escolhe duas xícaras de arroz. Em seguida, coloca estas duas xícaras numa panela e acrescenta quatro xícaras de água.

[**5.** Descarte, agora, os agentes do texto básico do exercício anterior, em mais duas versões, utilizando o modo imperativo e o verbo no infinitivo.

Observação: Preste atenção à maneira como você resolveu a segunda versão do primeiro exercício. A construção **Logo depois, impermeabilizou-se-a** é incorreta. Deve-se escrever **Logo depois, impermeabilizou-se**, omitindo o sujeito (coesão por elipse), ou **Logo depois, impermeabilizou-se ela**, colocando-se o sujeito, desta vez expresso, no caso reto.

[9]

Parágrafo
Tópico de parágrafo
e desenvolvimento

O parágrafo é uma estrutura superior à frase, que desenvolve, eficazmente, uma única ideia-núcleo. Apesar disso, o parágrafo não deve ser uma camisa de força do texto. Com um pouco de sensibilidade, todos nós somos capazes de perceber o momento em que devemos fazer a transição entre um parágrafo e outro. As informações deste capítulo devem ser consideradas, portanto, apenas como balizas de orientação e não receitas a serem seguidas ao pé da letra.

Início de parágrafo

Garcia[1], com base naquilo que chama parágrafo-padrão, propõe uma série de inícios de parágrafo, que denomina de tópicos frasais. Neste trabalho, vou utilizar a expressão *tópico de parágrafo,* uma vez que existem termos colocados em início de sentenças, como uma espécie de "quadro de referência", que se chamam *tópicos de frase* ou *tópicos frasais*. É o caso de sequências como:

O carro, você viu que ele está sem gasolina?

em que o termo **O carro** funciona como tópico da frase.

1 Garcia, *Comunicação em prosa moderna*, p. 188.

Vamos, portanto, aos tópicos de parágrafo. O mais comum deles é a *declaração inicial*. Geralmente, esse tipo de tópico ocorre no mundo comentado. Como o próprio nome indica, trata-se de iniciar o parágrafo fazendo uma declaração, como no exemplo a seguir:

O hábito de correr, benéfico para o coração, os pulmões e a manutenção da forma física, também origina sérios problemas, principalmente ortopédicos.

Um outro tópico é a *alusão histórica*. Trata-se de iniciar um parágrafo fazendo alusão a um fato acontecido, real ou fictício. Temos, agora, a presença do mundo narrado. Aliás, no capítulo, você poderá se informar melhor e aprofundar seu estudo no que se refere a esse tópico. Vamos a um exemplo:

Em algum dia perdido na noite dos tempos, há cerca de seis mil anos, o homem lançou seu primeiro barco na água, e, flutuando, movimentou-se pela primeira vez fora de terra firme.

É claro que, na *alusão histórica*, também estamos, de certa maneira, fazendo uma declaração. O que importa, no entanto, é estarmos *narrando* alguma coisa.

Um terceiro tipo de tópico é a *interrogação*. A ideia-núcleo do parágrafo é colocada por intermédio de uma pergunta. Seu desenvolvimento é feito por intermédio da confecção de uma resposta à pergunta:

De que maneira uma nação pode conciliar seu desenvolvimento com uma pesada dívida externa?

Um quarto tipo, muito pouco utilizado, é o da *omissão de dados identificadores*. Esse tópico visa criar um certo suspense no leitor, por intermédio da ocultação de elementos que somente vão aparecer no desenvolvimento do parágrafo. Vejamos um exemplo:

De uns tempos para cá, tem surgido um elemento novo no cenário político nacional. Extremamente movediço, ele sempre aparece onde não se espera. Se o espreitamos, ele se esconde, em hibernação cautelosa.

Desenvolvimento do parágrafo

O desenvolvimento do parágrafo dependerá, obviamente, da macroestrutura do texto. Há certos tipos de desenvolvimento mais adequados ao texto argumentativo. Outros, ao discurso narrativo. Vou, entretanto, exemplificar algumas possibilidades de desenvolvimento do parágrafo, a partir de um único tópico, o seguinte:

A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração.

Desenvolvimento por detalhes

A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. O tráfego intenso, o ruído do tráfego, as preocupações geradas pela pressa, o almoço corrido, o horário de entrar no trabalho, tudo isso abala as pessoas, produzindo o *stress* que ataca o coração.

Desenvolvimento por definição

A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Vida agitada é aquela em que o indivíduo não tem tempo para cuidar de si próprio, mercê dos compromissos assumidos e do tempo exíguo para cumpri-los. Entre as doenças do coração, a mais comum é a que ataca as artérias coronárias, assim chamadas porque envolvem o coração, como uma coroa, para irrigá-lo em toda a sua topologia.

Desenvolvimento por exemplo específico

A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imaginemos um chefe de família que deixa sua casa, às 6h30 da manhã. Logo de início, tem de enfrentar a fila da condução. A angústia da demora: será que vem ou não vem o ônibus? Finalmente, vem. Superlotado. Sobe ele, aos trancos, e logo enfrenta a roleta. – Troco? – Não tem troco pra cem. – Espera um pouco pra passar na roleta. – Agora tem, pode passar. Finalmente o ponto de descida. O relógio de ponto. Em cima da hora. Nesse momento, o relógio do coração do

nosso amigo já passou do ponto. Está acelerado. Suas coronárias sofrem sob o impacto do *stress* e entram em débito de fluxo sanguíneo.

Desenvolvimento por fundamentação da proposição

A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Somente na última década, segundo informações da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, o paulistano se infartou vinte vezes mais do que no decênio anterior. O *stress* causado pela vida intensa acelera os batimentos cardíacos, por intermédio da injeção exagerada de adrenalina, e apressa o surgimento dos problemas do coração.

Desenvolvimento por comparação

A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imagine o leitor, por exemplo, um automóvel dirigido suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida útil desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de "cantar pneus", curvas no limite de aderência, marchas esticadas e freadas violentas. A vida útil deste último tende a decair miseravelmente. O mesmo podemos fazer com nosso coração. Podemos conduzi-lo com doçura, em ritmo de alegria e de festa, ou podemos tratá-lo agressivamente, exigindo-o fora de seu ritmo e de seu tempo de recuperação.

Como podemos ver, não é difícil desenvolver um parágrafo. As sugestões anteriormente citadas, repito, não esgotam as possibilidades.

EXERCÍCIOS

[**1.** Escreva três tópicos de parágrafo (*declaração inicial, alusão histórica* e *interrogação*) a respeito do seguinte tema: O trabalho da mulher fora de casa.

[**2.** Igual ao anterior, a respeito do seguinte tema: A inflação no Brasil.

[**3.** Igual ao anterior, a respeito do seguinte tema: A universidade brasileira no século XXI.

[**4.** Escolha um dos tópicos de cada um dos exercícios anteriores e desenvolva-o por *detalhes*, *exemplo específico* e *fundamentação da proposição.*

[**5.** Desenvolva o seguinte tópico de parágrafo por *detalhes*, *exemplo específico* e *comparação*:

Viajar de avião, segundo os entendidos, é desfrutar do meio de transporte mais seguro e confortável que existe.

Segunda parte

[10]

Composição do texto

10.1 Texto argumentativo ou narrativo? A questão da relevância ilocucional

Nesta segunda parte do livro, pretendo tratar da composição do texto. Até agora, estive dando os ingredientes fundamentais da textualidade. A partir de agora, trata-se de misturar esses ingredientes para obter textos reais, concretos, com diferentes finalidades.

Meu objetivo é privilegiar o tipo textual argumentativo, uma vez que, em nosso dia a dia, com raras exceções, é ele que se manifesta sob a forma de dissertações escolares, monografias científicas, cartas, ofícios, relatórios, petições jurídicas e editoriais de jornal.

Em situações concretas, podemos dizer que o texto argumentativo raramente existe em estado puro. Ele se compõe, na prática, com o narrativo e com o descritivo. Esse último, como vimos no Capítulo 4, nunca existe por si mesmo, achando-se ligado sempre ou ao texto argumentativo ou ao narrativo.

Mas, se dizemos que argumentativo, narrativo e descritivo se misturam, no processo de composição, como identificar sua natureza? Uma outra boa pergunta é: por que se misturam?

A resposta à primeira pergunta pode ser imediata. A resposta à segunda é o assunto de todo este capítulo, onde pretendo, também, esclarecer como argumentativo, narrativo e descritivo se misturam.

Respondendo à primeira pergunta, podemos dizer que o que identifica a natureza de um texto é a sua intencionalidade. Em um texto em que coexistem elementos narrativos e argumentativos, vamos descobrir se ele é narrativo ou argumentativo a partir da refacção do percurso enunciação-texto. Vimos, no Capítulo 1, que entender um texto é, sobretudo, decodificar a intenção de quem o produziu, ou seja, entender o que é relevante em termos ilocucionais. Se a intenção do autor é argumentar, a argumentação ganhará relevância sobre um eventual processo narrativo também presente. Se sua intenção é narrar, a narratividade ganhará relevância sobre um eventual processo argumentativo.

Tomemos um exemplo prático. Façamos a leitura do texto a seguir de autoria de John Kenneth Galbraith[1]:

> *O levante de fevereiro de 1848 uniu grupos inteiramente díspares, algo que não animou muito Marx. Havia os operários que clamavam por trabalho e ganhos maiores. Estes foram acompanhados dos comerciantes, na maioria pequenos empresários, que exigiam liberdade de empreendimento e uma oportunidade de ressarcir-se dos prejuízos sofridos nos anos anteriores de crise econômica. E, logo de início, houve o apoio dos camponeses, que queriam melhores preços. A liderança do movimento coube na maior parte a homens que queriam liberdade de expressão – ver-se livres da censura e das atenções da polícia. Pela maioria dos padrões estabelecidos, os líderes eram conservadores. Como símbolo da revolução, a bandeira vermelha foi rejeitada em favor da tricolor. A tricolor foi considerada menos prejudicial à confiança do mundo dos negócios e ao crédito popular.*
>
> *A revolta foi rápida e bem-sucedida. O Palácio das Tulherias foi ocupado. Louis Philippe achou conveniente ir embora. O Palácio de Luxemburgo foi utilizado como sede de uma comissão que estudaria os meios de salvar os trabalhadores da miséria. Esse expediente não era ainda um despiste ou pretexto evidente.*
>
> *A preocupação com os trabalhadores concentrou-se nos jardins. A assembleia ali realizada foi, como tem sido chamada, o primeiro congresso de trabalhadores em toda a História. Foi também, mais do que por sim-*

1 Galbraith, *A era da incerteza*, p. 90-91.

ples acaso, um meio de segregar e manter sob controle os mais encrenqueiros e perigosos participantes da revolta. Uma coisa era ser liberal, republicano, romântico. Outra coisa era contestar a propriedade privada, ser pelos direitos dos trabalhadores, por maiores salários, por uma jornada de trabalho de doze horas. Que haja revolução, mas que ela não seja irresponsável.

A palavra "revolução" vem fácil à língua; sempre há ameaças de uma revolução. Mas, se soubéssemos como é difícil fazê-la, usaríamos a palavra muito menos, e os conservadores poderiam afligir-se menos com o perigo. Eles estão muito mais seguros do que julgam estar.

Três condições são absolutamente indispensáveis. Tem que haver líderes decididos, homens que sabem exatamente o que querem e também que sabem que têm tudo a ganhar e tudo a perder. Homens assim são raros. As revoluções atraem os homens que estão de olho na sua grande oportunidade, os aproveitadores.

É preciso que os líderes tenham seguidores disciplinados, gente que acate suas ordens, que as execute sem muita discussão. Isso também é bastante difícil; os revolucionários têm o hábito desconcertante de achar que devem pensar por si mesmos, defender seus próprios pontos de vista. Existe a oportunidade e muita atração para os tagarelas. Mas estes não podem nem devem ser permitidos. Homens desse jaez serão esmagados enquanto discutem.

E, acima de tudo, o outro lado deve ser fraco. Toda revolução bem-sucedida é como o pontapé numa porta já podre. A violência das revoluções é a violência de homens que arremetem contra o vácuo. Foi assim na Revolução Francesa. Foi assim na Revolução Russa de 1917. Assim foi também na Revolução Chinesa após a Segunda Guerra Mundial. E assim não foi em 1848.

No Palácio de Luxemburgo, a liderança era fraca e havia muita conversa mole. Falava-se em oficinas governamentais em que os homens produziriam cooperativamente para o bem comum, não importando o que e a que custo. Ou, então, de obras públicas, um grande canal subterrâneo cruzando Paris, no qual a imaginação tomava o lugar da engenharia. Os salários foram, em verdade, aumentados. Mas essa e outras medidas de amparo tiveram o efeito de aumentar os impostos e de dar aos camponeses a impressão de que eles é que estavam pagando a revolução. Entre-

mentes, ninguém pensava em apoderar-se dos instrumentos do poder – a guarda nacional, a polícia, o exército. Toda essa gente é extremamente importante na hora da verdade de uma revolução.

E esse momento de verdade revolucionária aconteceu nos primeiros dias do verão de 1848. A 23 de junho, os trabalhadores decidiram abandonar seu gueto revolucionário e reunir-se em assembleia no Pantheon, a algumas centenas de passos dali. Desse local marcharam até a Praça da Bastilha para impor ao governo provisório os direitos de há muito discutidos. O governo não carecia de recursos, e já estava olhando para os operários com crescente apreensão.

Os trabalhadores conseguiram chegar à Praça da Bastilha e aí erigir uma forte barricada. O primeiro ataque da guarda nacional foi repelido, e uns trinta guardas foram mortos. As tendências românticas dos revolucionários davam-lhes maior confiança. Duas belas prostitutas subiram no topo da barricada, ergueram as saias e perguntaram qual francês, não importando quão reacionário fosse, atiraria na barriga desnuda de uma mulher. Os franceses responderam ao desafio com uma saraivada de balas mortíferas.

A essa altura as barricadas eram tomadas de assalto, e os operários, subjugados. Foram feitos prisioneiros, que de início eram fuzilados. Mas a seguir, pelo que consta, em consideração aos moradores do local, que reclamavam do barulho, foram mortos a baioneta. O massacre estendeu-se até os Jardins. Num outro gesto de consideração, segundo a lenda, o logradouro público foi mantido fechado durante vários dias, até que o sangue fosse lavado ou limpo. Como se vê, já em 1848 o pessoal estava se conscientizando do meio ambiente.

Marx não se surpreendeu muito com esse resultado. A liderança burguesa da revolução não inspirou sua confiança. E, quanto aos trabalhadores, ele achou que tanto a hora como a sequência cronológica estavam erradas: primeiro, tinha que haver uma revolução burguesa, e depois o triunfo socialista. Mais tarde, naquele mesmo ano, Marx assinalou que a revolução, pelo menos simbolicamente, havia tido êxito quanto à bandeira. "A república tricolor agora tem uma única cor, *a cor da derrota,* a cor de sangue."

Num primeiro momento, podemos entender esse texto como meramente narrativo. Conta ele a história do levante de fevereiro de 1848, em Paris. Procurando interpretá-lo, entretanto, com maior profundidade, seremos levados a concluir que ele é importante, sobretudo pelas lições que traz a respeito da natureza de uma revolução. Em outras palavras, podemos depreender dele a seguinte macroestrutura argumentativa: o tema tratado é o da revolução. O problema explicitado é o seguinte: Quais são as condições necessárias para que uma revolução aconteça? A tese que o autor do texto defende (sua resposta ao problema) é de que são três as condições necessárias ao êxito de uma revolução:

a) a existência de líderes decididos que sabem exatamente o que querem e que saibam também que têm tudo a ganhar ou a perder;

b) a existência de seguidores disciplinados que executem as ordens dos líderes, sem muita discussão;

c) o lado contra o qual lutam os revolucionários deve estar suficientemente fraco. Toda revolução, segundo o autor, é **como um pontapé numa porta já podre**.

Mais à frente, há uma exemplificação da terceira condição: a necessidade de os revolucionários se apoderarem dos instrumentos do poder tais como a polícia, o exército. Isso torna o **governo adversário** fraco.

E a argumentação que deve sustentar a tese do autor? Está ela representada justamente pela parte narrativa do texto. O levante de 1848 é exatamente um contraexemplo argumentativo. Os revolucionários não tinham um líder. **A liderança era fraca**, diz o autor. Não havia, portanto, a condição (a). Os revolucionários não eram disciplinados. **Havia muita conversa mole**, diz o autor. Não havia a condição (b). O outro lado não estava suficientemente fraco para ser chutado como uma porta podre. O governo dominava amplamente a guarda nacional, a polícia e o exército. Não havia, portanto, também a condição (c).

Como vemos, podemos perfeitamente dizer que o texto de Galbraith é um texto argumentativo, porque sua intenção é argumentativa, embora, em sua composição, entre fartamente o elemento narrativo.

Examinemos, entretanto, mais detidamente, a composição do texto argumentativo. Para que isso possa ficar mais claro, passemos ao próximo tópico deste capítulo.

10.2 Processos de esfriamento do texto. Importância do repertório

McLuhan[2] propõe uma classificação dos veículos ou meios de comunicação em **frios** e **quentes**. Os meios quentes são aqueles que concentram a informação num alto grau de tensão e complexidade. Os meios frios, ao contrário, oferecem a informação diluída, em baixo grau de tensão e complexidade. Uma revista científica seria um meio quente. A televisão já se tornou um exemplo clássico de meio frio. É claro que é muito mais fácil de codificar a informação num meio frio do que num meio quente.

Essas noções de quente e frio podem ser transportadas para os textos, em geral. Dois textos escritos sobre um mesmo assunto podem ter "temperaturas" diferentes. Um deles pode ser frio e o outro, quente. O primeiro condensará menos as informações. O segundo fará exatamente o contrário. O mesmo acontece, muitas vezes, com o texto oral. É muito comum, em uma escola, dizer-se que determinado professor explica melhor a matéria do que outro. Traduzindo, em termos da teoria de McLuhan, o professor que explica melhor a matéria oferece aos seus alunos um texto mais frio do que aquele que não a explica tão bem.

A temperatura de um texto, entretanto, depende também, em grande parte, do repertório de seus destinatários. Repertório é o conjunto de conhecimentos e experiências de cada indivíduo. Nosso repertório começa a se desenvolver dentro da família. Mais tarde, se expande com a escola, círculo de amigos, vida profissional, cultural e afetiva.

Nesse sentido, podemos dizer que o repertório varia de indivíduo para indivíduo e, no mesmo indivíduo, de momento a momento. De fato, o repertório de uma pessoa nunca é o mesmo do de outra pessoa, mesmo que sejam irmãos e se tenham dedicado, por exemplo, a uma mesma profissão. Há diferenças bem maiores entre repertórios, como a que existe entre pessoas de culturas diferentes. Um irlandês e um gaúcho típico do Rio Grande do Sul terão repertórios fatalmente muito diferentes. O repertório é tão importante e nós o empregamos de maneira tão natural que muitas vezes não temos noção de que o estamos utilizando. Para ler uma simples receita culinária dele fazemos uso. Por que é que, ao lermos um texto como **Ponha três colheres de sopa de açúcar**, não nos ocorre fazer uma "sopa de açúcar", mas sim pegarmos uma colher de sopa para medir uma certa quantidade de açúcar? Simplesmente porque sabemos, pelo nosso re-

---

2 McLuhan, *Os meios de comunicação como extensão do homem*, p. 38.

pertório, que não existe sopa de açúcar e que colheres de sopa podem servir para medir ingredientes. Muitas das sentenças de que fazemos uso diariamente seriam ambíguas se não tivéssemos um repertório. Uma sentença como:

Mamãe está cozinhando.

que, normalmente, é interpretada como **Mamãe está fazendo comida**, poderia ser também interpretada por um computador [sem repertório programado] como **Mamãe está dentro de um caldeirão para servir de almoço**, como em:

O macarrão está cozinhando.

O nosso repertório varia, também, como disse, ao longo da nossa existência. Uma pessoa, aos 45 anos, não tem, nessa idade, o mesmo repertório da sua adolescência. Nesse sentido, a famosa sabedoria dos mais velhos seria nada mais nada menos do que a sabedoria de alguém que, por ter mais anos de vida, acumulou um repertório mais rico de experiências.

Mas voltemos aos textos quentes e frios. Um texto pode ser quente ou frio, portanto, dependendo também do repertório de seus leitores. Nesse sentido, é óbvio que um texto de Física deverá ser quentíssimo para um leigo no assunto e bastante frio para um phD em Física de uma Universidade. Mas um texto, como dizíamos, pode ser, em si mesmo, quente ou frio.

Um artigo científico sobre astronomia é um texto quente. Um verbete sobre o mesmo assunto, em uma enciclopédia, já é um texto frio. Assim, os textos de divulgação científica e os livros didáticos tendem a ser frios, ao contrário dos tratados científicos e artigos em periódicos, que tendem a ser quentes.

Um outro exemplo bastante conhecido de texto frio é o das *Seleções do Reader's Digest*, que condensa, inclusive, obras literárias para leitura rápida de entretenimento.

Há, contudo, um preconceito que é necessário extirpar: o de que um texto frio seja, necessariamente, menos sério e menos informativo do que um texto quente sobre o mesmo assunto. É bastante provável que o texto frio seja mais longo que o texto quente, uma vez que fará menos uso de metalinguagem ou procurará traduzir essa metalinguagem, mas, hoje em dia, decididamente, há uma preferência pelos textos frios que mantenham, embora diluída, a mesma quantidade e precisão de informação. Em áreas científicas e tecnológicas, é comum, atualmente, criarem-se versões frias de textos originalmente quentes, para per-

mitir o acesso a um número maior de leitores interessados e necessitados de informação. Tais versões são chamadas de *versões extensionistas*.

Vista a importância dos textos frios, fica a questão: "Como produzi-los? – Como fazer com que nosso leitor encontre facilidade em ler aquilo que escrevemos e até mesmo prazer nessa leitura?" Uma primeira resposta está vinculada à própria qualidade intrínseca da textualidade. Um texto que faça bom uso dos mecanismos de coesão será mais frio do que um texto falho em sua coesão. Um texto argumentativo coerente, que explicite adequadamente sua macroestrutura, será mais frio do que um texto incoerente. Nesse sentido, toda a primeira parte deste livro contribui, ainda que indiretamente, para o esfriamento dos textos.

Uma segunda resposta à pergunta está estreitamente vinculada ao processo de composição. Examinemos novamente o texto de Galbraith.

O autor poderia, simplesmente, principiá-lo dizendo que uma revolução somente poderá ter êxito quando três condições estiverem presentes. A seguir, depois de as ter explicitado, poderia dar exemplos de situações em que elas tivessem estado presentes, como a Revolução Francesa e a Revolução Russa de 1917, e de situações em que elas não tivessem estado presentes, como a do levante de 1848.

Teria, assim, o autor colocado o problema, proposto sua tese e argumentado de maneira coerente. Mas ele quis conseguir algo mais, em termos de esfriamento do texto. Há, inclusive, uma particularidade com relação ao livro de onde foi extraído o texto em questão cujo esclarecimento contribuirá, certamente, para o entendimento de sua composição.

Galbraith foi convidado, no verão de 1973, por Adrian Malone, da *BBC* de Londres, para realizar uma série de programas de televisão, a respeito de ideias econômicas e sociais. A série teve como título: "A Era da Incerteza". Posteriormente, foi transformada em livro. O próprio Galbraith diz:

> *Ao preparar esta série, em primeiro lugar escrevi meticulosamente esboços de cada um dos assuntos a serem abordados. Estes se constituíram na matéria básica da qual os* scripts *de televisão foram produzidos. A partir dos esboços originais, modificados pelos roteiros, eu então* escrevi o livro *propriamente dito.*[3]

Trata-se, como vemos, de uma matéria que foi veiculada primeiro por um meio frio, a televisão, e só posteriormente foi transformada em livro, um meio quente. Galbraith procurou manter, durante o livro todo, na medida do possível, a

[3] Galbraith, *A era da incerteza*, p. 17.

temperatura do texto feito para a TV, e utilizou, para isso, o processo de composição. Em vez de ter redigido um texto argumentativo numa sequência como a que apresentamos [tema, problema, tese, argumentação], ele principia com a narrativa do levante de 1848, na forma de *plot*, como foi explicado no Capítulo 4. Coloca, de início, uma situação e, logo, a complicação. *Os operários e comerciantes, com o apoio dos camponeses, tomam o Palácio das Tulherias. Os trabalhadores se reúnem nos Jardins, em assembleia, aguardando que o governo provisório lhes concedesse uma série de direitos que exigiam.* Nesse ponto, o autor interrompe a narrativa para desenvolver a parte argumentativa do texto. Coloca o problema e desenvolve sua proposta. Finalmente, encerra, narrando a solução do *plot*: a derrota dos revolucionários, que serve justamente de argumento maior de sua tese.

Podemos dizer que Galbraith fez uso daquilo que Blikstein[4] chama de *gancho frio*. A narrativa inicial serve para "agarrar" o leitor, interessá-lo no assunto e deixá-lo em suspense para a solução final. Depois que o leitor foi aliciado, o autor interrompe a narrativa e desenvolve seu discurso argumentativo, agora já plenamente motivado para o leitor e, ao final, completa a narrativa, com o desfecho do *plot*.

Esse processo de composição, em que um texto argumentativo começa com uma pequena narrativa, real ou fictícia, é bastante utilizado em reportagens, artigos ou editoriais de jornais e revistas, exatamente como recurso para tornar frio pelo menos o início do texto, com o objetivo de captar o interesse do leitor. Uma revista que queira tratar de um tema como a emigração de brasileiros para o exterior poderá, antes de problematizá-lo, começar a contar a história de um brasileiro que emigrou, para, depois, entrar no processo argumentativo propriamente dito.

Num texto, em que discute o tema da violência contra as crianças, a revista *Veja* principia assim:

> *O garoto Felipe, de 3 anos de idade, debruçou-se na janela do apartamento onde mora com seus pais, no 2º andar de um edifício em Porto Alegre. A mãe, Liege Pelegrini Flores, gritou desesperada para que o filho saísse dali. "Eu falei várias vezes para o Felipe não se debruçar na janela, mas ele sempre desobedecia", conta Liege. "Então peguei o Felipe com cuidado, para ele não cair, e dei-lhe uma surra. Ele nunca mais se aproximou da janela."*[5]

Na sequência argumentativa do texto, continua, depois, a revista:

4 Blikstein, *Técnicas de comunicação escrita*, p. 65.
5 Revista *Veja*, São Paulo, 1988.

A história de Liege e Felipe é apenas uma entre as milhares de histórias de pais que batem nos filhos, impondo graus variáveis de sofrimento às crianças.

O curioso é que até mesmo artigos científicos em periódicos especializados às vezes lançam mão desse recurso. Um exemplo extremamente interessante e feliz em seus objetivos é o artigo denominado "O psicolinguista convertido", de autoria de Albano, de que transcrevo o início:

Era uma vez um jovem chamado Stéfano, que tinha desistido de uns três cursos universitários até fazer Comunicação. Stéfano se formou jornalista e, como já havia mexido com matemática, física, psicologia etc., acabou arranjando um emprego na seção de ciência e tecnologia de um jornal de grande circulação. Um dia o editor científico chamou Stéfano e disse: – Ouvi dizer que tem uns caras aí fazendo pesquisa num troço chamado psicolinguística. Dizem que, se a coisa der certo, daqui a pouco vai ter bebê falando com dois meses de idade.

Quero uma matéria sobre isso pra ontem.[6]

A autora, como se vê, coloca a situação de um *plot*. Seu objetivo, no artigo em questão, é o de definir psicolinguística, seu campo e seus métodos de trabalho, o que ela consegue, desenvolvendo a narrativa inicial. Como "momentos" argumentativos do texto, podemos destacar os seguintes:

Ao indagar brevemente sobre o significado do termo, Stéfano aprendeu que psicolinguística não se faz só no campo (é assim que os psicolinguistas chamam a casa e a escola).[7]

Ali, adultos preenchem testes ou escutam com fones de ouvido misteriosos sons saídos do computador. Lá, uma gente de branco conversa com uma gente sofrida que, por obra de um acidente, por pouco perdera a capacidade de falar. Mais além – dá pra acreditar? – um bando de gente munida de belas máquinas se apresenta como capaz de puxar altos papos com macacos.[8]

No final do artigo, a autora coloca a solução do *plot*: Stéfano é demitido do jornal e vai fazer um curso de pós-graduação.

---

6 Albano, "O psicolinguista convertido", *Caderno de Estudos Linguísticos*, p. 41.
7 Idem, ibidem, p. 42.
8 Idem, ibidem, p. 44.

É claro que o exemplo de Albano representa algo radical, dentro do processo de esfriamento do texto. Nem todos os textos da autora são escritos dessa maneira que, aliás, se aproxima bastante do estilo de Monteiro Lobato nos livros infantis. A característica principal de sua obra para as crianças reside em esfriar textos científicos com narrativas envolvendo o pessoal do Sítio do Picapau Amarelo.

EXERCÍCIOS

[**1.** Desenvolva, argumentativamente, o tema: O consumo de drogas na adolescência. Principie desenvolvendo a situação e a complicação de um *plot* envolvendo um adolescente viciado em drogas.

Situação: Um jovem estudante secundário experimenta droga, algumas vezes.
Complicação: Ele é preso pela polícia, portando uma certa quantidade de droga.

Interrompa, a seguir, a narrativa e desenvolva, argumentativamente, o problema: Quais são as causas que levam o jovem a se drogar? Depois de colocar sua tese e desenvolver a argumentação, termine o texto, com uma solução que você deverá criar para o *plot* inicial.

[**2.** Desenvolva, argumentativamente, os temas abaixo, iniciando os textos com uma pequena narrativa. Você poderá colocar uma narrativa simples e curta, no início, como um gancho frio mínimo, ou seguir o esquema do primeiro exercício, elaborando *plots* para cada um dos temas, seguindo o esquema: *situação, complicação, argumentação* e *solução*.

1] A poluição ambiental
2] A distribuição de renda no Brasil
3] A televisão e a propaganda
4] A guerra moderna
5] As relações humanas e o trabalho

10.3 A metáfora como processo de esfriamento. Classificação de Jensen

Abrindo casualmente uma revista, outro dia, pude ler algumas manchetes e alguns pedaços de texto, cuja interpretação não poderia ser nunca literal.

Eis algumas delas:

A economia brasileira na corda bamba.

A política feijão com arroz do ministro Palocci é essencial, mas é importante adicionar alguns ingredientes para que façamos uma bela feijoada.

Sem controlar o déficit público, vamos ficar enxugando gelo com medidas paliativas.

A Rede Globo engatilhou na sexta-feira passada o que promete ser um de seus tiros mais certeiros na guerra com o SBT pela audiência nas tardes de domingo.

Não deverá ser difícil ao leitor lembrar outros exemplos ou mesmo encontrá-los nos jornais diários que, volta e meia, falam em fritar ministros da Fazenda, fazer uma cirurgia nos juros ou criar trens da alegria. Até mesmo nossa linguagem falada do dia a dia contém um número bastante grande de expressões não literais. Quantas vezes alguém diz que está se lixando para a opinião pública ou que está afogado em problemas, ou mesmo que está na crista da onda.

Palavras ou expressões figuradas, principalmente as comparações e metáforas, constituem um poderoso recurso de esfriamento do texto.

Dizer que conversar com fulano é como tomar cerveja quente tem mais vida do que simplesmente dizer que é tedioso conversar com fulano. Existem até mesmo metáforas estratificadas como congelamento de preços, rolar a dívida, ou abrir ou fechar um regime político.

O assunto campeão nesse tipo de recurso é, sem dúvida alguma, a economia. Talvez porque a única maneira de digerir o "economês" seja traduzi-lo em uma linguagem mais acessível ao repertório do leitor comum. O uso das metáforas tem exatamente esta função: procurar pescar no repertório do leitor uma imagem de que ele se possa servir para entender o conteúdo proposicional de um texto.

Dizer, por exemplo, para o cidadão comum, que as altas taxas de juro estão colocando em perigo a contenção da inflação e que o "ministro da Fazenda parece não ter condições de resolver esse urgente problema", pode ser quente demais. Dizer, entretanto, que "as taxas de juro colocaram a inflação na marca de pênalti" e que "o ministro da Fazenda não tem a menor chance de pegar essa bola" esfria bastante a mensagem, uma vez que qualquer brasileiro tem em seu repertório as regras de futebol e sabe muito bem o perigo representado por uma cobrança de penalidade máxima.

Jensen[9] trata das metáforas na produção de textos que procuram resolver problemas sociais e propõe uma interessante classificação que reproduzimos aqui.

O autor classifica as metáforas em cinco tipos fundamentais: *metáforas de restauração*, *metáforas de percurso*, *metáforas de unificação*, *metáforas criativas* e *metáforas naturais*.

Metáforas de restauração

A metáfora de restauração é subdividida em: *metáfora médica, metáfora de roubo, de conserto* e *de limpeza*.

A metáfora médica compara a sociedade ao corpo humano. Essa imagem antropomórfica coloca situações de males e curas e permite a todos, velhos, crianças, homens, mulheres, ricos e pobres, entender facilmente um problema qualquer. O desejo de se manter saudável é também compartilhado por todos, e a saúde tem prioridade, pois dela dependem a vida e a morte. Dessa maneira, podemos falar no câncer da inflação, no remédio amargo do congelamento dos salários e assim por diante. Imaginemos um texto completamente literal, como o seguinte:

Vamos ver como se comporta a economia brasileira, até o final do ano. O índice de inflação do próximo mês deverá ser o indicador que nos permitirá saber se a economia do país já apresenta sinais de recuperação ou se, ao contrário, ela ainda irá requerer um trabalho maior para chegar a um ponto de equilíbrio.

Vejamos, agora, este mesmo texto, em uma outra versão, com a metáfora médica:

Vamos ver como se comporta a saúde da economia brasileira até o final do ano. O termômetro da inflação do próximo mês indicará se o país poderá deixar a UTI, ou se, ao contrário, precisará de uma terapêutica ainda mais séria para conseguir curar-se.

Sem dúvida alguma, o segundo texto é mais comunicativo, por ser mais frio, graças à utilização do recurso da metáfora.

---

9 Jensen, "Metaphorical constructs for the problem-solving process". *Journal of Creative Behavior*.

A metáfora de roubo é adequada para situações, por exemplo, em que um povo pode ter sua liberdade roubada. Falamos, também, às vezes, em libertar nossas emoções ou em aprisionar uma ideia.

A metáfora de conserto pode ser aplicada a textos em que alguém diz que é preciso consertar as rachaduras de um partido político ou que é necessário encontrar a fórmula do cimento capaz de unir um grupo em torno de um ideal.

A metáfora de limpeza é muito didática, pois qualquer dona de casa sabe que é preciso manter a casa limpa. Na transição dos governos militares para os governos civis, na década de 1980, no Brasil, ficou famosa a expressão "entulho autoritário". Diziam os políticos da época que era preciso varrer o entulho autoritário. Jânio Quadros, ex-presidente da república e ex-prefeito de São Paulo, sempre utilizou, em suas campanhas políticas, a metáfora de limpeza, materializada, inclusive, pela figura de uma vassoura.

Metáforas de percurso

Nesse tipo de metáfora, associa-se a resolução de um problema a uma jornada. Essa metáfora se subdivide, segundo Jensen, em: *percurso em terra*, *no mar* e *metáfora de cativeiro*.

A metáfora de percurso em terra fala geralmente em estradas, encruzilhadas, obstáculos etc. Podemos, por exemplo, produzir uma outra versão do texto de economia, para o qual há pouco usamos a metáfora médica, da seguinte maneira:

Vamos ver que caminhos vai percorrer a economia brasileira até o final do ano. A inflação do próximo mês deverá ser o obstáculo mais poderoso. Se for vencido, estaremos no caminho certo, depois de muito cansaço.

A metáfora de percurso no mar é bastante poderosa, porque sugere sempre a possibilidade de um naufrágio. É comum ouvirem-se expressões como **Estamos no mesmo barco**, **Tábua de salvação**, **Vamos afundar** etc. Uma nova versão do texto sobre economia, construída com a metáfora marítima, teria a seguinte feição:

Vamos ver em que águas vai navegar a economia brasileira até o final do ano. A bússola da inflação do próximo mês indicará se o país encontrará mar calmo ou se deverá enfrentar ainda mais tempestades, antes que consiga chegar a algum porto seguro.

Por intermédio da metáfora de cativeiro, podemos dizer que pessoas são escravas do sexo, que o diretor de uma empresa é um perfeito feitor de escravos etc.

Metáforas de unificação

Divide Jensen as metáforas de unificação em *metáfora de parentesco*, *metáfora pastoral* e *metáfora esportiva*.

Na metáfora de parentesco, podemos dizer que o país é uma grande família, onde os pais se esquecem da maior parte de seus filhos, deixando-os na pobreza absoluta, ou que o Brasil é a terra-mãe e assim por diante. A metáfora pastoral é largamente empregada pela igreja quando diz que Deus é um pastor que toma conta de suas ovelhas. A metáfora esportiva é largamente utilizada. Podemos dizer que, nos acordos internacionais, determinado país tem feito muitas faltas perto da área, correndo um risco desnecessário, ou que tal medida de governo foi um gol de placa marcado contra a recessão.

Metáforas criativas

As metáforas criativas se dividem em *metáforas de construção*, *de tecelagem*, *de compositor* e *de lavrador*.

Podemos dizer, com a metáfora de construção, que um país precisa ser reconstruído, após um período de ditadura. Podemos dizer que determinado político é o pilar da democracia ou que a educação no país é uma casa que começou a ser construída pelo telhado.

A metáfora de tecelagem é usada, por exemplo, quando dizemos que precisamos encontrar o fio da meada de um problema, ou quando dizemos que existem buracos na textura de uma sociedade.

Encontramos a metáfora de compositor ou, mais genericamente, musical, quando dizemos que todos precisamos tocar a mesma música, ou dançar conforme a música, ou quando dizemos que fulano de tal foi a nota desafinada em uma reunião.

A metáfora de lavrador é de aplicação quase universal. É conhecida, por exemplo, a famosa parábola do semeador empregada por Vieira, no "Sermão da Sexagésima", em que compara a palavra de Deus a uma semente que poderá ser lançada na terra fértil, sobre espinhos ou sobre as pedras.

Podemos dizer, usando essa metáfora, que é chegado o tempo da colheita, depois de uma formatura; ou que é preciso adubar a consciência das crianças com bons exemplos.

Metáforas naturais

As metáforas naturais classificam-se, segundo Jensen, em *metáfora claro-escuro*, *de fenômenos naturais* e *biológica*.

A metáfora claro-escuro trabalha com a dicotomia luz/escuridão. São bastante conhecidas as expressões: **Finalmente, há uma luz no fundo do túnel**; **Fulano enfrenta uma noite escura de desespero**; **Raiar de um novo dia**.

Na metáfora de fenômenos naturais, falamos em avalanche de problemas, chuva de sugestões, que o país está à beira do abismo etc.

Na metáfora biológica, podemos comparar pessoas e animais. Dizer, por exemplo, que determinado político é um abutre, ou que se comportou como um leão, defendendo uma determinada medida.

A classificação de Jensen não esgota, obviamente, a tipologia das metáforas. Poderíamos incluir ainda outros tipos, como a *metáfora militar*, que pode ser exemplificada com textos como:

Os defensores do meio ambiente abriram ontem fogo cerrado contra as posições dos empresários que pretendem construir na orla marítima. Ao final do combate, percebeu-se, entretanto, que a munição dos ecologistas era puro festim.

A lição que se pode tirar da utilização das metáforas é que sempre que possível podemos esfriar e motivar um texto com elas. É importante, contudo, não ceder ao exagero ou aos clichês.

EXERCÍCIOS

[**1.** Redija uma nova versão do texto abaixo, utilizando uma metáfora de restauração.

O esporte mundial vem sofrendo, há muito tempo, os efeitos negativos do uso do *doping*. É preciso que haja ações coordenadas entre os dirigentes esportivos dos diversos países, no sentido de tornar rotina os exames *antidoping* e punições exemplares para aqueles que demonstrarem resultados positivos.

[**2.** Redija uma nova versão do texto a seguir, utilizando uma metáfora de construção.

Os países europeus estão empenhados na tarefa de reunir esforços, objetivando fortalecer o euro para que ele seja capaz de resistir a qualquer tipo de pressão externa.

[**3.** Redija uma nova versão do texto a seguir, utilizando uma metáfora natural.

Finalmente, existe uma boa novidade no campo dos exames vestibulares. Depois de anos e anos de cruzinhas, nas múltiplas escolhas, reaparece a prova dissertativa, nas principais universidades do país.

[**4.** Redija uma nova versão do texto seguinte, utilizando uma metáfora de percurso.

Durante todo o transcorrer da vida humana, as pessoas têm que vencer sucessivos desafios, uns maiores, outros menores, alguns cruciais. Na verdade, não há dia em que não se tenha que resolver um novo problema ou tomar uma nova decisão em relação a um problema antigo.

[**5.** Redija uma nova versão do texto a seguir, utilizando uma metáfora de unificação.

Num partido político, é necessário que seus membros se coordenem por uma mesma carta de princípios a fim de que se possa sentir na fala de cada um deles, por diferente que possa ser, uma mesma diretriz fundamental.

10.4 Colocando em prática o aprendido

Tendo chegado até aqui, você já possui os ingredientes fundamentais para produzir um texto coerente, coeso, bem-articulado e bem-composto. Trata-se, agora, de enfrentar problemas específicos, dentro da sua escola, universidade ou empresa.

Na escola, ou em uma situação de vestibular, ao lidar com um tema dissertativo qualquer, você poderá, primeiro, equacioná-lo em termos de problema, hipóteses, tese e argumentação, como foi ensinado no Capítulo 4. Em seguida, poderá esquematizar um processo de composição que inclua motivação e esfriamento. Poderá pesquisar um tipo de narrativa inicial, como foi ensinado no Capítulo 4 e no tópico 10.2, e desenvolvê-la como gancho frio. Na redação do texto propriamente dito, poderá fazer uso das inúmeras possibilidades de coesão ensinadas no Capítulo 2. Surgindo oportunidade, você poderá também utilizar metáforas como as propostas no tópico 10.3, a fim de tornar mais claro ou motivado um tipo de argumento.

Se o seu problema é elaborar um relatório de pesquisa, você poderá fazer uso das informações do Capítulo 6 a respeito da utilização dos tempos verbais, e também das informações do Capítulo 8, a respeito da impessoalização do texto.

Se se tratar de uma ata de reunião, serão importantes as informações sobre polifonia, contidas no Capítulo 6.

Na elaboração de cartas, ofícios e memorandos, será importante, além das lições sobre coesão e coerência, levar em conta as explicações sobre modalização constantes no Capítulo 6.

Passemos agora à apresentação formal do texto escrito.

[11]

Formatação do texto

A formatação ou apresentação formal do texto escrito, há algum tempo, obedecia quase exclusivamente a discutíveis critérios de estética. Hoje em dia, entretanto, esses critérios foram substituídos por procedimentos ergonômicos que têm por objetivo apresentar um texto mais fácil de ser lido.

A primeira observação sobre a formatação é que, idealmente, a *mancha gráfica*, ou seja, a parte escrita em uma folha de papel, deve ocupar, aproximadamente, uma área equivalente à parte em branco, representada pelo espaço externo limitado pelas quatro margens. É claro que nem sempre isso é possível, em função do preço do papel, tarifas de postagem etc. Uma mancha gráfica que ocupe entre 70% e 75% da folha de papel, entretanto, é bastante aceitável.

O alinhamento da margem direita, que representava um sério problema, até mesmo para as melhores máquinas de escrever elétricas e eletrônicas do século passado, ficou extremamente fácil com o uso dos processadores de texto. A mesma coisa aconteceu com a translineação, ou quebra das palavras no final da linha. Qualquer bom processador de textos tem um programa que faz isso, automaticamente.

A paragrafação atual é feita por blocagem, isto é, deixando-se um espaço em branco entre cada parágrafo. Os espaços em branco no início da margem es-

querda passam a ter apenas a função de evitar a monotonia do texto. Esse sistema tradicional, chamado *endentamento*, como recurso único de paragrafação era utilizado principalmente em épocas remotas, em que o suporte de escrita – o pergaminho, por exemplo – tinha um custo muito alto e, por isso, era necessário economizá-lo. Uma economia maior era feita, às vezes, não deixando nenhum endentamento à esquerda. Marcava-se o início de parágrafo apenas com os dois "esses" iniciais da expressão latina: ***s****ignum* ***s****ectionis*, que significava: *sinal de separação*. Também para economizar o suporte de escrita, essas iniciais eram grafadas uma sob a outra, "enganchadas", configurando o que hoje chamamos de símbolo do parágrafo: §.

É interessante, também, blocar as frases dentro do texto, deixando dois espaços em branco entre o ponto final e a letra maiúscula que inicia uma nova frase dentro de um mesmo parágrafo. Isso aumenta bastante a legibilidade do texto.

Um outro conselho relaciona-se ao tamanho da fonte que, como sabemos, é também um importante fator de legibilidade. Letras muito pequenas devem ser evitadas. Afinal, o Brasil de hoje tem um número maior de pessoas que já ultrapassaram os quarenta anos e sofrem de presbiopia, mais comumente chamada de vista cansada. Um padrão aceitável seria o tamanho 12 na fonte Times New Roman do processador Word, para cartas, ofícios e relatórios. Afinal, tem sido comum algumas revistas apresentarem as primeiras linhas de suas matérias em uma fonte de tamanho maior, procurando atrair o interesse de leitores que, de outra maneira, não teriam condições de ler, em uma banca de revistas, o início de um assunto que pudesse provocar-lhes o impulso da compra. As serifas (aqueles traços ou espessamentos nas extremidades das letras) devem ser utilizadas com critério. Se, por um lado, evitam a confusão entre letras parecidas (cf. Ilegal – fonte não serifada – com Ilegal – fonte serifada), por outro lado, a escolha de uma fonte excessivamente "enfeitada" prejudica a leitura.

Essas indicações devem ser seguidas, inclusive, no texto manuscrito. Afinal de contas, é bem mais fácil recuperar as próprias informações que registramos, quando a formatação proporciona um alto grau de legibilidade.

Apêndice

[1]

Correção gramatical do texto

Introdução

Este apêndice apresenta dois propósitos definidos. O primeiro deles é servir de base para uma revisão de aspectos gramaticais com os quais você ainda não está familiarizado ou dos quais se tenha eventualmente esquecido. Digamos, por exemplo, que perceba que está com dificuldades no uso de vírgulas. Você procurará, no apêndice, a teoria sobre o emprego da vírgula e fará os exercícios que você mesmo poderá corrigir, consultando a parte final do livro. O segundo propósito é servir de consulta para alguma dúvida. Para isso você poderá consultar, previamente, o *guia de dificuldades,* em ordem alfabética, também no final do volume.

1.1 Acentuação gráfica

1.1.1 Palavras tônicas e palavras átonas

A maior parte das palavras de português possui uma de suas sílabas pronunciada com maior força expiratória. Estas palavras são chamadas *palavras tônicas,* e a sílaba pronunciada com maior força expiratória chama-se *sílaba tônica*.

Existem, também, em português, algumas palavras que, não sendo pronunciadas com força expiratória, se apoiam foneticamente em outras, tônicas. Estas palavras são chamadas *palavras átonas*. Na frase:

Você sabe como ele me viu?

as palavras **você**, **sabe**, **ele** e **viu** são tônicas; **como** e **me** são átonas.

As palavras tônicas têm suas sílabas tônicas em três posições:

a) última sílaba: vo**cê**, ven**ci**. Essas palavras são chamadas *oxítonas*;

b) penúltima sílaba: **sa**be, a**má**vel. Essas palavras são chamadas *paroxítonas*;

c) antepenúltima sílaba: **á**rabe, **lâm**pada. Essas palavras são chamadas *proparoxítonas*.

Algumas palavras tônicas têm suas sílabas tônicas assinaladas por um sinal chamado *acento gráfico*.

EXERCÍCIOS

[**1.** Assinale as palavras tônicas e as palavras átonas:

Um homem só é verdadeiramente livre quando sua liberdade pode caminhar com a liberdade dos outros homens.

[**2.** Assinale as sílabas tônicas das palavras abaixo:
(*Observação*: As palavras seguintes estão propositadamente sem acento gráfico.)

tinta	ibero	omega	fluido
ariete	maquinaria	flexivel	rubrica
insonia	avaro	batavo	bavaro
ruim	delirio	gratuito	ciclope
filantropo	levedo	Gibraltar	hangar
improbo	intuito	pudico	ureter
zenite	gluten	monolito	circuito
alibi	aerostato	arquetipo	voo
aerolito	acrobata	anodino	avaria
conjuge	desvario	erudito	fortuito

1.1.2 Regras de acentuação gráfica

Regra das proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas graficamente, de acordo com a prosódia:

física, bússola, acadêmico, gênero

Regra das oxítonas

Todas as palavras oxítonas terminadas em **a(s)**, **e(s)**, **o(s)** – vogais baixas ou médias – são acentuadas graficamente:

Canadá, café, robô

Incluem-se:

a) os monossílabos tônicos: sé, fé;

b) formas verbais com pronomes átonos: fá-lo, ajudá-lo, trá-lo-ás.

Todas as palavras oxítonas de mais de uma sílaba terminadas em **em** ou **ens** são acentuadas graficamente:

refém, além, porém, parabéns

c) Todas as palavras oxítonas terminadas nos ditongos abertos **ei**, **oi** e **eu** são acentuadas:

anéis, dói, chapéu

Observação: De acordo com a nova ortografia, os ditongos abertos **ei** e **oi** em palavras paroxítonas, como em *ideia*, *epopeia*, *heroico*, *paranoico*, não são mais acentuados. Isso se deve ao fato de que, em algumas regiões de Portugal, a

pronúncia desses ditongos é fechada: *idêia*, *epopêia*, *herôico*, *paranôico*. Como o objetivo do novo acordo ortográfico foi unificar a escrita em todos os países lusófonos, esses ditongos deixaram de ser acentuados graficamente.

Regra das paroxítonas

São acentuadas graficamente todas as palavras paroxítonas terminadas em:

a) **l**, **n**, **r**, **x**

útil, amável, têxtil, hífen, éden (mas hifens, edens), éter, caráter, tórax

b) *ditongo*:

sério, colégios, estratégia, órfão, órgão

c) **um**, **uns**

médium, álbuns

d) **i(s)**, **u(s)**

júri, tênis, lápis

e) **ã(s)**

órfã, ímãs

f) **ps**

bíceps, fórceps

Casos especiais

1) O **i** e o **u** tônicos, quando formarem hiato com a vogal anterior, são acentuados graficamente:

a) se estiverem sozinhos em suas sílabas, ou acompanhados de **s**:

baú, saúde, Cambuí, daí, Luís, país

b) Quando estiverem sozinhos em suas sílabas, mas seguidos de **nh**, *não são* acentuados:

campainha, bainha

Observação: se o **i** e o **u** tônicos forem antecedidos de ditongo em palavras paroxítonas, não são acentuados:

feiura

2) A primeira vogal dos hiatos **oo**/**ee** não é mais acentuada:

creem, enjoo

3) Conforme o novo acordo ortográfico, não se emprega mais o trema em grupos como **gue**/**gui**, **que**/**qui**. Devemos escrever, portanto:

cinquenta, linguiça, bilíngue

Regras do acento diferencial

1) Diferencial de timbre (aberto/fechado)

pôde – pode (verbo **poder**)
fôrma – forma (essa regra é facultativa)

2) Diferencial de intensidade

A única palavra que se acentua por ser tônica em oposição à sua homógrafa átona é o verbo *pôr*, para se diferenciar da preposição *por*.

De fato, se alguém escrever: *Eu vou* ***por*** *ali*, sem acento, conclui-se que essa pessoa vai deslocar-se por um dado caminho. E se, ao contrário, escrever: *Eu vou* ***pôr*** *ali*, conclui-se que vai colocar algo em algum lugar.

3) Diferencial morfológico

Aparece na terceira pessoa do plural dos verbos **ter** e **vir** (e seus derivados), para diferenciá-la da terceira pessoa do singular:

ele tem	eles têm
ele vem	eles vêm
ele detém	eles detêm
ele obtém	eles obtêm

Observação importante: Os casos mais frequentes de acentuação gráfica, em língua portuguesa, correspondem ao uso da regra das proparoxítonas (todas as proparoxítonas são acentuadas) e da regra das paroxítonas terminadas em ditongo (todas elas são também acentuadas). Se você dominar apenas essas duas regras, poderá acentuar de forma correta aproximadamente noventa por cento das palavras de qualquer texto que vier a redigir.

EXERCÍCIO

[**3.** Acentue graficamente, quando necessário:

ideia	frente	coroa
circuito	materia	gas
bloco	feiura	baiuca
possivel	construídos	juizo
sismografo	gratuito	destroier
por *(verbo)*	planicie	toda
item	tatu	perpetuo
milenio	bordo	somente
gladio	dificil	piloto
sovietico	formidavel	conforto
eletron	responsavel	ciclo
proprio	juiz	ali
estagio	veiculo	instancia
movel	moveis	travessia
fez	asteroide	ovo
pessoa	alem	vandalo
fertil	media	incluia
semen	resistencia	centigrado
leoa	nivel	amiude

1.2 Emprego do acento da crase

Crase vem a ser o fenômeno da fusão de duas vogais iguais em uma só. A palavra **cor**, em português, é um exemplo de crase histórica. Ela provém da palavra ***colore***, em latim. A primeira modificação acontecida foi a queda do **l** intervocálico, de que resultou a palavra ***coor***, assim escrita e pronunciada até meados do século XIV. Por essa época, ocorreu a crase dos dois **os**, produzindo a forma atual **cor**. A forma **colore**, com **l** e os dois **os**, ainda sobrevive, como sabemos, em formas como **colorido**, **colorir**.

A crase pode, entretanto, acontecer também dentro de uma frase do português atual. Vejamos a seguinte sentença:

(1) Rosana entregou o presente ao namorado.

Nessa sentença, temos a preposição **a**, vinculada ao verbo **entregar**, ligada ao artigo **o** do substantivo **namorado**, num processo que os gramáticos chamam de combinação. De fato, ninguém pronuncia ou escreve a sentença (1) com esses elementos separados como em:

(1a) Rosana entregou o presente a o namorado.

Até aqui não temos ainda o fenômeno da crase, uma vez que as duas vogais em questão não são iguais. Vejamos agora outra frase:

(2) Rosana entregou o presente a a criança.

Temos, nesta frase, dois **as**. O primeiro deles é a preposição **a**, que, como vimos, está vinculada ao verbo **entregar**. O segundo é o artigo definido **a**, vinculado ao substantivo **criança**. Se juntássemos os dois, como fizemos em (1), teríamos:

(2a) Rosana entregou o presente aa criança.

O que acontece, entretanto, é a crase. A fusão dos dois **as** em um só. Para assinalar essa fusão ou crase é que fazemos uso do acento grave (`), produzindo assim:

(2b) Rosana entregou o presente à criança.

Disso tudo que vimos, podemos concluir que duas são as condições necessárias para a existência da crase em português e, consequentemente, do acento grave, seu marcador gráfico:

Primeira condição: existência de uma palavra que exija a preposição **a**.
Exemplo: **entregar a**, **ir a**, **quanto a**

Segunda condição: existência, logo a seguir, de uma palavra feminina que esteja admitindo artigo **a**.

Algumas vezes, essa segunda condição é preenchida pela primeira vogal do demonstrativo **aquele**, **aquela**, **aqueles**, **aquelas**, como em:

(3) Enviei convites àquela gente.

Ninguém, como sabemos, pronuncia ou escreve:

(3a) Enviei convites a aquela gente.

Logo, não existe crase e, portanto, acento grave antes de:

a) substantivo masculino:
Os romanos andavam a **cavalo**.
As lojas do *shopping* vendem a prazo.

b) verbo:
Estamos a **ver** os relatórios.
Estou disposto a **rever** o processo.

c) artigo indefinido:
Enviei flores a **uma** moça bonita.

d) expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência, Vossa Senhoria*:
Já escrevi duas cartas a **Vossa Excelência**.

Muitas vezes, a segunda condição necessária, a existência do artigo feminino **a**, é facultativa. O artigo definido é de emprego facultativo antes de pronomes possessivos e substantivos próprios em português. Tanto podemos dizer **Vera chegou**, como **A Vera chegou**. Tanto podemos dizer, também, **Sua secretária chegou** como **A sua secretária chegou**. Logo, também teremos:

(4) Enviamos uma carta { a / à } Vera.

(5) Enviamos uma carta { a / à } sua secretária.

Às vezes, a segunda condição, embora não exista normalmente, passa a existir. Nesse caso teremos crase e, portanto, acento grave. Ninguém diz **Vim da casa agora**, mas **Vim de casa**. **Casa**, portanto, no sentido de **lar**, não admite artigo. Mas, se estiver sendo modificada por uma expressão, poderá admiti-lo, como em: **Vim da casa de Vera**. Escreveremos, portanto,

(6) Não fui **a** casa ainda hoje.

mas

(7) Não fui **à** casa **de Vera** ainda hoje.

O mesmo acontece com nomes de cidade. Diremos:

(8) Vou **a** Brasília.

pois dizemos **Brasília é a capital do país** e não **A Brasília é a capital do país**.

Porém, se a frase é complementada por uma expressão, o uso da crase é necessário

(9) Vou **à** Brasília de JK.

pois podemos dizer

(10) A Brasília de JK era bem menor que a atual.

Existe crase (e, consequentemente, o acento grave) antes de locuções, como em:

à noite, **à custa de**, **às três horas**, **à uma hora**

(O **uma** de **uma hora** não é artigo indefinido, mas numeral, por isso pode ser precedido de artigo, ocasionando a presença da segunda condição da crase.)

Às vezes, parte da locução está apagada, mas, mesmo assim, mantemos a crase e o acento, como em:

(11) Servimos camarão à [moda] grega.

Com a palavra **terra** significando o oposto de **bordo**, não temos a segunda condição, logo, não teremos crase:

(12) Os marinheiros desceram a terra.

De fato, o marinheiro que ficava no alto do mastro, quando via terra, dizia: **Terra à vista!**, e não **A terra à vista!**

O mesmo acontece com a palavra **distância**. Quando a distância não é explicitada, não temos o artigo e, portanto, não temos crase, como em:

(13) Vi um barco a distância.

Quando a distância está especificada, existe o artigo, e, portanto, a crase, como em:

(14) Vi um barco à distância de 800 m.

EXERCÍCIO

[4. Nas frases que seguem, indique a crase, quando houver:

1) Resistimos **a** paixão mais por sua fraqueza do que por nossa força.
2) **A** rebelião contra os tiranos é obediência **a** Deus.
3) Cristina chegou **a** uma hora e estava **a** procura do Maurício.
4) Simone voltou duas vezes **a** casa, **a** procurar o passaporte.
5) **A**quele que sobrevive **a** seu inimigo, um dia só que seja, atingiu **a** sua meta.
6) O amor vê, **a** distância, **a** liberdade, mas prefere ficar preso **a** doçura de um sorriso.
7) Apressemo-nos **a** ceder **a** tentação, antes que ela se vá.
8) Os restaurantes de bordo servem lanches **a** base de sanduíche.
9) Quanto **as** experiências, os clubes enviam propostas **a** Ciranda da Ciência.
10) Há pessoas que compram **a** fama e outras que se vendem **a** ela.
11) Renunciamos **a** paz, **a** medida que queremos preservar nossa liberdade.
12) **A** visita **a** National Gallery, em Londres, favoreceu **a** compreensão dos quadros de Monet.
13) Atribuía-se **a** iniciativa privada **a** maioria dos benefícios sociais.
14) **A** visita **a** reserva da Lagoa São Paulo provocou uma reação **a** crise ecológica.
15) **A** felicidade não é o pão, mas o sonho que se oferece **a**s pessoas.
16) **A** lógica matemática permite **a**s pessoas ordenar fatos, objetos e números.
17) É importante ser sensível **a**s diferenças entre **a**s pessoas e **a**s suas emoções.

1.3 Indicação para o emprego de algumas letras

A melhor maneira de escrever as palavras corretamente é, em caso de dúvida, consultar um bom dicionário. Há, entretanto, algumas sugestões que podem reduzir essas consultas. A primeira delas é bastante genérica. Implica cada usuário da língua procurar familiarizar-se com seu léxico de situação. Digamos que alguém seja médico. Seu léxico de situação conterá palavras como: **termômetro**, **bisturi**, **estetoscópio** e outras bastante mais especializadas. Se se tratar de um advogado, palavras como **petição**, **sentença**, **acórdão** etc. serão muito mais frequentes e comporão seu léxico de situação.

Algumas outras pequenas sugestões, ligadas à morfologia, serão, entretanto, igualmente úteis.

1) a) Uma palavra se escreverá com sufixo **es**/**esa** se for derivada de substantivo:

campo	camponês
França	Francês

burgo	burguês
príncipe	princesa

b) Uma palavra se escreverá com sufixo **ez**/**eza**, se for derivada de adjetivo:

limpo	limpeza
claro	clareza
embriagado	embriaguez
sensato	sensatez

2) a) Palavras derivadas em **ar**:

análise	analisar
parálise	paralisar
liso	alisar
pesquisa	pesquisar

(Essas palavras já têm **s**, em suas formas primitivas.)

b) Palavras derivadas em **izar**:

real	realizar
agonia	agonizar
ameno	amenizar
final	finalizar

3) As palavras derivadas, em geral, escrevem-se com a mesma letra. Da palavra **trás**, por exemplo, temos as palavras **atrás**, **traseira** e **atrasado**, que se escrevem todas com **s**.

4) Viagem com **g** é substantivo.
Viajem com **j** é verbo. (É importante que você viaje.)

Apresentamos, a seguir, uma relação de palavras em que, geralmente, existe dúvida quanto à grafia:

à beça
abajur
abalizado
abdome
abóbada
abrasar
ab-rogar
abscesso
adolescente
aduzir
aerossol
alçapão
alcoólatra
aleijado
álibi
analisar
antediluviano
anteprojeto
antessala
aprazível
arrasar
ascensão
aterrissagem
aterrissar
atrás
atrasar
atraso
através
azia
baliza
banquisa
batavo
bávaro
bazuca
bege
beneficência
beneficente
berinjela
bijuteria
bílis
bissexto
boate
bombom
brasa
brasão
bueiro
bússola
buzina
búzios
cabeleireiro
cabine
cachê
cacho
cáften
caftina
cãibra
caixote
carcaça
casimira
cassetete
cataclismo
catequese
catequizar
catorze
cetim
chocho
chuchu
cinquenta
circuito
colmeia
concessão
contato
contracheque
contramão
contraoferta
cortesia
coxão-mole
cozinha
crisântemo
curtume
deslize
destilado
detectar
digladiar
discente
discriminar
displicência
docente
dúplex
écloga
eczema
eletricista
elucubração
empecilho
encapuzado
enfisema
engabelar
entronizar
enviesar
enxaqueca
enxurrada
escassez
espezinhar
espontaneidade
espontâneo
esposar
espúrio
estrambótico

estrangeiro
estupro
etéreo
exceção
excelso
excesso
excursão
exegese
expectativa
êxtase
extorsão
extravasar
fac-símile
faccioso
farsa
fascículo
fascinar
faxina
feixe
flecha
fleuma
florescer
fluido
focinho
franqueza
franzino
frisar
friso
fuselagem
fuso
gangue
garagem
gás
giclê
giz
gorjear
gozar
granjear
guisado
hábitat
herbívoro
herege
heresia
hesitar
holerite
incrustação
incrustar
inexorável
insosso
irrequieto
isenção
jiboia
jiló
jus
laje
lambuzar
látex
lato sensu
lazer
lêvedo
lilás
limusine
lisonjear
losango
lúcifer
madeireira
magnificência
mágoa
maionese
maisena
majestade
maquiagem
maquilagem
maquiar
maquilar
maquinaria
maquinário
meteorologia
misto
monge
nuance
nuança
obcecado
obsessão
opróbrio
paçoca
pajé
pajem
para-brisa
para-choque
para-lama
paraquedas
paralisar
paralisia
pátio
pérgula
perturbação
pesquisar
pichar
piche
pireneus
poleiro
pretensão
pretensioso
prevenir
prezado
primazia
privilégio

puser
pusesse
quiser
quisesse
raso
rasura
rebuliço
recorde
reivindicar
rejeitar
represa
ressarcir
revezar
rodízio
safári
salsicha
sanguíneo
silvícola
somatório
stricto sensu
sutiã
tabuada
terraplanagem
tessitura
tigela
torácica
transcendência
traslado
tríplex
ultraje
umedecer
úmido
vagem
vaselina
vazar
vazio
venéreo
vitrine
vizinho
vodu
vultoso
xampu
xeque
xícara
xingar

1.3.1 Noções de sintaxe

Qualquer pessoa que fale português sabe, intuitivamente, quando ouve um verbo, algo mais que ultrapassa o significado dele. Quando alguém ouve ou lê o verbo **beijar**, e sabe o que ele significa, sabe também que, ligado a esse verbo, temos de ter *alguém que beija* e *alguém que é beijado*. Diante de uma frase como:

(1) Sílvia beijou.

qualquer pessoa dirá que ela está malformada, justamente por faltar um dos elementos acima: *aquele que foi beijado*. A frase completa poderia ser algo como:

(2) Sílvia beijou Valdemar.

Vamos chamar esses elementos de *argumentos*.

Um verbo como **dar** exige três argumentos: *alguém que dá*, *algo que é dado* e *alguém a quem se dá*. Uma frase com esses três argumentos poderia ter a seguinte forma:

(3) Sílvia deu um relógio a Valdemar.

Além desses argumentos essenciais à boa formação de uma frase, elas podem ter outros argumentos, como o argumento de *lugar*. Acrescentando às orações anteriores esse argumento, teríamos:

(4) Sílvia beijou Valdemar, **no automóvel**.

(5) Sílvia deu um relógio a Valdemar, **na universidade**.

Quando uma frase é construída, um dos argumentos fica concordando com o verbo. Dizemos que esse argumento assumiu a função sintática de *sujeito*. Em (4) e (5), portanto, **Sílvia** tem a função sintática de sujeito. Os argumentos restantes ou assumem a função sintática de *complementos*, se forem essenciais à boa formação da frase – como **Valdemar**, em (4) –, ou a função sintática de *adjuntos*, se forem secundários à boa formação da frase – como **no automóvel**, em (4), ou **na universidade**, em (5).

Concluindo, uma frase pode ter *sujeito*, *complementos* e *adjuntos*. Um complemento não preposicionado, como **relógio**, em (5), é um *objeto direto*. Um complemento preposicionado, como **a Valdemar**, na mesma frase, é um *objeto indireto*.

1.4 Pontuação. Emprego da vírgula

A vírgula marca uma pausa de pequena duração.

É **proibido** o uso da vírgula para separar:

a) Sujeito e verbo:
Pedro Álvares Cabral, descobriu o Brasil.

b) O verbo e seus complementos (objeto direto e indireto):
Joaquim deu, o CD, ao garoto.
Comunicamos, aos interessados, que os diplomas já saíram.

Na frase ou oração, **separam-se** por vírgulas:

a) O vocativo:
Maira, venha cá!

b) O aposto explicativo
Pedro, **imperador do Brasil**, foi justo.

(Aposto é o termo da oração que modifica um outro, identificando-se com ele.) Na sentença acima, **imperador do Brasil** modifica **Pedro** e **é Pedro**.

c) Palavras da mesma função sintática que não venham unidas por conjunção:
Compramos **lápis**, **livros** e **cadernos**.

d) Adjuntos adverbiais deslocados ou de certa extensão:
À tarde, o general verificou todas as posições.

e) Conjunções coordenativas deslocadas para o meio da frase:
Estou em férias; não contem, **portanto**, comigo.

Nas orações complexas, separam-se por vírgulas:

a) As orações coordenadas assindéticas ou intercaladas:
César veio, viu e venceu.
O dia, disseram as crianças, não poderia ser melhor.

b) As orações adjetivas explicativas:
A Terra, que é um planeta, gira no espaço.

c) As orações adverbiais:
Chegando, todos o saudaram.
Quando chegar o verão, vou à praia.

d) Certas expressões (exemplificativas ou de retificação), tais como: **por exemplo**, **além disso**, **isto é**, **a saber**, **aliás**, **outrossim**, **com efeito** etc.:

Observe, **por exemplo**, o novo regulamento do Campeonato Brasileiro de Futebol.

e) Para destacar a localidade, nas datas:
Campinas, 13 de março de 2003.

f) Para indicar a zeugma (apagamento) do verbo:
O espírito busca luz; o coração, amor.
[O coração busca amor.]

EXERCÍCIO

[5. Coloque vírgulas, quando necessário:

1) A MCA produtora de cinema foi comprada pela Matsushita.
2) Aos noivos os padrinhos deram uma geladeira.
3) O bem da humanidade consiste em gozar o máximo de felicidade sem diminuir a felicidade dos outros.
4) Alguns ouvem com as orelhas outros com o estômago.
5) Rosana sua bolsa está aberta.
6) O homem que é racional saberá evitar uma terceira guerra.
7) Quando a nave atingir sua órbita desligará os motores.
8) Viajando de automóvel você conhecerá mais coisas.
9) O ministro disse aos empresários que a inflação vai cair.
10) Franco militar espanhol governou a Espanha durante quarenta anos.
11) Esta medida se não tomarmos providências aumentará o pagamento de imposto de renda.
12) O Gol um dos carros mais vendidos no Brasil sofreu muitas modificações desde o lançamento.
13) Desde que entraram na moda as peças napoleônicas adquiriram valores incalculáveis.
14) Pode-se apontar além disso outro mal-entendido a respeito da greve em serviços essenciais.
15) Com muita calma ele conseguiu depois de muita pesquisa descobrir a causa da perda de energia.
16) A hóstia o arado a palavra correspondem aos três sacerdócios do Senhor.
17) Antes de começar é importante pois entender como as informações são inseridas no computador.
18) Ao apagar um arquivo lembre-se de que isso é feito de forma permanente.
19) Os filósofos costumam ignorar que a ciência não existe no vácuo.
20) A pesquisa científica mesmo realizada por conta própria é uma atividade social e cultural.
21) Quase sempre adiamos a vida deixando de dar atenção ao momento.
22) A incerteza é a companhia necessária a todos os exploradores.

23) Feola técnico da Seleção de 58 possuía um físico muito pouco atlético.
24) As religiões prometendo infernos para além deste mundo foram mais inventivas do que Deus.
25) O esforço pessoal são os braços e as pernas da inteligência.

1.5 Concordância

Concordância é o processo sintático pelo qual traços categoriais, como gênero, número e pessoa, que fazem parte de um substantivo ou pronome, passam a fazer parte também de seus modificadores ou especificadores como em:

Toda**s** a**s** dua**s** bela**s** meninas

ou passam a fazer parte também do verbo de uma sentença, caso o substantivo ou pronome esteja nela em posição de sujeito, como em:

Todas as duas belas meninas saír**am**.

No primeiro caso, temos a *concordância nominal*. No segundo, a *concordância verbal*.

1.5.1 Concordância nominal

Regra básica

O adjetivo e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem:

O moço **bonito**.

As mulheres **más**.

1) Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos

O adjetivo poderá concordar com todos eles, ou com o mais próximo. Nesse último caso, seu sentido ficará restrito, obviamente, apenas ao último substantivo. Em uma oração como:

Temos um projetor e um quadro **avariados**.

entendemos que ambos, o projetor e o quadro, estão avariados. Se a concordância for feita apenas com **um quadro**, como em:

Temos um projetor e um quadro **avariado**.

apenas o quadro estará avariado.

2) Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos

O adjetivo poderá, igualmente, concordar com todos eles, ou com o mais próximo. A diferença é que, em qualquer um dos casos, o sentido do adjetivo se estenderá a todos os substantivos, como em:

Vimos **avariado** um projetor e um quadro.

Vimos **avariados** um projetor e um quadro.

3) Dois adjetivos modificando um substantivo

Podemos ter as seguintes concordâncias:

O serviço externo e (o) interno.

Os serviços externo e interno.

4) Particípio

O particípio dos verbos concordará sempre com seu sujeito, como em:

Feitas as contas, decidimos adiar o conserto.

5) Predicativo

O predicativo sempre concordará com o elemento modificado por ele.

Aquelas flores estão **lindas**.

O ministro julgou **precipitadas** as medidas.

A comissão pediu **emprestadas** algumas urnas.

6) Expressões invariáveis

a) Locuções adjetivas:

Pessoas **sem caráter**.

Pessoas **sem escrúpulos**.

b) Palavras empregadas como advérbio:

Todos falavam **baixinho**.

As revisões em concessionárias custam sempre **caro**.

Os sindicatos ficaram **alerta**.

7) Adjetivos compostos

Só se flexiona neles o último elemento:

Serão promovidas várias exposições **luso-brasileiras**.

Exceção: **surdo-mudo**, que faz plural em **surdos-mudos**.

8) Nomes de cor

a) Quando o nome de cor for um adjetivo, a concordância se fará, normalmente, como já foi explicado neste capítulo:

blusas amarelas

olhos verde-claros [sendo adjetivo composto, varia apenas o segundo elemento]

b] Quando o nome de cor for um substantivo, não haverá concordância:

blusas areia

cortinas verde-água

Exceção: **lilás**, que faz plural em **lilases**.

Observação: os adjetivos **azul-marinho** e **azul-celeste** são invariáveis.

9] Expressão **tal qual**

Na expressão **tal qual**, o primeiro elemento concorda com o antecedente, e o segundo, com o consequente:

Esta menina é **tal qual** a mãe.

Estas meninas são **tais qual** a mãe.

Esta menina é **tal quais** os pais.

10] Concordância com o verbo **ser**

Algumas vezes o verbo **ser** parece não estar concordando com seu sujeito, como ocorre em sentenças como:

É necessário **fé**.

Uma cerveja seria ótimo.

Os móveis era o problema.

Catorze cópias é suficiente.

O que ocorre, nestes casos, é que os sujeitos não são as palavras grifadas, mas sim orações truncadas de que elas são apenas um vestígio. Tais orações podem provir de construções como:

É necessário ter fé.

Tomar uma cerveja seria ótimo.

Comprar os móveis era o problema.

Você tirar catorze cópias é suficiente.

em que o verbo ser, havendo sujeito oracional, permanece na terceira pessoa do singular, e o adjetivo predicativo, no masculino singular. Nesse tipo de construção, fica claro que os predicados (**é necessário**, **seria ótimo**, **era o problema** ou **é suficiente**) estão predicando eventos e não coisas.

EXERCÍCIO

[6. Complete as lacunas, observando a concordância nominal:

1) Patrícia viu, na fazenda, várias vacas e uma planta _____. (aquático)
2) Professores da USP, em convênio com o Centro de Estudos _____ (luso-brasileiro), desenvolvem pesquisas _____. (linguístico-literário)
3) O presidente viajou _____ vezes aos Estados Unidos. (bastante)
4) _____ bastante cautela para lidar com cobras venenosas. (é preciso)
5) Minhas filhas são _____ a mães. (tal qual)
6) Os vestidos _____ estão fora de moda. (lilás)
7) Até nove meses de idade, as crianças _____ não sofrem influência da língua-ambiente. (surdo-mudo)
8) Rosana comprou blusas _____ (branco) e saias _____. (vinho)
9) Todos acharam _____ as flores que você me enviou. (maravilhoso)
10) Os fiscais do PT ficaram _____ na apuração evitar fraude. (alerta)
11) Os carros _____ tiveram procura reduzida este ano. (azul-marinho)
12) O governo brasileiro pediu mais dois milhões _____ ao FMI. (emprestado)
13) _____ 15 toneladas de resíduos radioativos em tambores blindados, ainda assim existe algum perigo de vazamento. (enterrado)

14) Numa instalação _____ à usina nuclear de Angra I, há uma piscina cheia de água. (anexo)
15) Fábio comprou para a piscina um filtro e um motor _____. (blindado)
16) Os egípcios utilizavam _____ trenó de madeira e rolos feitos de troncos de árvore para transportar grandes pedras. (tosco)
17) A explosão de uma bomba nuclear produz um grande cogumelo branco, cuja base _____ atinge milhões de graus centígrados. (vermelho-escuro)
18) Na Idade Média, além da violência, a miséria e a ignorância _____ recobriam toda a Europa. (supersticioso)
19) Macinnis e Beedell, em sua viagem ao Polo Norte, tomaram o cuidado de não ficar _____ ao barco. (amarrado)
20) Juliana tinha _____ o rosto e as mãos de sorvete. (lambuzado)

1.5.2 Concordância verbal. Primeira parte

Regra geral

Como regra geral, o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa:

As uvas estão verdes.
Nós viajamos duzentos quilômetros.
Jair Rodrigues e Elis Regina cantaram em festivais.

Casos especiais de concordância

1) Núcleo do sujeito no plural, com artigo também no plural.
O verbo concorda com o sujeito plural, obedecendo à regra geral:

Os Estados Unidos são um grande país.

Os Andes ficaram famosos com esse acontecimento.

2) O sujeito é coletivo partitivo: **a maior parte de**, **grande parte de** etc., como em:

A maior parte dos clubes recebe apoio.

A concordância é feita com o núcleo do sujeito, que é **parte**. A palavra **parte**, entretanto, é um quantificador, e um quantificador, assim como também os pronomes, em geral, são palavras referenciais, isto é, por si sós não significam nada. Se dissermos, por exemplo: **Ele chegou**, ficamos sem saber quem chegou. Falta a referência do pronome **ele**. Se dissermos, entretanto, **Júlio telefonou**, **ele chegou**, saberemos que a referência de **ele** é **Júlio**. Da mesma maneira, se dissermos que **A maior parte não recebe apoio**, precisamos de uma referência para saber de que parte se trata. A sentença em questão oferece essa referência no complemento preposicionado **dos clubes**.

Por esse motivo, é também possível fazer a concordância verbal com a referência do quantificador, em vez de fazê-la com o núcleo, como em:

A maior parte dos clubes receb**em** apoio.

3) O sujeito é representado por número percentual.

Este caso é idêntico ao anterior. A concordância pode ser feita com o número percentual (quantificador) ou com sua referência, como em:

Cinquenta por cento da população gostam do prefeito.

Cinquenta por cento da população gosta do prefeito.

No caso de números percentuais, é muito mais comum a concordância com a referência, a não ser que o próprio número percentual venha a ser modificado por uma outra palavra referencial, como em:

Esses 10% do lucro serão enviados para São Paulo.

Os 38% da produção já estão sendo exportados.

Neste caso, criou-se um outro processo referencial em que o número percentual passa agora a ser referência do pronome **esses** ou do artigo **os**.

4) Sujeito constituído de número fracionário.

Concordância normal com o núcleo do sujeito:

Um quarto dos bens cabe ao menor.

Dois quartos dos bens cabem ao menor.

Um terço da população apoia o prefeito.

Dois terços da população apoiam o prefeito.

5) O sujeito é pronome de tratamento no singular.
Verbo na terceira pessoa do singular:

Vossa Senhoria continua zangado comigo?

Vossa Excelência acordou cedo hoje?

6) O sujeito é **cada um**.
Verbo na terceira pessoa do singular:

Cada um dos diretores representa várias empresas.

Cada um de nós tentou salvar o processo.

7) O sujeito é **mais de um** ou **mais de uma**.
Verbo no singular:

Mais de um avião decolou hoje.

a) Se a **mais de um** ou a **mais de uma** seguir coletivo, com nome no plural, o verbo irá ao plural, igualmente:

Mais de uma centena de livros estão empilhados na sala.

b) Com **mais de dois** em diante, o verbo sempre deverá ir ao plural.

Mais de dois indivíduos saltaram o muro.

8) A expressão **um dos que** leva o verbo ao plural.

Mirtes foi uma das mulheres que mais me encantaram.

9) As expressões **um que**, **uma que**, **o primeiro que**, **o último que** e semelhantes deixam o verbo na terceira pessoa do singular:

Sou um homem que não ofende ninguém. Fui o último que chegou.

10) O sujeito está junto das locuções **cerca de**, **menos de**, **perto de**. Verbo no plural:

Cerca de quinze empresários participarão da reunião.

Perto de mil ações subiram.

11) O sujeito são pronomes interrogativos (**quais**, **quantos**) ou indefinidos do plural (**alguns**, **muitos**, **poucos**, **quaisquer**, **vários**) seguidos de pronome no plural. O verbo concorda com este pronome:

Quais de nós viajaremos a Manaus?

Muitos dentre vós não chegareis lá.

12) Com os verbos **dar**, **soar**, **bater** (tratando-se de hora), o verbo concorda com o número de horas:

Deram quatro horas agora mesmo.

Bateram dez horas no relógio da sala.

13) Verbo impessoal é sempre usado na terceira pessoa do singular:

Chove muito esta semana.

Faz três dias que estou aqui.

Deve haver muitas pessoas na fila.

EXERCÍCIOS

[**7.** Efetue a concordância verbal, usando os verbos propostos no pretérito perfeito do indicativo:

1) ____ -se todas as árvores do parque. (cortar)
2) A maioria das pessoas não ____ dessa decisão. (gostar)
3) A maior parte dos ouvintes ____. (reclamar)

[**8.** Use uma das alternativas entre parênteses, nos espaços em branco:

1) Os Estados Unidos ____ da medida. (gostou/gostaram)
2) Mais de um jornal ____ o fato. (noticiou/noticiaram)
3) Rosana foi uma das que me ____. (acusaram/acusou)
4) Fui eu quem ____ o prêmio. (ganhei/ganhou)
5) Fui eu que ____ o prêmio. (ganhou/ganhei)

[**9.** Siga o exemplo:

1) Vendo uma casa.	Vende-se uma casa.
2) Vendo duas casas.	____________________
3) Compro um apartamento.	____________________
4) Exijo referências.	____________________

[**10.** Assinale as frases erradas:

1) Os quatro íamos tranquilos pela estrada. ( )
2) Tudo são meras ilusões. ( )
3) Devem fazer dois minutos que essa criança nasceu! ( )
4) Podem haver muitos inscritos para o concurso. ( )

[**11.** Use **é** ou **são**, nos espaços em branco, conforme convier:

1) ____ cinco horas da tarde.
2) Nosso problema ____ as crianças.
3) Os Estados Unidos ____ uma nação poderosa.
4) Três metros dessa fazenda ____ suficiente para mim.

[**12.** Assinale as frases erradas quanto à concordância verbal:

1) Uvas é muito gostoso. ( )
2) Fazem dez anos que não vou à escola. ( )

3) Deram cinco horas agora mesmo. [ ]
4) Deu cinco horas agora mesmo no relógio. [ ]
5) Vai bater seis horas daqui a dois minutos. [ ]
6) A maioria das pessoas ficou surda. [ ]
7) A maioria das pessoas ficaram surdas. [ ]
8) Oitenta por cento dos brasileiros apoiaram a decisão. [ ]
9) Noventa e nove por cento dos brasileiros apoiou a decisão. [ ]
10) Cinquenta milhões é muito dinheiro! [ ]

[**13.** Assinale as frases corretas quanto à concordância verbal:

1) O Amazonas é um rio fabuloso. [ ]
2) Existe muitos turistas no Rio de Janeiro. [ ]
3) Os Alpes é maravilhoso. [ ]
4) Chegou, agora mesmo, os aviões dos Estados Unidos. [ ]

1.5.3 Concordância verbal. Segunda parte

Concordância verbal com sujeito composto

1) Sujeito composto antes do verbo:
O verbo concorda obrigatoriamente com todos eles:

O prefeito e o vereador viajaram ontem.

2) Sujeito composto posposto ao verbo:
O verbo poderá concordar com todos eles como em:

Chegaram Mônica, Cristina e Helena.

ou concordar com o mais próximo como em:

Desembarcou o ministro e alguns passageiros.

É óbvio que, neste último caso, estamos diante de um processo de truncamento de uma sentença que teria, originalmente, a forma:

Desembarcou o ministro e (desembarcaram) alguns passageiros.

3) Vários sujeitos se resumem num pronome indefinido (**tudo**, **nada**, **outro**, **ninguém**, **alguém** etc.):

O verbo fica no singular, concordando com o pronome:

Habilidade, força, esperteza, engano, tudo é permitido no amor.
(La Fontaine)

4) Núcleos do sujeito antecedidos pelo pronome indefinido **cada**:

O verbo fica no singular.

Cada criança, cada adulto ali precisava de auxílio.

5) Sujeitos ligados pelos elementos correlativos **não só... mas também**, **não só... mas ainda**, **tanto... como** etc.

A concordância se processa de acordo com a regra geral, uma vez que tais expressões têm apenas uma função ilocucional, dentro do processo de enunciação, explicado no Capítulo 1 do livro. Uma sentença sem o reforço ilocucional teria a forma:

Paulo e Fernando estão sem dinheiro.

Com o reforço ilocucional dos elementos correlativos, assume a forma:

Não só Paulo mas também Fernando estão sem dinheiro.

6) O sujeito é a locução **um e outro** ou **nem um nem outro**. O verbo pode ir para o singular ou para o plural:

Um e outro falou a verdade.

Um e outro falaram a verdade.

O mesmo processo de concordância se aplica com a expressão **nem**... **nem**:

Nem Débora nem Cristina me ajudou.

Nem Débora nem Cristina me ajudaram.

7) Sujeitos ligados pela conjunção **ou**. O verbo concordará com o termo que vier depois do último **ou**:

Ângela ou Cristina se casará comigo.

Haroldo ou Fernando será eleito prefeito.

Ele ou eu serei eleito presidente.

O mesmo acontece quando a conjunção **ou** tem caráter corretivo:

A parte ou as partes entrarão em acordo.

EXERCÍCIO

[14. Efetue a concordância verbal, usando os verbos propostos nos tempos indicados:

1) Nem seu marido nem seu pai me______ o recibo. (entregar / *perfeito do indicativo*)

2) Jorge ou Roberto______ o presidente. (ser / *futuro do indicativo*)

3) Não só as crianças mas também os adultos______ de compreensão. (precisar / *presente do indicativo*)

4) Cada funcionário, cada gerente, cada secretária______ pela limpeza e disciplina. (ser responsável / *presente do indicativo*)

5) Ou ele ou nós______ nas férias. (viajar / *futuro do indicativo*)

6)______ aqui Cristina, Márcia e eu. (permanecer / *perfeito do indicativo*)

7)______ o presidente e dois ministros de Estado. (viajar / *perfeito do indicativo*)

8)______ os presentes as alunas e a professora. (receber / *futuro do indicativo*)

9) Um e outro______ do sítio. (gostar / *perfeito do indicativo*)

10) Tanto Paulo como Ricardo______ a verdade. (dizer / *perfeito do indicativo*)

1.6 Regência verbal

Regência verbal é a relação existente entre o verbo de uma sentença e seus complementos. Vejamos a regência de alguns verbos de emprego mais comum:

Aspirar

Emprega-se sem preposição quando significar **respirar** e, com a preposição **a**, quando significar **ter por objetivo**:

Aspiramos um ar excelente, no campo.
Vera aspira a um posto de chefia.

Assistir

Emprega-se com a preposição **a** quando significar **ser espectador** ou **prestar auxílio**:

A família inteira assistiu ao filme.
A enfermeira assistiu ao paciente, durante toda a noite.

Neste último caso, o verbo pode, também, ser empregado sem a preposição:

A enfermeira assistiu o paciente, durante toda a noite.

Emprestar

Usa-se apenas no sentido de ceder por empréstimo:

Emprestei meu carro a meu irmão.

No sentido de obter por empréstimo, diz-se **pedir emprestado**. O particípio **emprestado** concorda com a coisa emprestada:

Pedi emprestadas algumas partituras a meu irmão.

Implicar

Emprega-se sem preposição:

Bom humor implica saúde.
A queda do dólar implica corrida aos bancos.
O desestímulo ao álcool combustível implica uma volta ao passado.

Informar

Este verbo possui duas construções, ambas corretas: informar alguém de alguma coisa ou informar alguma coisa a alguém, como:

Informei-lhe que sua aposentadoria saiu.
Informei-o de que sua aposentadoria saiu.

Outros verbos que pertencem ao mesmo campo semântico, como **avisar**, **cientificar**, **lembrar**, **notificar**, e até mesmo **proibir**, têm o mesmo tipo de construção:

Avisar
Avisarei o diretor de que temos convidados.
Avisarei ao diretor que temos convidados.

Cientificar
Cientifico-o de que já chegaram as passagens.
Cientifico-lhe que já chegaram as passagens.

Lembrar
Lembrarei Júlia de que é necessário pagar a taxa.
Lembrarei Júlia que é necessário pagar a taxa.

Notificar
Notificamos os candidatos do resultado do concurso.
Notificamos aos candidatos o resultado do concurso.

Proibir
O médico proibiu-o de beber álcool.
O médico proibiu-lhe que bebesse álcool.

Obedecer

Obedecer, assim como **desobedecer**, pede sempre a preposição **a**:

Devemos, em qualquer circunstância, obedecer à Constituição.
Algumas pessoas desobedecem aos sinais de trânsito.

Pagar
Paga-se alguma coisa a alguém. Logo:

Pagou o empréstimo ao banco.
Paguei à empregada.

Hoje em dia, já se aceitam formas como:
Paguei o banco
Paguei os empregados

Pedir
Só se usa **pedir para** quando, entre o **pedir** e o **para**, puder ser utilizada a palavra **licença**. Caso contrário, se diz **pedir que**:

O funcionário pediu para sair mais cedo.
[Pediu licença para sair mais cedo.]
A direção pediu que todos os funcionários comparecessem à reunião de abertura do semestre.
[Não se pode dizer que a direção pediu licença para os funcionários comparecerem.]

Preferir
Pede sempre a preposição **a** e nunca é seguido da palavra **mais**:

Prefiro ir a pé a tomar ônibus.
Ela prefere sorvete de nozes a sorvete de limão.

Muita gente confunde a regência de **preferir** com uma construção sintática de sentido semelhante com o verbo **gostar**, como em:

Gosto mais de ir a pé do que de tomar ônibus.

e, por esse motivo, transfere, erradamente, elementos dessa construção para o verbo **preferir**.

Querer

Esse verbo não oferece problemas maiores em sua regência, em construções como:

Queria que todos soubessem que estava rico.
Quero comprar um automóvel novo.
Quero aquela maçã.

Há, entretanto, uma construção com esse verbo, implicando o uso do substantivo **bem**, como em:

Maurício quer bem à Cristina.
Maurício quer muito bem à Cristina.

Se substituirmos Cristina por um pronome, nessas sentenças, teremos, obviamente:

Maurício lhe quer bem.
Maurício lhe quer muito bem.

Às vezes, o substantivo **bem** pode ser omitido, produzindo sentenças como:

Maurício lhe quer muito.

Visar

No sentido de apontar para um alvo ou de carimbar um documento, usa-se sem preposição:

O Iraque visou o passaporte dos brasileiros.
As tropas visaram as instalações militares inimigas.

No sentido de ter por objetivo, constrói-se com a preposição **a**, que pode ser dispensada, se ao verbo **visar** se seguir um outro verbo.

O programa *Vitae* visa a um intercâmbio cultural.
As eleições diretas visam ao crescimento democrático.

Observação: Verbos como **morar**, **residir** devem ser empregados sempre com preposição **em** antes do local de moradia ou residência, como em:

Moro **na** rua General Osório.

Jorge reside **na** rua Francisco Glicério.

Da mesma forma, expressões como **residente**, **situado(a)** devem ser seguidas da preposição **em**:

Fulano de tal, residente **na** avenida Rebouças...

Fulano possui uma casa situada **na** avenida Nove de Julho.

EXERCÍCIO

[**15.** Complete, se necessário, as seguintes frases, observando a regência verbal:

1) Quero ___ para meu assessor. (o-lhe)
2) A Vasp avisou ___ os passageiros que o voo foi adiado.
3) A Vasp avisou ___ os passageiros de que o voo foi adiado.
4) O consulado visou ___ os passaportes.
5) Avise ___ o prefeito que as ruas estão esburacadas.
6) Os países do "Cone Sul" aspiram ___ um mercado comum.
7) A renovação do empréstimo implicou ___ aumento de juros.
8) Ninguém obedece ___ o que não tem o direito de mandar.
9) Bentinho residia ___ rua de Matacavalos.
10) Os americanos sempre preferiram carros conversíveis ___ carros convencionais.
11) A Secretaria da Saúde pede ___ que ninguém acumule água parada ao ar livre.
12) Quero muito bem ___ o Maurício.
13) Os estudantes que residiam ___ rua Oscar Freire foram forçados a mudar.
14) Muitas vezes, o torcedor assiste ___ cenas de pugilato que substituem o futebol.
15) Informamos ___ que sua defesa prévia foi acolhida.
16) Muitos ingleses preferem ___ a poltrona Sherriff, criada por Sérgio Rodrigues, ___ móveis ingleses mais conservadores.
17) O mundo inteiro, em 1969, assistiu pela TV ___ a chegada do homem à Lua.
18) Muitas casas situadas ___ rua da Assembleia foram demolidas.

1.7 Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos

PRÓCLISE	PRONOME ANTES DO VERBO **Eu lhe pedi um favor**.
MESÓCLISE	PRONOME NO MEIO DO VERBO **Pedir-lhe-ei um favor**.
ÊNCLISE	PRONOME DEPOIS DO VERBO **Pedi-lhe um favor**.

PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS
me, te, se, lhe, lhes, **a, os, as, nos, vos**

Usa-se a próclise quando houver:

1) Palavras de sentido negativo:

Não me esqueça.

2) Pronomes relativos:

O menino **que** me deu o lápis saiu.

3) Pronomes indefinidos:

Tudo me agradava naquela casa.

4) Pronomes demonstrativos:

Isso me fez crescer bastante.

5) O numeral “ambos”:

Ambos se amam.

6) Conjunções subordinativas (mesmo elípticas):

Quando me vesti, ela já tinha saído.

Solicitei a Vossa Excelência me enviasse as amostras.

7) Advérbios não seguidos de vírgula:

Aqui me encontrei com ela, na primeira vez.

8) Gerúndio precedido da preposição **em**:

Em se **pensando** em férias, o Guarujá é um lugar excelente!

Observação: O futuro do presente, o futuro do pretérito e o particípio não aceitam a ênclise.

Enviarei-te
Enviaria-lhe
Tinha encomendado-o

Observação: A palavra que exige a colocação proclítica não precisa estar imediatamente antes do pronome. Mesmo assim, a próclise continua a ser obrigatória, como em:

Peço aos prezados colegas **que**, durante as reuniões, **se** restrinjam, ao máximo, à pauta estabelecida anteriormente.

Locuções verbais

	Infinitivo	***Gerúndio***	***Particípio***
Próclise	As moças **se** devem casar.	A moça **se** vem alegrando.	A moça **se** tem alegrado.
Mesóclise	As moças devem-**se** casar.	A moça vem-**se** alegrando.	A moça tem-**se** alegrado.
Ênclise	As moças devem casar-**se**.	A moça vem alegrando-**se**.	

Quando houver locução verbal em uma frase em que a próclise seja obrigatória, é preferível que o pronome anteceda o verbo auxiliar:

O estatuto não **se** deve aplicar a esta situação.

A colocação enclítica à locução também é aceitável:

O estatuto não deve aplicar-**se** a esta situação.

A mesóclise, contudo, é condenável:

O estatuto não deve-**se** aplicar a esta situação.

EXERCÍCIO

[**16.** Complete as lacunas, utilizando o pronome corretamente:

1) A imagem de pântanos movediços não ____ aplica ____ ao Pantanal Mato-grossense. (se)
2) Uma pessoa que sempre ____ apega ____ a você, na adversidade, com certeza é seu credor. (se)
3) Os portentos de que esta força é capaz ninguém ____ calcula. (os)
4) O próximo, se você não ____ puder ____ ajudar ____, pelo menos evite ____ prejudicar ____. (o-o)
5) Aqui ____ come ____ bem. (se)
6) Queremos ____ informar ____ que a luz do seu carro está acesa. (lhe)
7) ____ encontramos ____ apavorados uns com os outros; é preciso ____ conscientizarmos ____ de confiar outra vez nos outros. (nos-nos)
8) O crescimento ____ dá ____ quando as pessoas se arriscam a fazer experiências com suas próprias vidas. (se)
9) Nada ____ impedirá ____ de chegar às estrelas, se você assim ____ quiser ____. (o-o)
10) Mais ____ entenderíamos ____, se você não ____ colocasse ____ como o dono de toda a razão. (nos-se)
11) Próximo ao velho galpão, ____ tinham ____ sentado ____ as crianças. (se)
12) Devia estar cansada, porque ____ recolheu ____ ao quarto. (se)
13) Liberdade! Entre tantos que ____ trazem ____ na boca sem ____ sentirem ____ no coração, eu posso dar testemunho da tua identidade. (te-te)
14) Há tantas coisas misteriosas que ____ cercam ____ e que ____ escapam ____ à vista. (nos-nos)
15) Não era uma colônia que a si própria ____ governava ____. (se)

1.8 Emprego dos particípios duplos

VERBO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
expulsar	expulsado	expulso
exprimir	exprimido	expresso
salvar	salvado	salvo
suspender	suspendido	suspenso

Verbos que possuem apenas uma forma de particípio e que, portanto, não apresentam particípios duplos:

pegado
ganho
gasto
pago
aberto
coberto
escrito

> Ao lado de *ganho, gasto* e *pago* encontramos ainda as formas regulares *ganhado*, *gastado* e *pagado* que, por isso, não devem ser consideradas erradas. O mesmo acontece com pego, em relação a *pegado*. Essa orientação tem apenas a função de simplificação, levando em conta, estatisticamente, o uso dentro da mídia escrita atual.

Regra

Empregam-se as *formas regulares* nos *tempos compostos* da *voz ativa*:

Ernesto tinha **acendido** a luz.
A luz tinha sido **acesa**.
A luz está **acesa**.

EXERCÍCIO

[**17.** Complete com as formas adequadas de particípio:

1) O navio Paraíba foi ____ pelos navios Mearim e Belmonte, na batalha do Riachuelo. (salvar)
2) O cativeiro tinha sido ____ por alguns fazendeiros, antes mesmo da Lei Áurea. (suspender)
3) Ambos os soldados tinham sido ____ naquele ano. (aceitar)
4) O governo brasileiro, ultimamente, tem ____ mais do que tem ____ . (ganhar – gastar)
5) As fogueiras estavam ____. (acender)
6) Livros de trigonometria foram ____ por ordem de D. João VI, para uso da escola militar. (imprimir)
7) O partido já tinha ____ a renúncia do candidato. (aceitar)
8) A multidão já estava ____ àquela hora. (dispersar)
9) Dois ministérios foram ____ pelo atual presidente. (extinguir)
10) A expedição tentava filmar o Titanic, navio inglês que tinha ____ em sua viagem inaugural. (submergir)
11) Estas coisas todas estão muito bem ____ no livro de Heitor Lyra. (descrever)
12) Parecia que alguém havia ____ os planos. (descobrir)
13) O governo americano já tinha ____ toda a ajuda a Israel. (suspender)
14) Napoleão já tinha ____ duas cartas ao General Bernadotte. (escrever)

1.9 Guia de dificuldades da língua portuguesa

1) a, há

Emprega-se **a** quando houver referência ao futuro:
Virei daqui a duas semanas.

e **há** quando houver referência ao passado:
Estive aqui há duas semanas.

2) acético
Significa azedo.

ascético
Significa místico.

asséptico
Significa isento de germes.

3) acrobata

Palavra paroxítona.

4) a distância

Sem acento grave da crase no **a**, quando a distância não for conhecida. Se for conhecida, haverá o acento grave:

Vi um barco a distância.

Vi um barco à distância de 400 metros.

5) a fim de

Escreve-se separadamente.

6) álcool, alcoólico, alcoólatra.

7) alface

Palavra feminina: a alface.

8) alisar

Verbo, com **s**.

9) anexo

Concorda com a palavra a que se refere:

Segue anexo o currículo.

Segue anexa a relação.

10) a par

A forma “ao par” é errada.

11) até o e até ao

As duas formas são corretas:

Fui até o correio **ou** até ao correio.

12) à toa

Advérbio: Andava à toa pelo parque.

Adjetivo: Era uma coisa à toa.

13) atrás
Com **s** e acento.

14) avaro
Acento tônico em **va** (paroxítona).

15) avisar
Diz-se:
Aviso-o de que Paulo chegou
ou:
Aviso-lhe que Paulo chegou.

16) avô e avô
Plural: avôs.

avó e avó
Plural: avós.

avô e avó
Plural: avós.

17) baronesa
Palavras que provêm de substantivo (cf. p. 110-111), como títulos de nobreza (baronesa, marquesa), se escrevem com s.

18) bastante
Invariável como advérbio:
Os médicos trabalham bastante.
Como adjetivo, concorda com o substantivo por ele modificado:
Fiz bastantes vezes este trajeto.

19) batavo
Holandês (paroxítona).

20) bílis
O adjetivo correspondente é biliar.

21) brasa
Escreve-se com **s**.

22) buzina
Escreve-se com **z**.

23) cabeleireiro
Forma correta. Vem de cabeleira.

24) cada
É erro em final de frase:
Custou 100 reais cada.
Forma correta:
Custou 100 reais cada garrafa.

25) cãibra
Escreve-se também câimbra.

26) cassar
Cassar uma licença (torná-la sem efeito).

27) catorze
Deve-se preferir esta grafia à grafia "quatorze."

28) certificar
Certifico-o de que **ou** Certifico-lhe que.

29) cessão
Ceder alguma coisa.
Sessão: duração de um evento.
Seção: parte ou divisão: Seção de calçados.
Secção: corte.

30) cetim
Escreve-se com **c**.

31) chassis
Forma portuguesa do francês *chassis*.

32) cinquenta
É como se deve escrever. A forma “cincoenta” não existe.

33) circuito
Pronuncia-se “circúito”, e não “circuito”.

34) côa
Com acento:
Ela côa o café.

35) cociente
Ou quociente.

36) cotidiano
Ou quotidiano.

37) comparecer **ao** ou **no**
Compareci ao departamento ou no departamento.
Quando se trata de evento, usa-se sempre a preposição **a**:
Compareci ao julgamento.

38) comunicar

Na voz passiva, utiliza-se apenas quando o sujeito é aquilo que foi comunicado, como em:

A mudança de horário foi comunicada a tempo.

O emprego com sujeito humano, como em:

Todos os funcionários foram comunicados do novo horário,

é errado. Deve-se, nesse caso, utilizar verbos como *informar*, *avisar* etc:

Todos os funcionários foram informados / avisados do novo horário.

39) concertar
Combinar alguma coisa:
Vamos concertar um plano.
Vou assistir a um concerto de piano e orquestra.

40) consertar
Reparar:
Vou consertar a roupa.

41) creem
Com dois **es** e sem acento (conforme a nova ortografia).

42) croqui
Forma portuguesa do francês *croquis*.

43) curtume
A forma "cortume" é errada.

44) descrição
Ato de descrever.
Discrição: ato de ser discreto.

45) discriminar
É relacionar: Discriminar as despesas.
Descriminar é tirar o crime: Descriminar a maconha.

46) deslizar
Escreve-se com **z**.

47) devido a
Devido ao calor, Devido àquela moça etc.

48) dó
Masculino: Estou com um dó desta menina!

49) empecilho
E não “impecilho.”

50) “Entrar e sair da sala”
Construção errada. O verbo entrar pede **em**, e sair pede **de**.
Logo, a maneira correta é:
Entrar na sala e sair dela.

51) emprestar
Certo quando significa ceder a alguém alguma coisa:
Emprestei um livro a meu amigo.
No sentido de tomar por empréstimo é errado. O certo é dizer **Pedir emprestado**, neste último sentido, e o particípio emprestado concorda com a coisa emprestada:
Pedi emprestados os CDs.

52) entre mim e você
Entre é preposição, e, assim, só rege formas tônicas oblíquas de pronomes.
“Entre eu e você” é construção errada.

53) esplêndido
Escreve-se com **s**. Da mesma forma esplender, esplendoroso, esplendor.

54) espontâneo
Com **s**.

55) “Estar em dez”
Diga-se:
Estávamos dez na sala
e não:
Estávamos em dez na sala.
Da mesma forma:
Em casa somos sete
e não:

Somos em sete.

56) estrangeiro
Com **s**.

57) estranho
Com **s**.

58) expiar
É remir a culpa, purificar-se.

59) extravasar
Com **x** e **s**.

60) fac-símile
Pronuncia-se "fac-símile".

61) faz dez anos
Certo. O verbo fazer é, neste caso, impessoal.

62) figadal
Inimigo figadal, e não "fidagal." Tem relação com fígado.

63) filantropo
Palavra paroxítona.

64) flecha
Escreve-se com **ch**.

65) fusível
Capaz de fundir-se. É um componente utilizado em eletricidade.

66) fuzil
Arma militar.

67) giz
Com **z.** Plural: gizes.

68) gorjear
Com **j.**

69) gorjeta
Com **j.**

70) gozar
Com **z.**

71) grã-fino
E não "grãfino" nem granfino.

72) grama
Masculino, quando significa peso: Trezentos gramas.

Feminino quando significa capim.

73) grassar
É espalhar:
A moléstia grassou por aqui.

74) gratuito
Pronuncia-se "gratúito".

75) haja vista
Constrói-se:
Haja vista este problema, Hajam vista estes problemas.
Vista é, no caso, o substantivo vista (= olho).

76) hangar
Pronuncia-se "hangár".

77) hilaridade

Alegria, riso. “Hilariedade” é errado.

78) hombridade

Com **h** porque provém de *hombre* (= homem), em espanhol.

79) ibero

Pronuncia-se “ibéro”.

80) ímã

81) iminente

Que está para acontecer. “Eminente” é ilustre.

82) incontinente

Que não é moderado. “Incontinenti” é advérbio, significa imediatamente, sem demora.

83) indignar-se

Pronúncia correta: “indígno-me”.

84) informar

Diz-se:

Informo-o de que **ou** Informo-lhe que.

85) infringir

Significa violar.

86) ínterim

Espaço de tempo. É proparoxítono.

87) intervir

Conjuga-se como o verbo vir:

Ele interveio na questão.

88) irascível
Ligado à palavra ira.

89) jantar
Forma correta do substantivo. “Janta” é forma incorreta.

90) jeito
Com **j.**

91) jiboia
Com **j.**

92) jus
Com **s.**

93) lactante
É a mãe que amamenta.

94) lactente
É a criança amamentada.

95) leem
Com dois **es** e sem acento (conforme a nova ortografia).

96) lêvedo
Palavra proparoxítona.

97) lista
Relação.

98) listra
Risca de cor diferente.

99) mal
Advérbio: Trabalhou mal.
Mau é adjetivo:

É um mau sujeito.
Use **mal** sempre que puder colocar no mesmo lugar o advérbio oposto **bem**.
Diremos: Trabalhou bem, e nunca: Trabalhou **bom**; portanto, Trabalhou **mal**.

100) maquilagem ou maquiagem
Formas portuguesas do francês *maquíllage*.

101) mais bem
Correto antes de particípio: Mais bem posto.

102) maisena
Escreve-se com **s**.

103) majestade
Com **j.**

104) Manuel
Com **u**.

105) maquinaria ou maquinário
A forma "maquinária" não existe.

106) meio-dia e meia
Meia significa meia hora.

107) moral
No masculino, significa ânimo, coragem:
As tropas estão com o moral alto.
No feminino, significa conduta ética:
A moral de um torturador é nenhuma.

108) morar em
Diz-se:
Moro na rua Lusitana,

e não:
"Moro à rua Lusitana".

109) necropsia
Acento tônico no si.

110) ó
Quando se chama:
Ó Maria! (antes de vocativo).
Oh! Quando se exclama:
Oh! que lindo dia!

111) obedecer
Exige **a**:
Obedeço ao pai.

112) óbolo
Donativo. Não contém u.

113) obeso
Pronuncia-se "obéso" ou "obêso".

114) obrigado
Quando quem fala é homem.

obrigada
Quando quem fala é mulher.

115) óculos
Emprega-se sempre no plural:
Meus óculos estão na mesa.

116) ojeriza
Com **j** e **z**:
Tenho ojeriza à mentira.

117) pagar
Pagar alguma coisa a alguém:
Paguei ao padeiro, Já lhe paguei.

118) pajé
Com **j.**

119) pajem
Com **j.**

120) palácio
Estive **em** palácio, com o governador.
e não:
Estive **no** palácio, com o governador.

121) para
Preposição: Vou para lá.
Forma verbal (parar): Para-brisa, para-choque, paraquedas.

122) para **eu** fazer
Antes do verbo no infinitivo, normalmente usa-se **eu**.

123) paralisar
Com **s**. Provém de parálise + ar.

124) pátio
Com **i.**

125) pedir para
Quando se pede licença:
Peço [licença] para sair.

126) pedir que
Não se tratando de licença, é pedir que:
Peço que se aproxime.

127) personagem
A personagem ou o personagem. Indiferente.

128) por isso
Escreve-se separadamente.

129) porque
Conjunção causal:
Não fui **porque** choveu.

Conjunção explicativa:
Não chores, **porque** a vida é luta árdua.

Substantivo:
A criança está na idade dos **porquês**.

Escreve-se separado:
a) quando porque for advérbio interrogativo:
Por que você fugiu de casa?

b) quando o que for pronome relativo:
Este é o assunto **por que** me interesso.

c) quando o que for um pronome interrogativo:
Por que assuntos você se interessa?

Observação: Quando acontecer no final de uma oração interrogativa, o **que** é acentuado:
Você não vai à festa **por quê**?

130) prazerosamente
E não "prazeirosamente."

131) precisar
Precisa-se de informações **ou** Precisam-se informações.

132) preferir

Pede preposição a:
Prefiro sair **a** ver televisão.

É errado dizer também "prefiro mais":
Prefiro mais este filme.

133) presságio
Com **ss.**

134) prezado
Com **z.**

135) proeminente
Saliente (sentido físico).

136) preeminente
Ilustre.

137) proeza
Com **z.**

138) propositadamente
Forma recomendada, em vez de "propositalmente".

139) propositado
Forma recomendada, em vez de "proposital".

140) questão
Pronúncia: "kestão".

141) quis
Com **s.** Quiser, quisesse etc.

142) quite, quites
Para uma só pessoa, quite. Mais de uma pessoa, quites:
Estou quite, Estamos quites.

143) rastro, rasto

Ambas certas. São formas sincréticas.

144) ratificar

Aprovar, confirmar.

145) retificar

Deixar reto, mudar, corrigir.

146) reaver

Conjuga-se pelo verbo haver, porém só quando há **v**: reaverei, reouvemos, reouvesse etc.

147) residir

Pede **em**:

Resido na rua do Comércio.

148) rubrica

Pronuncia-se "rubríca".

149) ruço

Cor.

150) russo

Da Rússia.

151) ruim

Pronuncia-se "ruím".

152) servir o ou servir ao

Sirvo o Brasil **ou** Sirvo ao Brasil.

153) sortir

Abastecer.

154) surtir

Produzir: Surtiu resultado.

155) suor
Pronuncia-se "suór" (vogal aberta).

156) surripiar
Com **i.**

157) têxtil
Com acento circunflexo. Plural: têxteis.

158) tireoide (sem acento agora) e tiroide
A forma preferível é "tireoide".

159) todo
Totalidade:
Todo prédio foi pintado. (= todos os prédios)

160) todo o
Totalidade das partes:
Todo o prédio foi pintado. (= o prédio inteiro)

161) tóxico
Pronuncia-se "tóksiko".

162) Toxicômano
Pronuncia-se "toksikômano".

163) vazar
Com **z**.

164) ver
O futuro do subjuntivo é vir:
Quando eu **vir** seu marido, lhe telefono.

165) vir
O futuro do subjuntivo é vier:
Quando você **vier**, traga sua irmã.
Observação: O verbo intervir é composto de vir. Diz-se, portanto:
A polícia interveio.

166) viagem
Substantivo.

167) viajem
Forma do subjuntivo de viajar.

168) Vossa Excelência
Terceira pessoa, reclamando, por isso, o, a, lhe, seu, sua etc.:
Vossa Excelência deve receber sua encomenda dentro de um mês.

169) vultoso
Quer dizer: de vulto.

170) vultuoso
Que apresenta inchaço, sintoma de doença.

Resolução dos exercícios

1.1 Acentuação gráfica

(**1.** Assinale as palavras tônicas e as palavras átonas:

Um	homem	só	é	verdadeiramente	livre,	quando
a	**t**	**t**	**t**	**t**	**t**	**t**

sua	liberdade	pode	caminhar	com	a	liberdade
t	**t**	**t**	**t**	**a**	**a**	**t**

dos	outros	homens.
a	**t**	**t**

(**2.** Assinale as sílabas tônicas das palavras abaixo:

tinta	i**be**ro	**ô**mega	**flui**do
a**rí**ete	maquina**ri**a	fle**xí**vel	ru**bri**ca
in**sô**nia	a**va**ro	ba**ta**vo	**bá**varo
ru**im**	de**lí**rio	gra**tui**to	ci**clo**pe
filan**tro**po	**lê**vedo	Gibral**tar**	han**gar**
ímprobo	in**tui**to	pu**di**co	u**re**ter
zênite	**glú**ten	mo**nó**lito	cir**cui**to
álibi	ae**rós**tato	ar**qué**tipo	**vo**o
ae**ró**lito	acro**ba**ta	a**nó**dino	ava**ri**a
cônjuge	desva**ri**o	eru**di**to	for**tui**to

1.1.2 Regras de acentuação gráfica

(**3.** Acentue graficamente, quando necessário:

ideia	frente	coroa	circuito
matéria	gás	bloco	feiura
baiuca	possível	construídos	juízo
sismógrafo	gratuito	destróier	pôr (*verbo*)
planície	toda	item	tatu
perpétuo	milênio	bordo	somente
gládio	difícil	piloto	soviético

formidável	conforto	elétron	responsável
ciclo	próprio	juiz	ali
estágio	veículo	instância	móvel
móveis	travessia	fez	asteroide
ovo	pessoa	além	vândalo
fértil	média	incluía	sêmen
resistência	centígrado	leoa	nível
amiúde			

1.2 Emprego do acento da crase

(**4.** Nas frases que seguem, indique a crase, quando houver:

1) Resistimos **à** paixão mais por sua fraqueza do que por nossa força.
2) **A** rebelião contra os tiranos é obediência **a** Deus.
3) Cristina chegou **à** uma hora e estava **à** procura do Maurício.
4) Simone voltou duas vezes **a** casa, **a** procurar o passaporte.
5) **A**quele que sobrevive **a** seu inimigo, um dia só que seja, atingiu **a** sua meta.

6) O amor vê, **a** distância, **a** liberdade, mas prefere ficar preso **à** doçura de um sorriso.
7) Apressemo-nos **a** ceder **à** tentação, antes que ela se vá.
8) Os restaurantes de bordo servem lanches **à** base de sanduíche.
9) Quanto **à**s experiências, os clubes enviam propostas **à** Ciranda da Ciência.
10) Há pessoas que compram **a** fama e outras que se vendem **a** ela.
11) Renunciamos **à** paz, **à** medida que queremos preservar nossa liberdade.
12) **A** visita **à** National Gallery, em Londres, favoreceu **a** compreensão dos quadros de Monet.
13) Atribuía-se **à** iniciativa privada **a** maioria dos benefícios sociais.
14) **A** visita **à** reserva da Lagoa São Paulo provocou uma reação **à** crise ecológica.
15) **A** felicidade não é o pão, mas o sonho que se oferece **à**s pessoas.
16) **A** lógica matemática permite **à**s pessoas ordenar fatos, objetos e números.
17) É importante ser sensível **à**s diferenças entre **a**s pessoas e **a**s suas emoções.

1.4 Pontuação. Emprego da vírgula

(5. Coloque vírgulas, quando necessário:

1) A MCA, produtora de cinema, foi comprada pela Matsushita.
2) Aos noivos os padrinhos deram uma geladeira.
3) O bem da humanidade consiste em gozar o máximo de felicidade, sem diminuir a felicidade dos outros.
4) Alguns ouvem com as orelhas, outros, com o estômago.
5) Rosana, sua bolsa está aberta.
6) O homem, que é racional, saberá evitar uma terceira guerra.
7) Quando a nave atingir sua órbita, desligará os motores.
8) Viajando de automóvel, você conhecerá mais coisas.
9) O ministro disse aos empresários que a inflação vai cair.
10) Franco, militar espanhol, governou a Espanha, durante quarenta anos.
11) Esta medida, se não tomarmos providências, aumentará o pagamento de imposto de renda.
12) O Gol, um dos carros mais vendidos no Brasil, sofreu muitas modificações, desde o lançamento.
13) Desde que entraram na moda, as peças napoleônicas adquiriram valores incalculáveis.
14) Pode-se apontar, além disso, outro mal-entendido, a respeito da greve em serviços essenciais.
15) Com muita calma, ele conseguiu, depois de muita pesquisa, descobrir a causa da perda de energia.
16) A hóstia, o arado, a palavra correspondem aos três sacerdócios do Senhor.
17) Antes de começar, é importante, pois, entender como as informações são inseridas no computador.
18) Ao apagar um arquivo, lembre-se de que isso é feito de forma permanente.
19) Os filósofos costumam ignorar que a ciência não existe no vácuo.
20) A pesquisa científica, mesmo realizada por conta própria, é uma atividade social e cultural.
21) Quase sempre, adiamos a vida, deixando de dar atenção ao momento.
22) A incerteza é a companhia necessária a todos os exploradores.
23) Feola, técnico da Seleção de 58, possuía um físico muito pouco atlético.

24) As religiões, prometendo infernos para além deste mundo, foram mais inventivas do que Deus.
25) O esforço pessoal são os braços e as pernas da inteligência.

1.5 Concordância

1.5.1 Concordância nominal

(6. Complete as lacunas, observando a concordância nominal:

1) Patrícia viu, na fazenda, várias vacas e uma planta **aquática**.
2) Professores da USP, em convênio com o Centro de Estudos **Luso-brasileiros**, desenvolvem pesquisas **linguístico-literárias**.
3) O presidente viajou **bastantes** vezes aos Estados Unidos.
4) **É preciso** bastante cautela para lidar com cobras venenosas.
5) Minhas filhas são **tais qual** a mãe.
6) Os vestidos **lilases** estão fora de moda.
7) Até nove meses de idade, as crianças **surdas-mudas** não sofrem influência da língua-ambiente.
8) Rosana comprou blusas **brancas** e saias **vinho**.
9) Todos acharam **maravilhosas** as flores que você me enviou.
10) Os fiscais do PT ficaram **alerta**, na apuração, para evitar fraude.
11) Os carros **azul-marinho** tiveram procura reduzida este ano.
12) O governo brasileiro pediu mais dois milhões **emprestados** ao FMI.
13) **Enterradas** 15 toneladas de resíduos radioativos em tambores blindados, ainda assim existe algum perigo de vazamento.
14) Numa instalação **anexa** à usina nuclear de Angra I, há uma piscina cheia de água.
15) Fábio comprou para a piscina um filtro e um motor **blindado/blindados.**
16) Os egípcios utilizavam **tosco/toscos** trenó de madeira e rolos feitos de troncos de árvore para transportar grandes pedras.
17) A explosão de uma bomba nuclear produz um grande cogumelo branco, cuja base **vermelho-escura** atinge milhões de graus centígrados.
18) Na Idade Média, além da violência, a miséria e a ignorância **supersticiosa** recobriam toda a Europa.
19) McInnis e Beedell, em sua viagem ao Polo Norte, tomaram o cuidado de não ficar **amarrados** ao barco.
20) Juliana tinha **lambuzados** o rosto e as mãos de sorvete.

1.5.2 Concordância verbal. Primeira parte

(7. Efetue a concordância verbal, usando os verbos propostos no pretérito perfeito do indicativo:

1) **Cortaram-se** todas as árvores do parque.
2) A maioria das pessoas não **gostou** *ou* **gostaram** dessa decisão.
3) A maior parte dos ouvintes **reclamou** *ou* **reclamaram**.

(8. Use uma das alternativas entre parênteses, nos espaços em branco:

1) Os Estados Unidos não **gostaram** da medida. (gostou/gostaram)
2) Mais de um jornal **noticiou** o fato. (noticiou/noticiaram)
3) Rosana foi uma das que me **acusaram**. (acusou/acusaram)
4) Fui eu quem **ganhou** o prêmio. (ganhou/ganhei)
5) Fui eu que **ganhei** o prêmio. (ganhou/ganhei)

(9. Siga o exemplo:

1) Vendo uma casa.	**Vende-se** uma casa.
2) Vendo duas casas.	**Vendem-se** duas casas.
3) Compro um apartamento.	**Compra-se** um apartamento.
4) Exijo referências.	**Exigem-se** referências.

(10. Assinale as frases erradas:

1) Os quatro íamos tranquilos pela estrada.
2) Tudo são meras ilusões.
3) Devem fazer dois minutos que essa criança nasceu! (**E**)
4) Podem haver muitos inscritos para o concurso. (**E**)

(11. Use **é** ou **são**, nos espaços em branco, conforme convier:

1) **São** cinco horas da tarde.
2) Nosso problema **é** *ou* **são** as crianças.
3) Os Estados Unidos **são** uma nação poderosa.
4) Três metros dessa fazenda **é** suficiente para mim.

(**12.** Assinale as frases erradas quanto à concordância verbal:

1) Uvas é muito gostoso.
2) Fazem dez anos que não vou à escola. (**E**)
3) Deram cinco horas agora mesmo.
4) Deu(**ram**) cinco horas agora mesmo no relógio. (**E**)
5) Vai(**ão**) bater seis horas daqui a dois minutos. (**E**)
6) A maioria das pessoas ficou surda.
7) A maioria das pessoas ficaram surdas.
8) Oitenta por cento dos brasileiros apoiaram a decisão.
9) Noventa e nove por cento dos brasileiros apoiou(**aram**) a decisão. (**E**)
10) Cinquenta milhões é muito dinheiro!

(**13.** Assinale as frases corretas quanto à concordância verbal:

1) O Amazonas é um rio fabuloso. (**C**)
2) Existe(**m**) muitos turistas no Rio de Janeiro.
3) Os Alpes é (**são**) maravilhoso(**s**).
4) Chegou(**aram**), agora mesmo, os aviões dos Estados Unidos.

1.5.3 Concordância verbal. Segunda parte

(**14.** Efetue a concordância verbal, usando os verbos propostos nos tempos indicados:

1) Nem seu marido nem seu pai me **entregou** *ou* **entregaram** o recibo.
2) Jorge ou Roberto **será** o presidente.
3) Não só as crianças mas também os adultos **precisam** de compreensão.
4) Cada funcionário, cada gerente, cada secretária **é responsável** pela limpeza e disciplina.
5) Ou ele ou nós **viajaremos** nas férias.
6) **Permaneceu** ou **Permanecemos** aqui Cristina, Márcia e eu.
7) **Viajou** ou **Viajaram** o presidente e dois ministros de Estado.
8) **Receberão** os presentes as alunas e a professora.
9) Um e outro **gostou** ou **gostaram** do sítio.
10) Tanto Paulo como Ricardo **disseram** a verdade.

1.6 Regência verbal

(**15.** Complete, se necessário, as seguintes frases, observando a regência verbal:

1) Quero-**o** para meu assessor.
2) A Vasp avisou **a**os passageiros que o voo foi adiado.
3) A Vasp avisou os passageiros de que o voo foi adiado.
4) O consulado visou os passaportes.
5) Avise **a**o prefeito que as ruas estão esburacadas.
6) Os países do "Cone Sul" aspiram **a** um mercado comum.
7) A renovação do empréstimo implicou aumento de juros.
8) Ninguém obedece **a**o que não tem o direito de mandar.
9) Bentinho residia **na** rua de Matacavalos.
10) Os americanos sempre preferiram carros conversíveis **a** carros convencionais.
11) A Secretaria da Saúde pede que ninguém acumule água parada ao ar livre.
12) Quero muito bem **a**o Maurício.
13) Os estudantes que residiam **na** rua Oscar Freire foram forçados a mudar.
14) Muitas vezes, o torcedor assiste **a** cenas de pugilato que substituem o futebol.
15) Informamos-**lhe** que sua defesa prévia foi acolhida.
16) Muitos ingleses preferem a poltrona Sherriff, criada por Sérgio Rodrigues, **a** móveis ingleses mais conservadores.
17) O mundo inteiro, em 1969, assistiu pela TV **à** chegada do homem à Lua.
18) Muitas casas situadas **na** rua da Assembleia foram demolidas.

1.7 Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos

(**16.** Complete as lacunas, utilizando o pronome corretamente:

1) A imagem de pântanos movediços não **se** aplica ao Pantanal Mato-grossense.
2) Uma pessoa que sempre **se** apega a você, na adversidade, com certeza é seu credor.

3) Os portentos de que esta força é capaz ninguém **os** calcula.
4) O próximo, se você não **o** puder ajudar, pelo menos evite prejudicá-**lo**.
5) Aqui **se** come bem.
6) Queremos **lhe** informar/informar-**lhe** que a luz do seu carro está acesa.
7) Encontramo-**nos** apavorados uns com os outros; é preciso **nos** conscientizarmos/conscientizarmo-**nos** de confiar outra vez nos outros.
8) O crescimento **se** dá/dá-**se** quando as pessoas se arriscam a fazer experiências com suas próprias vidas.
9) Nada **o** impedirá de chegar às estrelas, se você assim o quiser.
10) Mais **nos** entenderíamos, se você não **se** colocasse como o dono de toda a razão.
11) Próximo ao velho galpão, **se** tinham/tinham-**se** sentado as crianças.
12) Devia estar cansada, porque **se** recolheu ao quarto.
13) Liberdade! Entre tantos que **te** trazem na boca sem **te** sentirem no coração, eu posso dar testemunho da tua identidade.
14) Há tantas coisas misteriosas que **nos** cercam e que **nos** escapam à vista.
15) Não era uma colônia que a si própria **se** governava.

1.8 Emprego dos particípios duplos

[17. Complete com as formas adequadas de particípio:

1) O navio Parnaíba foi **salvo** pelos navios Mearim e Belmonte, na batalha do Riachuelo.
2) O cativeiro tinha sido **suspenso** por alguns fazendeiros, antes mesmo da Lei Áurea.
3) Ambos os soldados tinham sido **aceitos** naquele ano.
4) O governo brasileiro, ultimamente, tem **ganho/ganhado** mais do que tem **gasto/gastado**.
5) As fogueiras estavam **acesas**.
6) Livros de trigonometria foram **impressos** por ordem de D. João VI, para uso da escola militar.
7) O partido já tinha **aceitado** a renúncia do candidato.
8) A multidão já estava **dispersa** àquela hora.

9) Dois ministérios foram **extintos** pelo atual presidente.

10) A expedição tentava filmar o Titanic, navio inglês que tinha **submergido** em sua viagem inaugural.

11) Estas coisas todas estão muito **bem descritas** no livro de Heitor Lyra.

12) Parecia que alguém havia **descoberto** os planos.

13) O governo americano já tinha **suspendido** toda ajuda a Israel.

14) Napoleão já tinha **escrito** duas cartas ao General Bernadotte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez. *Produção do texto científico por universitários. Uma proposta de aplicação da gramática textual*. Campinas: PUC, 1985.

ALBANO, Eleonora Cavalcânti. "O psicolinguista convertido." *Cadernos de Estudos Linguísticos*, (13). Campinas: Unicamp, 1987.

ALVES, Rubem. *O amor que acende a luz*. 2.ed. Campinas: Papirus, 1999.

____. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papirus, 2002.

AMBROSE, Stephen. *O Dia D — 6 de junho de 1944: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra*. 2.ed. Trad. de Múcio Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BACH, Richard. *A história de Fernão Capelo Gaivota*. Trad. de A. R. Rosa e M. Rosález. Rio de Janeiro: Nórdica, 1970.

BILKSTEIN, Isidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. São Paulo: Ática, 1985.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*; Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. 3.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1972.

CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomen*. 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

CHAROLES, Michel. "Introduction aux problèmes de la cohérénce des textes." *Langue Française*, (38). 1978.

COMPARATO, Doc. *Roteiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

DIONÍSIO, Ângela de Paiva et al. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

GALBRAITH, Jonh Kenneth. *A era da incerteza*. 2.ed. rev. São Paulo: Pioneira, 1980.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

GORDON, Richard. *A assustadora história da medicina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

JENSEN, J. V. "Metaphorical constructs for the problem-solving process." *Journal of Creative Behavior*. New York: Creative Education Foundation, 9(2), 1975.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

MOUNIER, Emanuel. *O personalismo*. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1964.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PETRAS, Ross & Kathryn. *O melhor do besteirol: as 597 maiores asneiras jamais ditas*. Trad. Ruy Jungmann, Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

RONAI, Paulo. *Dicionário universal de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *O pequeno príncipe*. 12.ed. Trad. de Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

SEARLE, Jonh R. *Os actos da fala*. Trad. de Carlos Vogt et al. Coimbra: Almedina, 1984.

SHIRATO, Sérgio José. *Homem 70*. São Paulo: Loyola, 1974.

VAN DIJK, Teum A. *Text and context, explorations in the semantics and pragmatics of discourse*. London: Longman, 1977.

WEINRICH, Harald. *Le temps: le récit et le commentaire*. Paris, Seuil, 1973.

ÁticaUniversidade

A biblioteca básica da universidade brasileira

Escrever um conto, um relatório ou uma carta parece fácil. Porém, se nos lembrarmos de que cada uma dessas atividades requer o domínio de muitas estruturas da língua portuguesa, redigir se torna um exercício complexo. *Curso de redação* ensina a escrever de maneira natural e eficaz. A teoria é reforçada por exemplos retirados de romances, jornais e revistas e por exercícios que permitem a aplicação do que foi aprendido. Além disso, um apêndice gramatical reúne questões que normalmente se colocam no processo de redação. É, portanto, um livro para todos que precisam dominar com segurança a arte de escrever, na universidade ou no cotidiano.

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU é professor associado da USP e, atualmente, professor titular de língua portuguesa da Unesp. Tem mestrado, doutorado e livre-docência pela USP e pós-doutorado pela Unicamp.

ISBN 978-85-08-09138-6

